

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR  
EM CIÊNCIAS DA SAÚDE**

**DANILO DE MIRANDA ANHAS**

**CONSTRUÇÃO E FORTALECIMENTO DE REDES DE  
SOCIABILIDADE COMUNITÁRIA ENTRE JOVENS MORADORES DA  
PERIFERIA CUBATENSE**

**SANTOS**

**2019**

**DANILO DE MIRANDA ANHAS**

**CONSTRUÇÃO E FORTALECIMENTO DE REDES DE  
SOCIABILIDADE COMUNITÁRIA ENTRE JOVENS MORADORES DA  
PERIFERIA CUBATENSE**

Tese apresentada à Universidade Federal de São Paulo – *Campus* Baixada Santista, para obtenção do título de Doutor em Ciências.

**Orientador:**

Prof. Dr. Carlos Roberto de Castro e Silva

**Coorientador:**

Prof. Dr. Alexandre Barbosa Pereira

**SANTOS**

**2019**

Anhas, Danilo de Miranda

**Construção e fortalecimento de redes de sociabilidade comunitária entre jovens moradores da periferia cubatense /**

Danilo de Miranda Anhas. – Santos, 2019.

177f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo – *Campus* Baixada Santista. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde.

Título em inglês: Construction and strengthening of community sociability networks among young residents of Cubatão periphery.

1. Juventude. 2. Comunidade. 3. Subjetividade. 4. Afetividade. 5. Internet.

**DANILO DE MIRANDA ANHAS**

**CONSTRUÇÃO E FORTALECIMENTO DE REDES DE  
SOCIABILIDADE COMUNITÁRIA ENTRE JOVENS MORADORES DA  
PERIFERIA CUBATENSE**

PRESIDENTE DA BANCA

---

**Prof. Dr. Carlos Roberto de Castro e Silva**  
Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Aurea Maria Zöllner Ianni**  
Universidade de São Paulo (USP)

---

**Prof. Dr. Guilherme André Aderaldo**  
Universidade de São Paulo (USP)

---

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Lavínia Lopes Salomão Magiolino**  
Universidade de Campinas (UNICAMP)

---

**Prof. Dr. Vitor Sérgio Coelho Ferreira**  
Universidade de Lisboa (Instituto de Ciências Sociais)

Aprovado em: 26 de Junho de 2019

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo nº 2015/26500-5), pelo financiamento e concessão da bolsa de doutorado, que permitiu a concretização deste trabalho. Agradeço também à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e ao parecerista da FAPESP que, ao acompanhar o desenvolvimento do estudo, deu valiosas contribuições para a execução e aprimoramento do mesmo.

A todos os jovens moradores do local do estudo, que me ajudaram na construção destas reflexões e permitiram que eu me aproximasse um pouco de suas realidades. Também às instituições e profissionais que nestas trabalham pelo acolhimento e parceria, em especial ao Exército de Salvação.

Aos meus familiares, por estarem junto e me apoiarem em todos os momentos de minha formação pessoal, acadêmica e profissional, em especial, à minha avó que, assim como meus pais, me inspira. Às amigas e vínculos afetivos, que me ajudaram em momentos de maior dificuldade e me inspiraram a seguir em frente: Bruna, Juliana e meu amigo Gabriel, por todas as trocas afetivas em tantos bons encontros.

Aos companheiros do Laboratório de Estudos sobre a Desigualdade Social: Karina, Nádia, Mayara, Laís, Pâmela, Isabela e Daniela.

Aos professores Beto e Alexandre, por todos os afetos, diálogos e orientações, que tanto têm contribuído para a minha qualificação como pesquisador. E à Vivian, Alessandra e Milca, por me salvarem diversas vezes.

Agradeço também aos professores que participaram da minha banca de qualificação, Prof.<sup>a</sup> Kátia Maheirie (UFSC), Prof. Daniel Péricles (UNIFESP) e Prof. Guilherme Aderaldo (USP). As contribuições da banca foram ricas e contribuíram imensamente com a discussão dos resultados.

Aos professores do meu exame de defesa, Prof.<sup>a</sup> Aurea Ianni (USP), Prof.<sup>a</sup> Lavínia Magiolino (UNICAMP), Prof. Guilherme Aderaldo e Prof. Vítor Sérgio, pelas trocas de experiências e conhecimentos que, com certeza, continuarão a reverberar na minha carreira acadêmica.

Ao professor Vítor Sérgio (Universidade de Lisboa), que me acolheu no período em que estive na Universidade de Lisboa para o doutorado sanduíche, assim como meus amigos que lá conheci: Laura, Lis, Alexandre, Leka, Emerson, Janaína e Wolney.

*“[...] todo esforço puramente individual é vão”.*

(Brandão, 2012, p. 117)

## RESUMO

ANHAS, Danilo de Miranda. **Construção e fortalecimento de redes de sociabilidade comunitária entre jovens moradores da periferia cubatense**. 2019. 181 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Universidade Federal de São Paulo. Santos, 2019.

Esta tese tem como objetivo investigar e compreender a construção e fortalecimento de redes de sociabilidade comunitárias, entre jovens moradores da periferia de Cubatão, assim como estratégias de fortalecimento dos vínculos comunitários criados por estes indivíduos. Será defendida a tese de que espaços, como o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (representado pelo Exército de Salvação), o movimento *hip-hop* e as redes sociais virtuais são capazes de fortalecer vínculos comunitários, tendo a afetividade como um importante balizador. Os aportes teórico-metodológicos da Pesquisa Participante e da Hermenêutica de Profundidade nortearam o trabalho de campo e a análise dos resultados. A Psicologia Sócio-histórica guiou a discussão dos resultados, sobretudo a partir das categorias subjetividade e afetividade. O trabalho faz uma descrição histórica, com base em relatos de moradores, matérias jornalísticas e trabalhos acadêmicos sobre Cubatão e a comunidade abordada neste trabalho: a Vila dos Pescadores. Além disso, são descritas as trajetórias de vida dos interlocutores do estudo, assim como a criação de redes entre estes indivíduos, na comunidade e também na cidade de Cubatão. Assim, ficou evidente como os jovens circulam na comunidade, na cidade e tecem suas redes, que favorecem e facilitam a construção dos vínculos comunitários e de amizade. Também são descritos as formas e os sentidos da utilização das redes sociais virtuais entre os jovens da comunidade e como estas proporcionam reconhecimento, aprendizagens e relações afetivas, corroborando para a manutenção e criação de vínculos comunitários e de amizade. Conclui-se com a discussão sobre a potência de ação e de padecimento, discutindo, com base em alguns aportes espinosanos e na categoria da afetividade, afetos que permeiam os vínculos dos jovens no bairro, apresentando potencialidades e desafios para a construção da participação social e do sentimento de comunidade.

**Palavras-chave:** Juventude. Comunidade. Subjetividade. Afetividade. Internet.



## ABSTRACT

ANHAS, Danilo de Miranda. **Construction and strengthening of community sociability networks among young residents of Cubatão periphery**. 2019. 181 f. Thesis (Doctoral in Health Science) - Universidade Federal de São Paulo. Santos, 2019.

This thesis aims to investigate and understand the construction and strengthening of networks of community sociability among young people from the periphery of Cubatão, as well as strategies to strengthen community bonds created by these individuals. It will be defended the thesis that spaces such as the Service of Coexistence and Strengthening of Links (represented by the Salvation Army), the hip-hop movement and virtual social networks are able to strengthen community bonds, with affectivity as an important marker. The theoretical-methodological contributions of Participant Research and Depth Hermeneutics guided the fieldwork and analysis of the results. Socio-Historical Psychology guided the discussion of results, especially from the categories of subjectivity and affectivity. The work gives a historical description based on reports of residents, journalism and academic work on Cubatão and the community addressed in this work: Vila dos Pescadores. In addition, the life trajectories of the study interlocutors are described, as well as the creation of networks between these individuals, in the community and in the Cubatão city. Thus, it was evident how young people circulate in the community, in the city and weave their networks that favor and facilitate the construction of community bonds and friendship. Also described are the forms and meanings of the use of virtual social networks among the youth of the community and how they provide recognition, learning and affective relationships, corroborating for maintenance and the creation of community bonds and friendship. It concludes with the discussion about the power of action and of suffering, discussing, based on some spinozan contributions and the category of affectivity, affections that permeate the bonds of young people in the neighborhood, presenting potentialities and challenges for the construction of social participation and the feeling of community.

**Keywords:** Youth. Community. Subjectivity. Affectivity. Internet.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Baixada Santista. ....	38
Figura 2 - Página de Jornal sobre Tragédia na Vila Socó. ....	46
Figura 3 - Mapa da Vila dos Pescadores. ....	54
Figura 4 - Fotografia da Vila dos Pescadores, próximo à ponte do trem.....	55
Figura 5 - Fotografia de palafitas removidas na região onde ocorreu a ação de despejo.....	56
Figura 6 - Meme dos policiais.....	121
Figura 7 - Meme da fofoca. ....	122
Figura 8 - Meme do "Atire a Primeira Pedra". ....	123
Figura 9 - <i>Screen Print</i> do <i>WhatsApp</i> .....	136
Figura 10 - Meme das cotas.....	137
Figura 11 - <i>Screen Print</i> do <i>Facebook</i> .....	138
Figura 12 - Meme do pato e a meritocracia.....	140

## LISTA DE SIGLAS

<b>ACS</b>	Agentes Comunitários de Saúde
<b>CEP</b>	Comitê de Ética em Pesquisa
<b>CETIC</b>	Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>COSIPA</b>	Companhia Siderúrgica de São Paulo
<b>EPM</b>	Escola Paulista de Medicina
<b>FAPESP</b>	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IPVS</b>	Índice Paulista de Vulnerabilidade Social
<b>LEDS</b>	Laboratório de Estudos sobre a Desigualdade Social
<b>ONG</b>	Organização não Governamental
<b>OS</b>	Organização Social
<b>PCC</b>	Primeiro Comando da Capital
<b>PSDB</b>	Partido da Social Democracia Brasileira
<b>RMBS</b>	Região Metropolitana da Baixada Santista
<b>SCFV</b>	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
<b>SCFV</b>	Serviço de Convivência e Fortalecimento dos Vínculos
<b>TCC</b>	Terceiro Comando da Capital
<b>UBS</b>	Unidades Básicas de Saúde
<b>USIMINAS</b>	Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A.
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
1.1	Redes sociais virtuais	13
1.2	Internet e juventude	15
1.3	Internet, afetividade e amizade	17
1.4	Juventude e internet: estudos sobre a temática	21
1.5	Objetivos e estruturação da tese	25
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>28</b>
2.1	Referenciais teórico-metodológicos	29
2.2	Caminhos da pesquisa	30
2.3	Instrumentos de pesquisa	32
2.4	Análise dos resultados	32
2.5	Considerações sobre a hermenêutica de profundidade e pesquisa participante	33
<b>3</b>	<b>ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA</b>	<b>37</b>
3.1	Cubatão	38
3.2	Industrialização da cidade	41
3.3	Cubatão: o Vale da Morte	44
3.4	Cubatão: índices de vulnerabilidade	49
3.5	Saúde em Cubatão	51
3.6	Vila dos Pescadores	53
3.6.1	O tráfico e o crime na comunidade	59
3.6.2	Movimento <i>Hip-Hop</i>	62
3.6.3	O Exército de Salvação	63
<b>4</b>	<b>INTERLOCUTORES DO ESTUDO</b>	<b>68</b>
4.1	Suas trajetórias e histórias na comunidade	69
4.2	Tia Aparecida	69
4.3	Joaquim	74
4.4	Marcelo	77
4.5	Arthur	78
4.6	Leandro	82
4.7	Dênis	87
4.8	Amanda	88
4.9	Vítor	91
4.10	César	93
4.11	Nícolas	94

<b>5</b>	<b>REPERTÓRIOS JUVENIS E SUBJETIVIDADE .....</b>	<b>96</b>
5.1	O ser jovem na Vila dos Pescadores .....	97
5.2	Trajетórias em luta contra as consequências de desigualdade social .....	97
5.3	Identidades e reconhecimento .....	101
5.4	Trajетórias comunitárias marcadas por rupturas de vínculos .....	105
5.5	Ser jovem na comunidade: repertórios em tensão em busca de fortalecimento e ressignificações .....	109
<b>6</b>	<b>REDES VIRTUAIS E SUBJETIVIDADE.....</b>	<b>115</b>
6.1	Construção e fortalecimento de vínculos .....	116
6.2	Redes virtuais e (re)conhecimento.....	116
6.3	Lúdico, humor e lazer .....	120
6.4	Riscos e perigos nas redes sociais virtuais.....	126
6.5	Internet e afetividade: vínculos de amizade e vínculos comunitários .....	130
6.6	Sentidos da política expressos através das redes sociais.....	132
<b>7</b>	<b>AFETOS E ENCONTROS.....</b>	<b>141</b>
7.1	A potência de ação e a potência de padecimento .....	142
7.2	Medo e esperança .....	143
7.3	Piedade e amizade .....	145
7.4	Potência de ação e de padecimento: possibilidades e desafios .....	146
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>151</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>155</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>167</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>174</b>
	Bibliografia consultada	

## 1 INTRODUÇÃO

---

## 1.1 Redes sociais virtuais

Nos últimos anos, tem-se visto o crescimento da utilização da Internet, desde o seu advento, nos anos 1990, criando novas formas de sociabilidade (CASTELLS, 2003). Alguns fenômenos ilustram a forte presença da *web* na vida das pessoas no mundo inteiro, seja na articulação dos movimentos sociais, como por exemplo a Primavera Árabe (GOHN, 2014), ou mesmo na manutenção e criação de vínculos com outras pessoas que utilizam a Internet para se relacionar com seus pares (PEREIRA, 2007; CAIROLI; GAUER, 2009; ASSUNÇÃO; MATOS, 2014; FREITAS; AVELINO DA SILVA, 2014).

Em pesquisa realizada entre setembro de 2013 e fevereiro de 2014, o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC) apresenta alguns dados sobre o uso das tecnologias no Brasil. O estudo investigou 62,8 milhões de domicílios na região Sudeste e mostrou que 57% dos entrevistados possuem computador em seus domicílios e 51% desses domicílios têm acesso à Internet. Indica-se, ainda, que 63% dos entrevistados já acessaram a internet. Esses dados mostram um pouco sobre a relevância de algumas formas de tecnologia na vida das pessoas (CETIC, 2014).

Contudo, as consequências da utilização da Internet e tecnologias são objetos de discordância entre vários autores. Há aqueles que enxergam inúmeras vantagens no uso da rede, ao passo que outros possuem uma visão mais pessimista quanto ao fenômeno.

Kozinets (2002; 2014) aponta que os estudos pioneiros das relações mediadas por computador indicavam resultados bastante pessimistas: a internet seria uma terrível vilã para os relacionamentos humanos. Pinho (2011), por exemplo, destaca um processo de “guetização”, ocorrido nas relações via internet, em que as pessoas se isolam em seus próprios interesses, não havendo espaço para alteridade e diferença. Bauman (2001; 2008) é também um dos críticos fervorosos de como as relações humanas têm se constituído na modernidade, a qual ele chama de líquida, para se referir à efemeridade e frivolidade dos relacionamentos.

Os posicionamentos deste autor são duramente criticados por Nicolaci-da-Costa (2005) que, em estudos recentes, tem concluído que as relações via internet são tão positivas e duradouras quanto àquelas estabelecidas em ambiente não virtual. Mostram-se como relações nas quais ocorrem aprendizado, alteridade, troca de informações, experiências e vivências, superação de dificuldades pessoais e estigmas sociais.

Gomes (2010), com base na filosofia do Espinosa, estudou os afetos nas relações de amizade mediadas pela internet. Conclui que as relações mediadas pela internet são capazes de promover bons encontros, que potencializam os sujeitos. Destaca que a internet propicia a criação de vínculos duradouros, solidários e saudáveis, além de um ambiente de alteridade e que não necessariamente faz os indivíduos se afastarem das relações não virtuais. A internet aparece ainda como uma fonte de aprendizagem para as relações do mundo dito real.

Assim, observam-se diferentes visões sobre as qualidades das relações estabelecidas no universo *on-line*. Aqui, cabe indagar se as novas formas de sociabilidade podem se constituir como espaços de construção e de fortalecimento da participação social pelos jovens. No que tange à luta pelo fortalecimento da democracia, a Internet tem se mostrado uma ferramenta bastante interessante.

Gohn (2014) fala sobre alguns movimentos, como a Primavera Árabe, *Occupy Wall Street*, *Occupy Frankfurt*, *Adbusters*, *Anonymous*, que têm em comum a luta por democracia e valores como igualdade e liberdade. No Brasil, em 2013, tivemos o movimento que ficou conhecido como Passe Livre, o qual foi inteiramente, assim como os outros movimentos citados, articulado pela Internet e conseguiu a manutenção dos valores das passagens de ônibus.

Outras pesquisas ilustram mais alguns resultados interessantes quanto ao uso da Internet. Assunção e Matos (2014), em estudo qualitativo, analisaram o uso do *Facebook*® por adolescentes. Os resultados mostram que, além dos participantes do estudo conseguirem distinguir vida privada e pública, utilizam essa rede social para compartilhar vivências e experiências que não conseguem partilhar na vida dita real. Resultados semelhantes são apresentados por Freitas e Avelino da Silva (2014) e Cairoli e Gauer (2009), ao analisarem o uso de blogs por adolescentes.



Esses estudos sugerem que as relações estabelecidas por jovens na internet são fontes de aprendizagem de habilidades sociais, a serem transferidas para o mundo real. Ademais, as redes sociais são utilizadas para manter contato com amigos e parentes distantes e servem como extensão da vida real. (PEREIRA, 2007; BUCCI, 2009; CAIROLI; GAUER, 2009; ASSUNÇÃO; MATOS, 2014; FREITAS; AVELINO DA SILVA, 2014)

Os dados apresentados nos parágrafos anteriores indicam um uso relativamente alto das tecnologias, porém, há escassez de estudos qualitativos que correlacionam participação social, juventude, internet e saúde em comunidades em situação de vulnerabilidade social. Assim, ao presente estudo cabe indagar se a internet pode ser um instrumento capaz de fortalecer a participação social de jovens na comunidade. Pode ser a Internet um instrumento gerador de diálogos entre sujeitos que vivem uma mesma situação social e entre as instituições nas quais estes estão inseridos? E de que maneira ela pode ser utilizada como um instrumento de enfrentamento do sofrimento ético-político? (SAWAIA, 2011a).

## **1.2 Internet e juventude**

Inovações tecnológicas sempre são acompanhadas de inúmeros sentimentos e percepções pela sociedade. A internet e as redes sociais virtuais são um exemplo recente de como tais adventos mobilizam diferentes pensamentos e afetos entre os indivíduos. Toda essa gama de percepções e afetos torna-se ainda mais emblemática em contextos de fragilização e contratualização de vínculos humanos (DARDOT; LAVAL, 2016) e declínio do mundo e do homem públicos (SENETT, 2018) no capitalismo e neoliberalismo.

Em um mundo globalizado cada vez mais conectado, uma das grandes preocupações refere-se à privacidade. Indubitavelmente, a tecnologia e a internet criaram e alteraram formas de sociabilidade e de vivenciar a própria privacidade, facilitando a vigilância constante dos indivíduos e borrando as fronteiras entre o público e o privado (BRUNO, 2013). Todavia, esse processo é histórico e o declínio da privacidade e do mundo público não estão diretamente ligados à tecnologização

da vida (THIBES, 2017), mas sim a sucessivas transformações no tecido social, passando por questões éticas e de valores morais.

O mesmo pode-se dizer dos vínculos. Embora autores como Bauman (2003; 2008) atribuam a fragilização e a liquidez dos encontros e relacionamentos humanos à tecnologia e à internet, outros autores salientam o impacto que as redes sociais virtuais e a participação na web podem ter na formação, manutenção e fortalecimento dos vínculos.

Estudos como os de Suárez-Balcázar e García-Ramírez (2003) apontam como a utilização da internet, no que tange à busca de informações, pode contribuir para a transformação e organização comunitárias. Castells (2013) enfatiza, por exemplo, como movimentos sociais no início do século XXI puderam se organizar através da internet, na luta por democracia ao redor do mundo. Lévy (2010) é um autor que também ressalta o papel importante exercido pela cibercultura no aprendizado para uma vida democrática.

Azevedo (2010), em sua pesquisa de inspiração na filosofia dos afetos de Baruch Espinosa, afirma que a internet pode favorecer bons encontros e potencializar afetos, contribuindo para a (res)significação de vivências objetivas e subjetivas. A autora também indica o potencial da internet na criação de vínculos de amizade (AZEVEDO *et al.*, 2016).

Embora sejam estudos de naturezas distintas, Aderaldo (2013) evidencia, através de seu estudo etnográfico, o quanto coletivos de produção de vídeos em São Paulo, utilizando-se da tecnologia e da imagem, são capazes de construir outras concepções de periferia. Ferigato, Silva e Gozzi (2017) apontam que, através da cibercultura e suas novas formas de sociabilidade, grupos marginalizados têm conseguido produzir outras concepções acerca da inclusão e exclusão sociais, reconfigurando-as.

Os estudos de Boyd (2017), Sousa-Alves (2017) e Dias (2016) indicam o papel preponderante que as redes sociais virtuais exercem na construção de uma identidade, no caso dos adolescentes e jovens. Além desse aspecto importante da internet na constituição subjetiva e identitária de adolescentes e jovens, cabe dizer ainda que estes são os maiores utilizadores da web no Brasil. Segundo pesquisa

realizada pelo IBGE e divulgada pelo Portal G1, 85% dos 116 milhões de brasileiros conectados à internet tinham na faixa de 18 a 24 anos de idade (GOMES, 2018).

Um estudo etnográfico de Pereira (2016) descreve como os jovens das periferias paulistanas utilizavam as redes sociais. Efetuar o download de músicas funk, jogos e chats eram as formas predominantes de uso. Um interessante resultado concerne ao modo como os jovens incorporavam a seus repertórios os conteúdos *online*, reencenando em grupo, por exemplo, acontecimentos dos vídeos que viralizavam nas redes.

Algumas pesquisas têm focado também nos riscos oriundos da utilização da internet e das redes sociais. É o caso de uma pesquisa sobre *sexting*. O *sexting* é o ato de enviar fotografias da própria nudez e/ou vídeos, com o intuito de flertar ou consumir uma relação afetivo-sexual. Embora consista em um ato de experimentação da própria sexualidade e do corpo, pode acarretar consequências negativas, sobretudo para jovens do sexo feminino (ALONSO-RUIDO *et al.*, 2018). Ademais, as fotografias conhecidas como *selfies* tornaram-se extremamente populares. Nestas, os jovens têm expressado e reproduzido alguns valores da sociedade capitalista e de consumo, como por exemplo a felicidade e a autenticidade (GERMANO *et al.*, 2018).

### 1.3 Internet, afetividade e amizade

O surgimento das novas mídias digitais em fins do século XX e começo do século XXI geraram e têm gerado novas formas de sociabilidade e engajamento político, abrindo novas possibilidades para os indivíduos em seus relacionamentos e construção de uma nova cidadania. Muito se tem discutido na literatura acerca da Internet, sobremaneira no que concerne aos seus efeitos maléficos aos relacionamentos humanos.

No caso dos efeitos considerados negativos, Azevedo *et al.* (2016) apontam, baseando-se em Wolton (2003), que a internet reforçaria a concepção e ideal de homem liberal e individualista. A partir do momento que a internet torna possível performances baseadas em controle sobre a realidade, mesmo que virtual, ela

alimenta “[...] nefastas ilusões de uma sociedade na qual os homens podem se emancipar individualmente” (AZEVEDO *et al.*, 2016, p. 209).

Ainda citando Wolton (2003) e Sennett (1999), os autores comentam que estes pesquisadores consideram as novas mídias digitais como uma espécie de panóptico, ou seja, dispositivos de controle que exercem forte influência no comportamento das pessoas, vigiando-as e adequando-as conforme os interesses do mercado e da sociedade de consumo.

Azevedo *et al.* (2016) apresentam a internet como um instrumento de abertura para a alteridade, empatia, conhecimentos, informações e afetos. Os autores apresentam a internet como palco da experimentação política da amizade, baseando-se nos estudos de Arendt:

[...] a amizade, na concepção arendtiana do termo, é respeito e interesse pela opinião dos outros, não depende de intimidade, consiste no gosto pela opinião do outro, configurando uma relação desconcertante, “agonística”, na qual é possível viver o deslocamento/questionamento do familiar, deslocando-se para o lugar dos outros. [...] a relação de amizade entendida como experiência inter-humana do agir e do falar possibilita a experiência de ser visitado por outros, num contexto desafiador de coragem e ousadia da aparição (AZEVEDO *et al.*, 2016, p. 209).

Nesse sentido, a internet, baseada na comunicação muitos-muitos, tem o potencial de tornar-se palco de experimentações políticas de amizade, como foi ilustrado pelos pesquisadores no estudo realizado, ao qual o artigo se refere. As relações de amizade estabelecidas *on-line* atendem ao intuito de comunicar-se e aliar-se a pessoas que possuem ou não pontos de vista semelhantes sobre determinados assuntos.

Para os autores, essa concepção de política da amizade estabelece um diálogo com a teoria dos afetos do filósofo Espinosa. Os amigos, ao conversarem pela internet e trocarem informações, afetam-se mutuamente, estabelecendo uma relação intersubjetiva de amizade.

A compreensão da amizade em sua qualidade política designa um vínculo privilegiado de abertura à alteridade que permite ao corpo experimentações de afetar outros corpos e por eles ser afetado, cujos

efeitos podem suscitar transformações no registro da subjetividade, ou ainda da potência de agir (AZEVEDO *et al.*, 2016, p. 210).

Muitas das críticas negativas, feitas por estudiosos dos relacionamentos virtuais, referem-se ao aumento do isolamento e do afastamento, engendrados pela internet. Os autores citam, por exemplo, Nicolaci-da-Costa (2005), pesquisadora da questão, cujos achados mostram o contrário: a internet tem aproximado as pessoas e transformado relações virtuais em encontros com desdobramentos de vínculos duradouros.

Implícita nessas críticas está a ideia de que a internet configura relações artificiais por não serem presenciais. Entretanto, os autores, baseando-se na concepção espinosana de unidade entre corpo-mente, na qual um não existe sem o outro, propõe que o corpo se faz presente mesmo nas relações virtuais, através das falas, conhecimentos e afetos, compartilhados *on-line*. Desse modo, as relações *on-line* possuem um caráter de intercorporeidade, como o filósofo chamava. Não existem relações afetivas sem os corpos.

[...] trata-se de uma especificidade na qualidade da presença do corpo do interlocutor que se presentifica, por assim, dizer, através de seus valores, ideias e pensamentos. [...] uma nova maneira de estar junto na qual os sujeitos são afetados no registro da subjetividade (AZEVEDO *et al.*, 2016, p. 211).

As trocas de informações baseadas na internet teriam maior alcance, já que não passam pelo filtro da mídia dominante. Assim, algumas informações e notícias não transmitidos pela mídia tradicional são passíveis de atingir as pessoas. Porém, esse alcance é limitado, já que nem todas as pessoas possuem acesso à internet (AZEVEDO *et al.*, 2016).

A relevância política da comunicação mediada por computador resulta da possibilidade de compor modos de enfrentamento e recusa aos meios de comunicação dominantes que filtram e editam as informações de acordo com seus interesses. As novas tecnologias da informática instauram outras mídias não motivadas por interesses comerciais que potencializam a livre comunicação e discussão entre

as pessoas, não cooptadas pelos aparatos manipuladores de convicções das mídias dominantes (AZEVEDO *et al.*, 2016, p. 213).

A ideologia do mérito é transmitida vinte quatro horas por dia, em rede nacional, nas novelas, nos telejornais, no futebol. A mídia vende os sonhos de consumo, os sonhos para mudar de vida, mascarando e escondendo que não basta se esforçar. Existem questões que estão além da vontade individual. A mídia mostra o luxo, a vida mostra a pobreza; a mídia mostra a violência, o jovem vive a violência e convive com ela (GUARESCHI, 2007).

A emergência de uma consciência crítica sobre a realidade na qual vivemos não é possibilitada pela mídia dominante. O discurso desta é pautado na criminalização da pobreza e individualização do mérito, quando, na verdade, como disse sabiamente Jessé Souza, o mérito individual é socialmente construído. O jovem seduz-se com a única visão da vida e do mundo, que lhe é apresentada e perde, por uma considerável parcela de culpa dos meios de comunicação, a possibilidade de construir outras referências e existências (GUARESCHI, 2007).

Azevedo *et al.* (2016) não comentam, porém, a atuação dos algoritmos de inteligência artificial, que criam uma memória em relação aos sites e comunidades visitados regularmente pelos indivíduos. Assim, ao curtir uma página política de direita, o indivíduo tende a cada vez mais acessar páginas semelhantes, sugeridas pelo navegador ou plataforma virtual. Desse modo, tal flexibilização e abertura ao novo e à alteridade são relativos.

É incontestável que as comunidades *on-line* são capazes de produzir diálogos e aprendizagens, no que Lévy (2010) chama de inteligência coletiva, onde os indivíduos valorizam o saber do outro. Há possibilidades de reflexão sobre temas, assuntos, notícias, acontecimentos locais ou globais.

[...] as discussões nas comunidades beneficiam uma dinâmica de alegria que estimula os corpos a pensar, tornando-os mais propensos à compreensão das ideias adequadas e potencializados em sua capacidade de ação. A experimentação política da amizade nas comunidades na internet condiz com o exercício político de considerar a opinião do outro, que aumenta a capacidade de reflexão dos corpos (AZEVEDO *et al.*, 2016, p. 215).

Estas são algumas considerações que indicam o potencial democratizante da internet e das comunidades virtuais ou redes sociais. Entretanto, o artigo não logra explicar se as relações estabelecidas *on-line* aumentam a capacidade de agir dos corpos, por que as articulações e discussões feitas pelas pessoas nas comunidades, sobretudo acerca de assuntos políticos, não se convertem em ações e movimentos? Parece que todas as discussões em fóruns, chats e comunidades ficam no âmbito virtual, enquanto potência apenas, e não potência de ação.

As comunidades na internet propiciam o debate e a reflexão sobre os problemas sociais, mas há pouco desdobramento das discussões em organização política presencial. Há maior mobilização dos corpos para as discussões no contexto da internet, do que a articulação política de um coletivo. As comunidades na internet têm favorecido a experimentação de novos modos de exercício da cidadania. Porém, o uso dessas ferramentas ainda precisa ser melhor explorado e articulado, com projetos de desenvolvimento educacional, econômico e cultural (AZEVEDO *et al.*, 2016, p. 218).

Nesse sentido, a internet é apenas um instrumento técnico para a construção da cidadania e da participação social, guardando potenciais de promoção da reflexão, trocas de saberes e aprendizagens, afetividade e potência de ação. Existem, contudo, outras questões que permeiam o debate, que precisam ser discutidas e implementadas para que a internet seja realmente um instrumento de transformação do social.

[...] é necessário que a utilização da internet seja alimentada por projetos de desenvolvimento educacional, econômico e cultural para que nela pululem relações de experimentação política com o vigor da solidariedade que tragam mudanças significativas para o cotidiano das pessoas (AZEVEDO *et al.*, 2016, p. 218).

#### **1.4 Juventude e internet: estudos sobre a temática**

A internet, sobretudo as redes sociais virtuais, engendraram novas formas de relacionamentos, configurando novas subjetividades. Como vimos, a ideia de

adolescência e juventude como risco está presente no imaginário social e também nas políticas públicas no Brasil. As ideias de risco de vulnerabilidade estão presentes nos artigos, obtidos através de um levantamento sobre a temática juventude e internet, escritos em língua portuguesa, espanhola e inglesa. Os principais descritores utilizados foram: adolescência, juventude, redes virtuais, internet, redes sociais virtuais.

As ideias que representam a internet como um risco estão presentes no artigo de García, López e Jiménez (2014). O estudo reforça a concepção que trata o adolescente e o jovem como riscos, além de naturalizar essa fase da vida, apresentando-a como de turbulências e rebeldia. O estudo foi realizado na Espanha, e tinha como objetivo analisar os riscos enfrentados por adolescentes de 12 a 17 anos na internet, sobretudo nas redes sociais. Segundo os resultados encontrados, na internet os jovens ficam demasiadamente expostos a conteúdos sexuais, sofrem *cyberbullying*, marcam encontros com desconhecidos, informam dados pessoais. O estudo sugere que os responsáveis pelos menores de idade exerçam maior controle sobre as atividades que os filhos realizam no mundo virtual.

O *cyberbullying* pode ser definido como uma conduta agressiva e intencional, que se repete com grande frequência, contra um indivíduo ou um grupo de indivíduos, através de dispositivos eletrônicos (BUELGA; CAVA; MUSITU, 2012). Segundo Lozano (2015), as tecnologias da informação e o comportamento dos adolescentes na internet expressam realidades sociais mais amplas. Em seu estudo de revisão sobre o tema da internet e juventude, constata que há muitas pesquisas sobre o vício na internet e os perigos advindos do uso da web na vida dos jovens. Destaca o *cyberbullying*, uma modalidade de *bullying* que acontece na internet, sendo os indivíduos do sexo feminino as maiores vítimas. As mulheres são também as maiores vítimas de violência fora da realidade virtual.

Matías, Guerrero e Labay-Guerrero (2011) realizaram um estudo com adolescentes universitários da Colômbia sobre o acesso à pornografia. Para os pesquisadores, a internet facilita a exposição dos indivíduos a conteúdos sexuais e caberia aos governos e famílias um monitoramento mais rígido das atividades *on-line*. Os principais riscos para os adolescentes que acessam a pornografia estariam relacionados a uma busca por um corpo potente, geralmente representado nos



conteúdos pornográficos, que são intangíveis. Isso pode gerar sofrimento psicológico e afetar negativamente a autoestima dos adolescentes.

Apesar da ênfase dada a riscos e perigos da internet, alguns estudos se esforçam por demonstrar as potencialidades trazidas pelo uso das redes virtuais. Menslin (2011) demonstra, com sua pesquisa, a potencialidade e o impacto positivo que as mídias e a internet podem exercer no desenvolvimento da oralidade, audição e, portanto, na comunicação de crianças e adolescentes. Podem ser ferramentas lúdicas no processo de facilitar a expressão desses indivíduos.

Apesar de haver um forte viés que destaca as negatividades do uso da internet, uma pesquisa foi realizada na Espanha, entre os anos de 2009 e 2011, e constatou que os adolescentes (12 a 17 anos) entrevistados não percebem a Internet como perigosa e sentem-se seguros ao navegar na web. Utilizam a rede virtual para jogar, conversar com amigos, ouvir/baixar músicas, assistir a filmes e seriados. Utilizam também para conhecer pessoas novas, e um número muito reduzido destes passou por experiências negativas em encontros marcados pela internet (JIMÉNEZ, 2011).

Alguns artigos investigam o impacto dos jogos na internet no comportamento de adolescentes e jovens. O estudo de Rojas (2011) evidencia alguns fatores positivos dos jogos *on-line* como, por exemplo, a possibilidade de o jovem interagir com seus pares, compartilhando aprendizagens e interesses. Os jogos, na visão do autor, facilitam a capacidade de expressão e relacionamento, podendo desenvolver aspectos relacionados à cognição, liderança, afetividade e motricidade.

Para Rojas (2011), existem alguns fatores relacionados à procura de adolescentes e jovens pelos jogos *on-line*. A falta de carinho dos cuidadores, a ausência de diálogo e uma má relação com pais e familiares podem estar relacionados com as motivações para se jogar na internet. Guitiérrez *et al.* (2014) realizam um estudo que relaciona dificuldades emocionais, como por exemplo a impulsividade e a ansiedade, à adicção em jogos.

Um estudo quantitativo na área de Psicologia, realizado na Espanha, com 254 adolescentes na faixa etária dos 12 aos 17 anos de idade, chegou à conclusão de que o uso intensivo da internet e o tempo dedicado às atividades *on-line* não está diretamente ligado à diminuição de atividades físicas, importantes ferramentas na

promoção de saúde e o no desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e afetivas (CHAHÍN-PINZÓN; BRIÑEZ, 2011).

As dificuldades emocionais são bastante discutidas nos estudos que tratam da adicção na internet e nas redes sociais. A pesquisa de Guadix e George (2015) com adolescentes mexicanos de 12 a 18 anos permite compreender muitos fenômenos relacionados aos vínculos humanos, associando o uso da internet e das redes sociais à sensação de solidão, tristeza e ansiedade. O estudo afirma, ainda, que existe uma relação muito estreita entre o vício na internet e a depressão e/ou outros problemas emocionais, assim como em inúmeros outros estudos, como de Torrente *et al.* (2014).

Torrente *et al.* (2014) afirmam que os adolescentes e jovens que possuem poucas habilidades sociais tendem a se relacionar mais através de contatos virtuais. Alguns estudos nacionais, como por exemplo de Nicolaci-da-Costa (2005), apontam para a aprendizagem de habilidades nos contatos *on-line*, que são transpostas para os contatos face a face.

Entretanto, há uma corrente forte, sobretudo no campo da Psiquiatria, que tenta transformar o uso intensivo das redes sociais e da internet em uma patologia, desconsiderando o contexto social em que vivemos na atualidade. O artigo de Lam-Figueroa *et al.* (2011) apresenta o desenvolvimento de um instrumento para avaliar a adicção à internet. Embora mencione a importância de não se olhar apenas para o indivíduo, mas também para o seu contexto social, não caminha além de uma perspectiva que considera entorno social apenas como a família do adolescente.

Um interessante estudo realizado em Buenos Aires sobre os *cybers* (como as antigas *lan houses* no Brasil) e sua função na sociabilidade de adolescentes. O estudo faz importantes apontamentos sobre as desigualdades existentes no campo da inclusão digital. Um jovem que nasce no contexto das tecnologias não está necessariamente incluído no mundo virtual. Dessa forma, Linne (2014) critica o termo nativos digitais, pois este não é capaz de considerar as desigualdades existentes na forma de utilizar a internet e mascara a existência de jovens que estão excluídos da possibilidade de usar a internet. Aponta que os *cybers* argentinos eram capazes de promover a alfabetização digital, sociabilidade e inclusão cidadã.

Verifica-se que, nos estudos realizados na América Latina acerca da temática juventude e internet, há um esforço de se levar em consideração o contexto social, marcado pela desigualdade estruturada depois de séculos de exploração colonial. A exclusão digital de adolescentes pode prejudicar seu desempenho escolar e a ocorrência de intercâmbios culturais com outros adolescentes. Ressalta-se que jovens de classes sociais menos favorecidas, segundo o mesmo estudo, pouco utilizam a internet com a finalidade de estudos. Além disso, lidam com a precariedade de acesso à internet em seus bairros e nas escolas onde estudam (BASILE; LINNE, 2013).

Percebe-se que as publicações na temática abordam a questão juventude e internet, de maneira a enfatizar os riscos e perigos aos quais os adolescentes e jovens estão vulneráveis ao utilizarem a web. Enfatiza-se, também, o uso excessivo da internet, abordando-o como uma patologia, havendo iniciativas que buscam desenvolver e validar instrumentos desse tipo de adicção. Pouco se fala das potencialidades e aprendizagens suscitadas pela participação na *web*.

## **1.5 Objetivos e estruturação da tese**

Em vista dos argumentos apresentados no breve estado da arte, realizado nesta seção introdutória, esta tese tem como objetivo investigar e compreender a construção e fortalecimento de redes de sociabilidade comunitária entre jovens moradores da periferia de Cubatão, assim como estratégias de fortalecimento dos vínculos comunitários criados por estes indivíduos. Será defendida a tese de que espaços como o Serviço de Convivência e Fortalecimento dos Vínculos (SCFV), representado pelo Exército de Salvação, o movimento *hip-hop* e as redes sociais virtuais são capazes de fortalecer vínculos comunitários, tendo a afetividade como um importante balizador.

No capítulo 2 desta tese, serão apresentados alguns aportes teórico-metodológicos, que nortearam o trabalho de campo e a análise dos resultados, sendo esta última construída com base na Hermenêutica de Profundidade (THOMPSON, 2011). Como será discutido, essa metodologia pressupõe três etapas da construção dos resultados: a análise sócio-histórica, análise formal e a interpretação

/reinterpretação. São etapas que convergem e se complementam. Ademais, neste capítulo serão discutidos alguns conceitos utilizados pela psicologia sócio-histórica, e que nortearam a construção e análise dos resultados (LANE, 2004, 2010).

No capítulo 3, intitulado *Análise sócio-histórica*, será feita uma descrição histórica, com base em relatos de moradores, matérias jornalísticas e trabalhos acadêmicos sobre Cubatão e a comunidade abordada neste trabalho: a Vila dos Pescadores. Além disso, serão descritos alguns dados sociodemográficos, no sentido de contextualizar o presente estudo.

O capítulo 4 é intitulado *Interlocutores do Estudo: suas trajetórias e histórias na comunidade*. Esta seção, que faz parte da etapa da análise formal proposta pela Hermenêutica de Profundidade, tem como objetivo descrever as trajetórias de vida dos interlocutores do estudo, assim como a criação de redes entre estes indivíduos, na comunidade e também na cidade de Cubatão, contextualizando estes discursos com a análise sócio-histórica. Assim, ficará evidente como os jovens circulam na comunidade, na cidade e tecem suas redes, que favorecem e facilitam a construção dos vínculos comunitários e de amizade.

No capítulo seguinte, chamado *Repertórios juvenis e subjetividade: o ser jovem na Vila dos Pescadores*, há um aprofundamento nos discursos dos jovens. Se na análise formal eles parecem estar ainda, de certo modo, fragmentados, neste capítulo há um esforço de aglutinar as experiências singulares dos indivíduos inseridos no movimento *hip-hop* e Exército da Salvação, compreendendo os sentidos de sua participação na comunidade e como as redes criadas por eles se inter cruzam e apoiam o emergir de outros repertórios e referências. A partir desse capítulo, adentramos na fase da interpretação/reinterpretação.

No capítulo 6, *Redes virtuais e subjetividade: construção e fortalecimento de vínculos*, são descritos as formas e os sentidos da utilização das redes sociais virtuais entre os jovens da comunidade. Aqui, a internet e as redes sociais virtuais são apontadas como importantes aspectos, que proporcionam reconhecimento, aprendizagens e relações afetivas, corroborando para a manutenção e criação de vínculos comunitários e de amizade.

Ainda na fase de interpretação/reinterpretação, no último capítulo: Afetos e encontros: a potência de ação e a potência de padecimento, discutem-se, com base em alguns aportes espinosanos e na categoria da afetividade, afetos que permeiam os vínculos dos jovens na comunidade, apresentando potencialidades e desafios para a construção da participação social e do sentimento de comunidade.



## 2.1 Referenciais teórico-metodológicos

Este estudo de doutoramento, de abordagem qualitativa tem como referencial teórico a Psicologia Social Comunitária (LANE, 2004; MONTERO, 2006; SAWAIA, 2007; BOCK, 2011, MARTÍN-BARÓ, 2017). Esta vertente baseia-se no materialismo dialético e enxerga o homem como produto e produtor de sua realidade. Dessa forma, constitui-se a subjetividade. Esta pesquisa é norteadada pela visão de mundo que enxerga indivíduo e sociedade não dissociados: “*O mundo psicológico é um mundo em relação dialética com o mundo social*” (BOCK, 2011, p. 23).

O estudo se inspira também na etnografia postulada por Simões (2012; 2017), que propõe uma visão de complementaridade e convergência entre o *on-line* e o *off-line*. Assim, a delimitação do objeto nos permite localizá-lo no tempo e no espaço. Dessa forma, quando se tratam de estudos *off-line*, há sempre um referente territorial concreto e espacial. Destaca-se, ainda, o caráter híbrido entre *on-line* e *off-line*, referente às convergências das mídias *on-line*, que muitas vezes acabam por influenciar as configurações das práticas *off-line*. Diferentes tecnologias e mídias são integrados, e muitas vezes absorvem elementos *off-line* e vice-versa. Entretanto, isso não quer dizer que todos os elementos da vida tenham sido absorvidos ou por um ou pelo outro, mas são ainda distintos em muitos casos (SIMÕES, 2012; 2017).

O estudo realizado em um coletivo de *hip-hop* em uma comunidade da periferia cubatense, no litoral de São Paulo, buscou seguir as recomendações do autor supracitado e olhar os fenômenos observados *on-line* e *off-line* como complementares. Isso significa dizer que ambos são interdependentes, coadunando-se à visão da psicologia social, que enxerga indivíduo e sociedade como não dissociados, mas constituindo um ao outro.

Dessa forma, as observações *on-line* e *off-line* foram registradas em diários de campo no período de um ano, de 2017 a 2018. Foram feitas 09 entrevistas semiestruturadas (08 jovens do movimento *hip-hop* e 01 adulta trabalhadora de uma instituição religiosa), que buscaram compreender os modos de vida dos jovens na comunidade e suas percepções quanto à internet e as redes sociais. Buscou-se apreender os sentidos atribuídos pelos jovens a essas questões.

Para González-Rey (2012, p. 21), o sentido é “[...] *uma síntese de outra ordem ontológica da multiplicidade de aspectos que caracteriza a vida social e a história de cada sujeito e espaço social concreto.*” Ou seja, o sentido é a expressão do objetivo na subjetividade, que “[...] *fundamenta uma concepção histórico-social da subjetividade, a qual rompe com qualquer reminiscência de mentalismo ou subjetivismo.*” (GONZÁLEZ-REY, 2012, p. 21).

Cabe salientar que, baseando-se em Vygotsky, autores dessa vertente da Psicologia têm compreendido o sentido como “[...] *a soma dos eventos psicológicos que a palavra evoca na consciência*” (AGUIAR, 2011, p. 105). Ou seja, o sentido está relacionado às singularidades de cada indivíduo e ao seu modo de pensar, sentir e agir no mundo. Já o significado, para a mesma autora, “[...] *é uma construção social, de origem convencional, relativamente estável.*” (p. 105).

Os resultados foram analisados segundo a Hermenêutica de Profundidade proposta por Thompson (2011), que consiste em três patamares interligados:

a) análise sócio-histórica, que visa descrever e compreender o contexto no qual a pesquisa foi realizada; b) análise formal, na qual busca-se a descrição e a análise dos sentidos contidos nos discursos e c) interpretação/reinterpretação, que consiste na discussão dos resultados, partindo do pressuposto que os sujeitos possuem uma interpretação da realidade e o pesquisador a reinterpreta com base em teorias.

## 2.2 Caminhos da pesquisa

Desde 2013, o pesquisador realiza atividades de pesquisa<sup>1</sup> e extensão<sup>2</sup> na comunidade da Vila dos Pescadores. O mestrado foi realizado na mesma instituição

---

<sup>1</sup> Os estudos aqui referidos foram realizados simultaneamente nos Morros de Santos e na Vila dos Pescadores em Cubatão. O projeto “Desigualdade social e subjetividade: trajetórias de vida e lutas por melhores condições de vida e saúde em território vulnerável da Baixada Santista” foi financiado pelo CNPq (Processo nº 407836 /2016-0). O projeto “Ética do cuidado e construção de direitos: acolhimento psicossocial em práticas da saúde da família em situações de exclusão social” foi financiado pela FAPESP (processo nº 2016- 23973-2), ambos sob coordenação do Prof. Dr. Carlos Roberto de Castro e Silva.

<sup>2</sup> Desde o ano de 2015, o Laboratório de Estudos sobre a Desigualdade Social realiza um projeto de extensão, intitulado “Participação Social, Subjetividade e Cuidado: Fortalecendo Redes”, na comunidade da Vila dos Pescadores. As atividades são desenvolvidas em parceria com a comunidade, Unidade Básica de Saúde e Exército de Salvação.



onde esta pesquisa tem sido executada, no Exército de Salvação. A instituição foi inicialmente indicada por uma agente comunitária de saúde, que participava, em 2013, de pesquisa coordenada pelo Prof. Carlos Roberto.

O vínculo com o Exército de Salvação tem sido uma importante estratégia, capaz de aproximar a universidade da comunidade, sendo uma instituição legitimada e reconhecida pelos moradores do bairro. É um local onde as lideranças comunitárias costumam realizar suas reuniões e eventos em prol do bairro. O vínculo com a Unidade de Saúde também tem sido importante, pois se constituiu a *porta de entrada* para a comunidade, através das parcerias realizadas com os profissionais de saúde, sobretudo os agentes comunitários.

A inserção do pesquisador no cotidiano do Exército de Salvação permitiu maior proximidade com os jovens da comunidade, que passaram a indicar outros grupos dos quais outros jovens, inseridos ou não no projeto da instituição, participam e com os quais interagem. Foi dessa forma que um jovem apontou para o pesquisador a existência de um grupo de *hip-hop*, formado por jovens moradores da comunidade.

Assim, as observações realizadas pelo pesquisador se referem ao cotidiano das atividades realizadas no Exército de Salvação e no grupo de *Hip-hop*. A partir desses vínculos construídos, aos poucos os jovens adicionavam o pesquisador nas redes sociais e passavam a interagir com o mesmo, principalmente no *Facebook*® e no *Whatsapp*®. Dessa maneira, esta pesquisa possui momentos de observação *in loco*, mas também de observações de conteúdos compartilhados pelos jovens.

Como mencionado na introdução, participaram do estudo jovens entre 15 e 29 anos de idade e adolescentes entre 12 e 18 anos de idade, de ambos os sexos, inseridos nas atividades promovidas pelo Exército de Salvação e grupo de *Hip-hop*. Além dos jovens, foram observadas as relações dos profissionais que atuam com esta população.

Uma das estratégias de aproximação do grupo de *hip-hop* foi a proposta de produção de um vídeo, no estilo documentário, sobre a história de formação do grupo. Os jovens participaram da formulação do roteiro de entrevistas que eles próprios concederam, ficando o pesquisador responsável somente pelo registro audiovisual. Assim, foram também realizadas 08 entrevistas com os jovens do grupo de *hip-hop*,

que comporão o vídeo final. No presente texto, entretanto, como o material ainda não está concluído, foram utilizadas as transcrições das entrevistas realizadas.

Cabe destacar que a fundadora do Exército de Salvação na Vila dos Pescadores também foi entrevistada e são utilizados trechos de seu relato, pois entende-se que é uma pessoa que possui grande afinidade com a temática da juventude no bairro.

### **2.3 Instrumentos de pesquisa<sup>3</sup>**

Como já afirmado, para o estudo foi utilizada a observação participante, entendida como a inserção do pesquisador no campo de investigação, colocando-se como partícipe dos movimentos realizados, estando junto dos participantes e interlocutores ativos na construção do conhecimento (SCHMIDT, 2008).

Ademais, para a construção da informação qualitativa (GONZALEZ-REY, 2012), foram feitos registros em diários de campo que, segundo Fernandes e Moreira (2013), são observações, impressões e reflexões feitas pelo pesquisador durante sua estada no campo.

### **2.4 Análise dos resultados**

A Hermenêutica de Profundidade (HP), proposta por Thompson (2011), foi utilizada para a análise dos resultados parciais. Essa metodologia abrange aspectos objetivos, subjetivos, históricos, sociais, econômicos e culturais, constituintes da

---

<sup>3</sup> Foram realizadas oficinas com os jovens do movimento hip hop. Alguns diários remetem a observações destas oficinas. Os resultados das oficinas que resultaram na composição de um rap foram submetidos à revista Psicologia Ciência e Profissão com o título: Oficinas de composição musical com jovens - reflexões metodológicas para uma práxis transformadora. A realização da oficina de composição musical surgiu como um desdobramento a produção de um vídeo documentário, intitulado Arte de Favela, com os jovens do movimento hip hop. O vínculo estabelecido entre pesquisador e jovens propiciou a criação desses produtos que, embora tenham produzido conteúdos que elucidam o objeto de estudo, fogem ao escopo desta tese. Portanto, serão apresentados na forma de artigos científicos. Link do vídeo: <https://youtu.be/7x2wpYNfQ4U>.

realidade. Valoriza as experiências dos sujeitos e é composta por três etapas de análise (THOMPSON, 2011; VERONESE; GUARESCHI, 2007):

- a) Análise sócio-histórica: é a análise do próprio contexto e da realidade da qual fazem parte os sujeitos. Visa compreender a dinâmica histórica e a cultura;
- b) Análise formal ou discursiva: nesse momento, é feita uma análise das formas simbólicas e dos discursos dos sujeitos. No âmbito da internet, por exemplo, será preciso analisar o que alguns autores chamam de “internetês”;
- c) Interpretação/reinterpretação: é o exercício crítico no qual o pesquisador produz uma nova interpretação possível para as informações construídas ao longo do processo investigativo.

## **2.5 Considerações sobre a hermenêutica de profundidade e pesquisa participante<sup>4</sup>**

A Hermenêutica de Profundidade (HP), proposta por Thompson (2011), e baseada em autores como Paul Ricoeur e Jürgen Habermas, se constitui como uma abordagem teórica e metodológica, que permite estudar as formas simbólicas e a ideologia, interpretando-as. Tanto as formas simbólicas como a ideologia são construídas social, histórica e culturalmente, e são carregadas de sentidos e significados. Interpretar a ideologia é tornar explícita a conexão entre o sentido mobilizado pelas formas simbólicas e as relações de dominação que este sentido ajuda a estabelecer e sustentar. Há interesse, nesta metodologia, em se investigar a estrutura e a organização, tanto externa quanto interna, das formas simbólicas e ideologia.

---

<sup>4</sup> Estas reflexões são fruto de discussões e de trabalhos apresentados em congressos científicos, dentre eles, o Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa, realizado em Salamanca no ano de 2017, no qual orientador e doutorando apresentaram resumos para exposição oral.

Temos utilizado a proposta da HP em nossos trabalhos de pesquisa da Universidade Federal de São Paulo, em diversos estudos na área da saúde na comunidade chamada Vila dos Pescadores, no município de Cubatão, estado de São Paulo. A pesquisa foi realizada na comunidade mencionada. Esta seção tem como objetivo discutir as contribuições da Hermenêutica de Profundidade e da Pesquisa Participante no estudo das condições de vida e de saúde de jovens moradores dessa comunidade.

Na proposta da HP, o campo da pesquisa não é apenas um objeto, mas um campo-sujeito, ou seja, os indivíduos que participam do estudo mobilizam sentidos, refletem, agem: o campo de estudo, dinâmico, pulsa vida e se transforma constantemente. O pesquisador, ao se inserir no campo-sujeito, passa a integrar as relações existentes em determinado contexto histórico e social e a interferir no próprio campo (THOMPSON, 2011). O pesquisador passa a estar implicado com seu objeto de estudo. Esta concepção de campo-sujeito se aproxima bastante da ideia de comunidade.

Comunidade é muito mais que o simples espaço físico e geográfico. É um jogo de forças constantes, que geram tensões, conflitos, divergências, convergências, negociações e que permeiam os modos de sociabilidade em determinado território. A comunidade é configurada a partir de fatores subjetivos (base imaterial) e objetivos (base material), constituindo-se como o espaço do cotidiano e da construção das relações sociais que são impregnadas por afetividade (SAWAIA, 2010).

Acreditamos que a participação ativa e intensa no trabalho de campo propicia maior aproximação e possibilidade de compreender, via afetos, a realidade, e interpretar a doxa, ou seja, o cotidiano e as relações sociais e históricas construídas neste. A interpretação da doxa é um importante elemento de uma das três fases da Hermenêutica de Profundidade.

A primeira fase refere-se à análise sócio-histórica, ou seja, a compreensão do contexto social. Está relacionado ao segundo patamar, análise formal, que concerne à compreensão de análise de sentidos e significados. Por último, a fase da interpretação/reinterpretação, na qual o pesquisador reinterpreta os fenômenos abordados, com base em teorias e outros conceitos, considerando que os fenômenos

já foram, de antemão, interpretados pelos participantes do estudo (THOMPSON, 2011).

Neste sentido, a pesquisa participante nos inspira em um trabalho de campo comprometido com a realidade e, por conseguinte, com a transformação social. Em uma breve descrição, podemos caracterizar a pesquisa participante como um modo de compreender, estudar e construir conhecimento na e sobre a realidade social que rompe com o paradigma positivista. Não existe, *a priori*, uma realidade a ser revelada e descoberta, mas sim um contexto dinâmico e mutável, a ser compreendido por um pesquisador que não é neutro e está implicado com o seu objeto de estudo. A própria concepção de objeto é problemática quando o estudo envolve seres humanos, como é o caso das ciências sociais e humanas, já que este está enredado em relações sociais, históricas e culturais (FALS BORDA, 2006; SCHMIDT, 2008; MORAES *et al.*, 2017).

Para que ocorra a formação ética durante o trabalho de campo, Schmidt (2008) postula algumas atitudes, sendo o diálogo, alteridade e cuidados na redação do produto de conhecimento antes e depois de sua conclusão, dando *feedbacks* e devolutiva para os participantes da pesquisa. São posturas apontadas também por Fals Borda (2006), que atenta para a importância da historicidade e para rupturas das assimetrias na relação entre sujeito e objeto, clássicas da ciência positivista (FALS BORDA, 2006; SCHMIDT, 2008).

Destacamos, ainda, que este trabalho se refere a uma pesquisa feita com jovens entre de 15 a 29 anos, na Vila dos Pescadores. Partimos do pressuposto de que a ideia de juventude é socialmente construída e que os referenciais teóricos e metodológicos podem favorecer o olhar para os sujeitos jovens, que lhes consideram em sua plenitude e não como sujeitos passivos (esta é a forma como são historicamente concebidos em nosso país), considerados como pré-cidadãos (HORTA; SENA, 2010; SPOSITO; CARRANO, 2003; CASTRO, 2011).

A perspectiva da Psicologia Social Crítica permite enxergar os indivíduos, aqueles que participam ativamente das nossas pesquisas, como aqueles que constituem e são constituídos pela realidade social e histórica. Seus autores baseiam-se sobretudo em Karl Marx e sua premissa de que o homem, ao transformar a natureza através de seu trabalho, é por ela transformado. Falamos aqui, então, de

subjetividades que são configuradas social e historicamente por indivíduos que afetam e são afetados uns pelos outros (MARTÍN-BARÓ, 2017; LANE, 2004; SAWAIA, 2014).

Justamente por envolver seres humanos, lidamos com indivíduos em todas as suas dimensões: subjetivas, objetivas, afetivas, históricas, culturais, etc. São indivíduos ativos, muito mais que objetos, que possuem conhecimento e, portanto, interpretações sobre a sua realidade e o seu cotidiano (MARTÍN-BARÓ, 2017; LANE, 2004; SAWAIA, 2014). Este saber, constituído principalmente através de formas simbólicas que dão significado às experiências, além de requerer uma reinterpretação, precisa ser valorizado e contar com o compromisso ético-político do pesquisador com a realidade estudada (THOMPSON, 2011). O compromisso ético-político se refere à postura crítica, que propicia um enfrentamento de situações e fenômenos em uma ordem social historicamente injusta e desigual como a brasileira. Ao considerar o saber e as necessidades dos indivíduos colaboradores da pesquisa, há a construção de um conhecimento científico, implicado ético e politicamente com a realidade estudada (MARTÍN-BARÓ, 2017; LANE, 2004; SAWAIA, 2014, CHAUI, 2011).

### 3 ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA

---

### 3.1 Cubatão

Cubatão é a única cidade não litorânea que compõe a região metropolitana da Baixada Santista (RMBS). A população estimada, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), é de 128.748 habitantes. O município tem 148 km<sup>2</sup> ao todo, a área de 84,4 km<sup>2</sup> corresponde a morros e serras, 37 km<sup>2</sup> formam os manguezais e apenas 26,6 km<sup>2</sup> são planícies ou mangues aterrados (PINTO, 2005). A cidade possui um grande potencial hídrico, localizando-se em seu território o rio Pilões e o rio Cubatão, principais responsáveis pelo abastecimento de água na RMBS.

A origem do nome da cidade é controversa. Segundo alguns estudiosos, há a possibilidade de o nome possuir uma matriz africana, derivando da palavra *cabata*, que significa “cabana de negros”. Estudiosos especulam acerca da origem hebraica e Cubatão derivaria da palavra *k'bataon*, que significa precipício. A origem mais provável e mais aceita, entretanto, é que o nome da cidade se origina do tupi *cui-pai'ta-ã*, significando “rio que cai do alto” ou “porto de pé de serra” (PINTO, 2005).

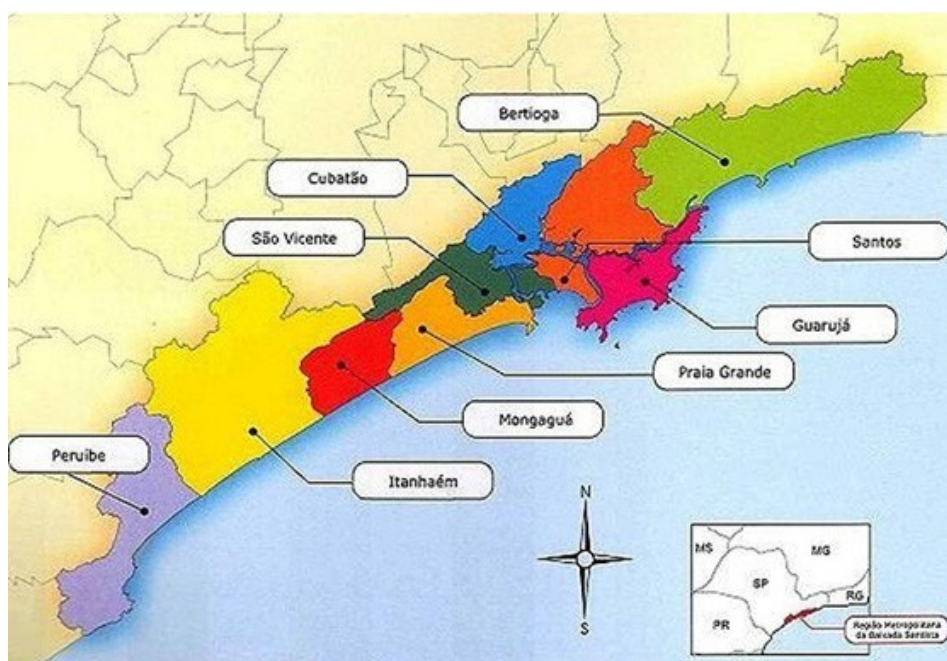


Figura 1 – Mapa da Baixada Santista

Fonte: [https://www.brasil247.com/pt/247/revista\\_oasis/210905/Litoral-Sul-de-S%C3%A3o-Paulo-Onde-viveu-Anchieta-e-o-Brasil-come%C3%A7ou.htm](https://www.brasil247.com/pt/247/revista_oasis/210905/Litoral-Sul-de-S%C3%A3o-Paulo-Onde-viveu-Anchieta-e-o-Brasil-come%C3%A7ou.htm). Acesso em: 15 jul. 2018.



Devido à sua localização, Cubatão é uma cidade que sempre possuiu um papel estratégico no transporte de mercadorias entre São Paulo e o porto de Santos. A história da cidade está muito ligada a outras importantes cidades da Baixada Santista: Santos e São Vicente. No período colonial, ainda conhecida como Vila de Cubatão, era muito utilizada por portugueses e indígenas, pois conectava o planalto ao litoral. No hino oficial da cidade, esse passado se faz presente na expressão “*caminho do mar*”.

Cubatão é uma das sesmarias doadas por Martim Affonso de Souza, em suas expedições em busca de explorar minerais preciosos. A Vila era um importante caminho de ligação até o porto da Vila de São Vicente, que ao redor dos anos 1530 oferecia melhores condições para os navegadores. Nessa época, os habitantes de Cubatão viviam, sobretudo, da pesca. Há relatos de estudiosos de que a pré-história dos habitantes da região já indicava um modo de subsistência através da pesca (FIGUTI, 1993).

Ainda no período colonial, entre os séculos XVI e XVII, jesuítas passaram a viver na Vila de Cubatão com o intuito de catequizar os índios. Já naquela época, as condições de vida no local eram bastante precárias e isso fez com que os jesuítas começassem a cobrar taxas pelas mercadorias que tinham o porto como destino final. Assim, muitas mercadorias exportadas pelo Brasil passavam por Cubatão, que naquele tempo já possuía uma alfândega. Esta alfândega foi construída após os jesuítas serem expulsos da Vila, por cobrarem preços abusivos. Elevam-se o valor e a importância de Cubatão no momento da mudança, ainda nesse período do correspondente ao século XVII, do porto de São Vicente para Santos (PINTO, 2005).

Enquanto a pesca era um dos principais modos de subsistência da população de Cubatão, que se aproveitava da grande quantidade de peixes e outros frutos do mar da grande bacia hidrográfica do lugar, Pinto (2005) nos faz recordar que, durante muito tempo, uma das principais fontes de recursos para a Vila eram as plantações de banana. A geografia da cidade também favorecia o cultivo dessa fruta. Contudo, quando Argentina e Inglaterra, os principais importadores, deixaram de comprar o produto, Cubatão perdeu mercado.

Mesmo o pleno apogeu da bananicultura não gerava grandes lucros para a Vila de Cubatão, onde os habitantes sempre viveram em condições bastantes precárias,

vulneráveis. Por volta do século XVI, os portugueses perceberam que o lugar era pouco povoado. Decidiram, então, enviar colonos açoreanos, oriundos da Ilha dos Açores, para aumentar a população da Vila. Estes colonos ficaram atraídos pela promessa de obtenção de terras para produção agrícola e ficaram conhecidos como os Cinco Manuéis, sendo imprescindíveis para a organização política e povoamento do local.

A despeito da queda na produção agrícola, Cubatão ainda desfrutava de uma posição estratégica, por ser via de passagem do planalto para o litoral. A presença de estradas e trajetos seguros, entretanto, era praticamente inexistente. Desse modo, foi construída, no século XVIII, a Calçada de Lorena, hoje um importante ponto turístico do município, projetada pelo engenheiro Bernardo José Maria de Lorena. Com o passar do tempo, esta já garantia as condições necessárias para o transporte de cargas. O estado de São Paulo tomou medidas, como a construção da via férrea Santos-Jundiaí e de outras estradas, como a Rodovia Anchieta (PINTO, 2005). No trecho abaixo, extraído de uma reportagem feita pela TV Mar em 1995, um trabalhador conta como foi o trabalho de construção da Via Anchieta:

Aqui vinha uma turma na frente e um encarregado roçando, outros vinham mais pra trás fazendo a caixa da estrada, do serviço. Outros vinha carpinteiro, ajudante, colocando as formas e já escorando e fincando, batendo de marreta pra acertar a forma, alinhando. E já vinha o concreto [...] Então, a maioria das pessoas, um pegava numa foice, outro pegava numa picareta, outro pegava num martetele pra quebrar pedra [...] iam descarregando pra poder limpar o leito da estrada pra poder fazer o serviço. Esse serviço era sofrido porque a gente fizemo aqui nessa Via Anchieta, porque hoje se fosse feito, na época de hoje, nem todos fazia, a maioria correria dele (Trecho da entrevista do Sr. Gaudêncio).

Segundo Ferreira-Filho (2015), impulsionados pela concepção desenvolvimentista e sabendo da localização geográfica estratégica de Cubatão, os governantes nas décadas de 1940 e 1950 deram início à construção de novas estradas, que conectassem o porto à capital paulista e à transformação da cidade em um símbolo do desenvolvimento e modernização brasileiros. Estas obras estimularam

a migração de pessoas de várias regiões do país, a fim de trabalharem nas construções como trabalhadores braçais.

Nessa época, Cubatão era só um bairro de Santos, conquistando sua autonomia em 24 de dezembro de 1948. Apesar da dificuldade de organização política devido à geografia de Cubatão, as pessoas começaram a manifestar indignação frente ao descaso de Santos pelo lugar. A emancipação política adveio da participação popular (PINTO, 2005).

Nos anos 1950, houve uma abertura maior para a instalação de empresas estrangeiras na cidade. A derrocada agrícola está, de algum modo, atrelada ao processo de industrialização da cidade, principalmente quando da instalação da Refinaria Presidente Bernardes, em 1955. Trabalhar nas indústrias e na construção civil mostravam-se opções melhores, em comparação à bananicultura.

A instalação das indústrias no começo do século XX e a exploração desordenada dos recursos naturais trouxe vários problemas ambientais para a cidade. Ferreira-Filho (2015) aponta que, na década de 1980, a cidade de Cubatão ganhou o título nada honroso de cidade mais poluída do mundo. Antes, entretanto, de falar sobre esse episódio da história de Cubatão, será feito um breve histórico sobre a industrialização da cidade, que se tornou, durante os governos militares, o maior polo petroquímico da América Latina.

### **3.2 Industrialização da cidade**

Segundo Ferreira-Filho (2015), Cubatão passou por dois processos históricos de industrialização, um na década de 1910 e outro na década de 1950. Apesar disso, foi no segundo período que o governo federal se interessou pela região, que era geograficamente próxima ao Porto de Santos e à mais rica capital do país, São Paulo.

Na década de 1950, Cubatão surge então como uma grande promessa do tão almejado desenvolvimento econômico do país, bandeira política de presidentes como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Vigorava, nesse período, um pensamento de que o progresso e o desenvolvimento seriam capazes de gerar riquezas e, mesmo

que trouxessem consequências negativas, a modernidade e a técnica se encarregariam da tarefa de corrigi-las.

A busca pelo progresso continuou intensa, mesmo nos governos do período da ditadura militar, quando Cubatão foi considerada Área de Segurança Nacional, onde não poderia haver qualquer tipo de intervenção política em nome do desenvolvimento, do crescimento e da autonomia brasileiros.

Acreditava-se que era na cidade que estavam as principais riquezas, representadas pelas indústrias, e que, portanto, deveriam ser protegidas pelo Estado. A falta de controle sobre a ação industrial da cidade contribuiu para a intensificação dos problemas ambientais. Dessa forma, depreende-se que o Estado e o mercado foram cúmplices e coniventes com o histórico de degradação ambiental da cidade.

A mídia, principalmente o jornal A Tribuna, contribuiu sobremaneira para a disseminação de uma ideia de Cubatão como cidade poluída, o vale da morte, onde crianças nascem sem cérebro e as pessoas morrem em incêndios e explosões. Convivemos com a ideia de terra brasileira, desde a carta de Pero Vaz de Caminha, como um lugar fértil, um verdadeiro paraíso.

A cidade de Cubatão representa a antítese disso. Por mais que os governos e as empresas tenham se esforçado, sobretudo a partir da década de 1970, quando o discurso ambientalista começa a ganhar força nos cenários nacional e internacional, a ambiguidade entre o verde e o cinza, a cidade-fábrica e a cidade tóxica, é marca indelével da identidade do município. A ambiguidade se transforma em confusão de sentidos, na medida em que a ideia de desenvolvimento é tida como uma forma de modernização e geração de riquezas e, portanto, aceita pela população. Entretanto, este mesmo desenvolvimento e modernidade são vistos com desconfiança, dados os riscos e incertezas que estes potencialmente guardam em si.

Cubatão passou a ter mais autonomia sobre os assuntos referentes ao meio ambiente, deixando de ser considerada Área de Segurança Nacional. Houve maior participação popular em tais assuntos, sobretudo de funcionários das fábricas. Os governos passaram a se pautar por uma ideia de biopolítica que incluía o meio ambiente.

***Primeira Industrialização (1910 a 1950)***

- Indústrias de curtume e de papel: aproveitavam os recursos hídricos da região e também as folhas das árvores dos manguezais (tanino), para tingir couro e tecidos;
- Cia. Curtidora Marx: empresa fundada por um alemão, Wilhelm Marx, que funcionou de 1912 a 1914;
- Costa Moniz Indústria e Comércio S/A: empresa comprou em 1919 a Cia. Curtidora Marx, e nessa época surge a primeira vila operária da cidade;
- Companhia de Anilinas, Produtos Químicos e Material Técnico: fundada em 1913, também possuía uma vila operária. Seu dono alemão passou a ser perseguido em 1940, quando a fábrica fechou;
- Companhia Santista de Papel: fundada em 1903, possuía uma vila operária, chamada Fabril, região onde houve crescimento para as encostas da serra, formando bairros como as Cotas, Pilões, Água Fria;
- Usina Henry Borden: hidrelétrica fundada em 1926. Considerada um marco da engenharia, por utilizar dutos que descem a serra para que a água represada gere energia para a capital e Baixada Santista.

***Segunda Industrialização (1950 aos dias de hoje)***

- Formação do maior polo industrial, com indústrias químicas e de petróleo;
- Rodovia Anchieta – SP-150: concluída em 1947;
- Refinaria Presidente Bernardes: fundada em 1955;
- Oleoduto Santos-São Paulo: inaugurado em 1953, para transportar petróleo pelos dutos construídos na serra do mar. Antes, o petróleo chegava à capital pelos caminhões, o que gerava muitos congestionamentos;
- Companhia Siderúrgica de São Paulo (COSIPA): foi fundada em 1953 e em 1993 foi privatizada e vendida para o grupo Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A (USIMINAS);

- Unipar Carbocloro: fundada em 1964 e produz ácido clorídrico, cloro, dicloroetano, hipoclorito de sódio e soda cáustica (CIESP, 2016).

### 3.3 Cubatão: o Vale da Morte

Durante os governos militares, inúmeras indústrias estrangeiras se instalaram no polo industrial de Cubatão e transformaram a cidade em um lugar tóxico (FERREIRA-FILHO, 2015). Conforme mencionado anteriormente, isso atraiu muitos migrantes de outras partes do país, principalmente vindos do Nordeste. Quando não residiam nas vilas operárias que algumas fábricas possuíam, as pessoas viviam nas periferias da cidade. Por décadas, as indústrias, reproduzindo o processo histórico de colonização, exploraram os recursos da cidade, degradando o meio ambiente e gerando inúmeras consequências para os moradores da cidade e da região metropolitana.

Segundo Ferreira-Filho (2015), anos de descaso com o meio ambiente levaram Cubatão a ser chamada de *Vale da Morte*. Os casos de anencefalia e doenças relacionadas ao aparelho respiratório passaram a ser bastante comuns, embora os governos na época camuflassem dados a respeito. Inúmeras polêmicas giravam em torno da questão.

Nos anos 1980, pesquisadores da USP realizaram um estudo para analisar os casos de anencefalia da cidade de Cubatão (MONTELEONE-NETO *et al.*, 1985). O estudo causou controvérsias, pois não encontrou evidências que relacionassem casos de anencefalia com a poluição da cidade. Entretanto, este era um dado empírico, percebido pelas pessoas e profissionais de saúde, que deram entrevistas em um documentário produzido no início dos anos 1990, chamado *Cubatão: Vale da Morte* (LANDIN, 1987).

No mesmo documentário, há o relato de um padre, personagem icônico da cidade. O padre Porfírio pertencia a uma ala progressista da Igreja Católica. Em seus sermões, alertava a população sobre a poluição, criticando o descaso com que o poder público tratava a questão. Por estes feitos, o padre foi transferido para a

paróquia de uma cidade distante de Cubatão. Aqueles que denunciavam as questões ambientais eram perseguidos no município (LANDIN, 1987).

A mídia, representada pelo jornal A Tribuna, teve um papel importante nas denúncias sobre o desastre ambiental de Cubatão. Em busca de maior autonomia e luta contra a censura e, em prol da liberdade de expressão, passaram a noticiar os descasos cometidos na cidade pelas indústrias (FERREIRA-FILHO, 2015).

Aqui cabe lembrar, com base em Beck (2011), que a distribuição dos riscos no mundo moderno reproduz e reforça a concepção de sociedade de classes. Segundo essa concepção, a riqueza se concentra nos países no hemisfério norte e os riscos ficam para os países subdesenvolvidos. As riquezas produzidas pelas indústrias, principalmente estrangeiras, se refletiram apenas na destruição de seus riscos. Os bairros mais pobres em Cubatão estavam mais expostos aos riscos causados pela industrialização desenfreada. *“As indústrias de risco foram transferidas para os países com mão-de-obra barata. Isso não aconteceu por acaso. Existe uma sistemática “força de atração” entre pobreza extrema e riscos extremos.”* (BECK, 2011, p. 49).

Um dos bairros expostos a esses riscos era a Vila Socó, hoje conhecida como a Vila São José. O bairro era uma região de mangue e havia muitas casas de madeira, construídas na forma de palafitas. Nos arredores da comunidade, estavam os dutos da Petrobrás, que transportavam inúmeros produtos inflamáveis, dentre eles a gasolina. Estes dutos ficavam expostos e, com o tempo, danificaram-se. Rachaduras eram perceptíveis nesses dutos e a tragédia já se anunciava.



Figura 2 – Página de Jornal sobre Tragédia na Vila Socó

Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/29488-incendio-da-vila-soco-no-np#foto-446040>. Acesso em: 16 jul. 2018.

No dia 24 de fevereiro de 1984, mais de 700 mil litros de gasolina vazaram por um dos dutos, espalhando-se rapidamente pela comunidade. Embaixo dos barracos havia água e, naquele dia, passou a ter água misturada com gasolina. A comunidade relata, no documentário *Uma Tragédia Anunciada*, produzido por Diego Moura que, no início da tarde era possível sentir o cheiro da gasolina (MOURA, 2014). Entretanto, como naquela época era comum sentir cheiro de produtos químicos na cidade, não perceberam o risco iminente. Bastou uma faísca para que acontecesse uma das maiores tragédias do país.

A imagem que não sai da minha cabeça também é que passava, passou pessoas queimadas. Tinha gente passava queimada mesmo, ambulância pra lá e pra cá. Maior loucura mesmo, aquele barulho. E uma coisa que não sai da mente é o barulho das sirenes. Direto, direto. Isso aí não tem como sair da mente (Morador da Vila Socó, trecho transcrito do documentário *Uma Tragédia Anunciada*).

Parecia um sonho, mas foi uma realidade. E eu saí correndo. Um monte de gente saindo correndo, aqui pela Via Anchieta. Carro de bombeiro, polícia, aquele inferno todo. E eu achando que o mundo ia



acabar (Morador da Vila Socó, trecho transcrito do documentário *Uma Tragédia Anunciada*).

Depois da tragédia e sua enorme repercussão mundial, a comunidade passou por um processo de transformação. Atualmente, a Vila São José é um bairro bastante diferente. Passou pela urbanização, entretanto, os dutos da Petrobrás ainda estão lá presentes, alimentando a memória dos seus moradores.

O poder público, à época, contabilizou 93 pessoas mortas. Outras fontes apontam para mais de 800 pessoas mortas e 15 mil desabrigadas. Até os dias de hoje, não se sabe ao certo o número exato de vítimas. Contudo, as tentativas de camuflagem dos dados já eram criticadas quanto àquele estudo dos casos de anencefalia. Segundo o advogado do caso, em trecho extraído de sua entrevista ao documentário (MOURA, 2014):

A Vila São José, a antiga Vila Socó, como está hoje, é uma conquista da luta popular, da luta de resistência do povo de Cubatão. Essa luta que os poderosos de sempre continuam buscando apagar. Há uma tentativa contínua, permanente e sistemática de apagamento da memória. [...] Isso é o que é mais importante de ser lembrado, no caso da Vila São José, porque essa resistência é também a expressão de quanto um povo informado de seus direitos, consciente e em luta pode fazer. Não esquecer que essa população tinha passado por uma tragédia das maiores que já aconteceu nesse país (Advogado do Caso da Vila Socó, trecho do documentário *Uma Tragédia Anunciada*).

Como morador da cidade, presenciei, desde os meus anos escolares, uma tentativa intensa de reforçar a ideia de que Cubatão é um símbolo de recuperação ambiental. Era como se tentassem nos ensinar que as indústrias se conscientizaram e passaram a controlar mais sua atividade poluidora. A vitória pela recuperação ambiental seria uma conquista das indústrias apenas. O que o entrevistado deixa claro é a tentativa de determinados setores de constranger a participação popular em torno da causa ambiental, muito importante para as conquistas na época.

A poluição interferia no direito ao lazer. As crianças e adolescentes, conforme relatado nos documentários, não podiam usufruir mais da natureza: nadar nos rios, brincar nas árvores e áreas verdes. Aliás, essas áreas verdes estavam diminuindo

devido, sobretudo, às constantes chuvas ácidas. Outro dado fundamental é que a poluição afetou a atividade de pesca, tradicional meio de subsistência da cidade. Os pescadores foram importantes no processo de luta contra a degradação ambiental.

Além desses atores sociais, ressalta-se a importância dos trabalhadores, principais afetados pelas atividades degradantes das indústrias que poluíam o ar 24 horas por dia. Foram importantes as ações movidas pelos trabalhadores e o caso da empresa francesa Rhodia foi emblemático.

A Rhodia era uma empresa que fabricava pentaclorofenol, matéria-prima para solventes e herbicidas, um verdadeiro veneno, conhecido como o “pó da china”. A empresa criou inúmeros lixões ao redor da cidade e da costa da Baixada Santista, com toneladas desse produto altamente tóxico. O contato com este causava lesões fétidas na pele, problemas renais e pulmonares, além de cefaleias. Esses lixões e os vazamentos contaminaram a água, o mangue e os lenções freáticos. Além disso, muitas crianças nasciam mortas (FERREIRA-FILHO, 2015). Até hoje, nada foi feito com relação ao caso e a empresa fechou suas portas.

A cidade de Cubatão carece hoje de estudos mais profundos quanto à sua historicidade. No entanto, a partir dos dados levantados até aqui, observa-se que a cidade sempre foi vista apenas como lugar de passagem, um caminho para o mar, como diz uma frase recorrente e que está até no hino oficial de Cubatão. Os avanços que este “caminho” trouxe para a região foram grandes, mas não se reverteram em benefícios para a população.

A vocação industrial da cidade foi construída pelo desenvolvimentismo e isso se refletiu na ausência de outros espaços relacionados à cultura e ao lazer. Tudo (ou quase tudo) na cidade se destinava à atividade industrial, e outras questões foram e são negligenciadas até hoje. Ora, se antes, durante o processo de industrialização, havia o desejo e a crença na ascensão social pelo trabalho (FELTRAN, 2011), atualmente essa não é a realidade das famílias de Cubatão. Além de não ter distribuído as riquezas em seus tempos áureos, a indústria já não tem mais a capacidade de absorver a juventude cubatense em seus quadros.

### 3.4 Cubatão: índices de vulnerabilidade

Os dados abaixo foram extraídos do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS, 2018) e dividem os seis grupos populacionais de acordo com o grau de vulnerabilidade. Porém, apresentam dubiedade, pois não se sabe, por exemplo, quais dados referentes à violência foram utilizados para a construção dos resultados. Apesar disso, os dados são aqui referenciados, pois são capazes de produzir uma aproximação e elucidar as condições precárias nas quais vive a população cubatense.

A análise das condições de vida de seus habitantes (em Cubatão) mostra que a renda domiciliar média era de R\$ 1.844, sendo que, em 19,1% dos domicílios, não ultrapassava meio salário mínimo *per capita*. Em relação aos indicadores demográficos, a idade média dos chefes de domicílios era de 44 anos, e aqueles com menos de 30 anos representavam 17,5% do total. Dentre as mulheres responsáveis pelo domicílio, 18,3% tinham até 30 anos, e a parcela de crianças com menos de seis anos equivalia a 9,1% do total da população.

Grupo 2 (vulnerabilidade muito baixa): 32.508 pessoas (27,7% do total). No espaço ocupado por esses setores censitários, o rendimento nominal médio dos domicílios era de R\$ 2.815 e, em 7,3% deles, a renda não ultrapassava meio salário mínimo *per capita*. Com relação aos indicadores demográficos, a idade média dos responsáveis pelos domicílios era de 49 anos, e aqueles com menos de 30 anos representavam 10,5%. Dentre as mulheres chefes de domicílios, 9,6% tinham até 30 anos, e a parcela de crianças com menos de seis anos equivalia a 7,0% do total da população desse grupo.

Grupo 3 (vulnerabilidade baixa): 21.277 pessoas (18,2% do total). No espaço ocupado por esses setores censitários, o rendimento nominal médio dos domicílios era de R\$ 1.735 e, em 17,8% deles, a renda não ultrapassava meio salário mínimo *per capita*. Com relação aos indicadores demográficos, a idade média dos responsáveis pelos domicílios era de 41 anos, e aqueles com menos de 30 anos representavam 24,6%. Dentre as mulheres chefes de domicílios, 26,2% tinham até 30 anos, e a parcela de crianças com menos de seis anos equivalia a 9,2% do total da população desse grupo.

Grupo 4 (vulnerabilidade média - setores urbanos): 24.984 pessoas (21,3% do total). No espaço ocupado por esses setores censitários, o rendimento nominal médio dos domicílios era de R\$ 1.734 e, em 16,9% deles, a renda não ultrapassava meio salário mínimo *per capita*. Com relação aos indicadores demográficos, a idade média dos responsáveis pelos domicílios era de 47 anos, e aqueles com menos de 30 anos representavam 11,9%. Dentre as mulheres chefes de domicílios, 11,0% tinham até 30 anos, e a parcela de crianças com menos de seis anos equivalia a 7,9% do total da população desse grupo.

Grupo 5 (vulnerabilidade alta - setores urbanos): 2.127 pessoas (1,8% do total). No espaço ocupado por esses setores censitários, o rendimento nominal médio dos domicílios era de R\$ 1.544 e, em 23,5% deles, a renda não ultrapassava meio salário mínimo *per capita*. Com relação aos indicadores demográficos, a idade média dos responsáveis pelos domicílios era de 43 anos, e aqueles com menos de 30 anos representavam 18,6%. Dentre as mulheres chefes de domicílios, 18,3% tinham até 30 anos, e a parcela de crianças com menos de seis anos equivalia a 10,7% do total da população desse grupo.

Grupo 6 (vulnerabilidade muito alta - aglomerados subnormais): 36.314 pessoas (31,0% do total). No espaço ocupado por esses setores censitários, o rendimento nominal médio dos domicílios era de R\$ 1.088 e, em 32,2% deles, a renda não ultrapassava meio salário mínimo *per capita*. Com relação aos indicadores demográficos, a idade média dos responsáveis pelos domicílios era de 40 anos, e aqueles com menos de 30 anos representavam 23,5%. Dentre as mulheres chefes de domicílios, 24,1% tinham até 30 anos, e a parcela de crianças com menos de seis anos equivalia a 11,7% do total da população desse grupo.

Segundo dados do relatório Litoral Sustentável (2012), Cubatão possui parte de sua população residindo e vivendo em condições precárias em locais de manguezal e/ou que apresentam riscos. No município, foram identificados 23 núcleos de assentamentos precários, que abrigam aproximadamente 18.844 domicílios e 64.137 moradores, o que representa, respectivamente, 51,67% e 54,02% do total de domicílios e moradores do município.

### 3.5 Saúde em Cubatão

Segundo o IBGE Cidades (2010), em 2009 Cubatão possuía, ao todo, 44 estabelecimentos de saúde (20 privados e 24 públicos). Dados do Litoral Sustentável (2012) apontam que a cidade, no mesmo período, dispunha de 13 Unidades Básicas de Saúde (UBS), Serviços de Urgência e Emergência, Serviços Especializados e de Apoio Diagnóstico, 2 Centros de Atenção Psicossocial, Serviços de Vigilância à Saúde e o Hospital Municipal.

Cubatão vive uma crise financeira de arrecadação e, durante os últimos anos (2015-2016) da administração da prefeita Márcia Rosa (Partido dos Trabalhadores), o hospital, chamado Hospital Modelo, foi fechado por falta de verba. A empresa terceirizada, responsável pela gestão do estabelecimento, alegou falta de pagamento e deixou de prestar atendimento à população. Isto gerou demandas nos outros hospitais da região da Baixada Santista. Segundo Litoral Sustentável (2012), até o ano de 2011 o hospital de Cubatão conseguia atender as demandas referentes a internações:

Em 2011, ocorreram cerca de 6,3 internações SUS de residentes em Cubatão, por cem habitantes. Esta taxa ficou acima da média estadual, de 5,6 internações. Quantitativamente, o hospital de Cubatão consegue atender mais de 95% da demanda de internações. O Índice de Desempenho do SUS – IDSUS-2012 – classificou Cubatão no Grupo 3, junto com outros seis municípios da Baixada Santista. Observa-se que a nota obtida pelo município (de 6,61) foi a maior entre os seis municípios da Baixada do mesmo grupo. A nota mais baixa em Cubatão refere-se ao acesso ambulatorial e hospitalar de alta complexidade.

O hospital foi reaberto na gestão do prefeito Ademário, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), tendo sido uma promessa de campanha. Entretanto, sua administração é marcada por inúmeras críticas, por consistir no sucateamento da saúde pública no município, sobretudo da Atenção Básica.

Em 2014, depois de muitos anos de luta, foi realizado finalmente o concurso público para contratação de Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Entretanto, o concurso foi anulado, dada a comprovação de fraudes na realização do mesmo. Até

então, esses profissionais eram contratados por uma Organização Social (OS) e estavam sempre na iminência de serem demitidos, lidando com uma instabilidade profissional que afetava os vínculos com a comunidade (CASTRO-SILVA *et al.*, 2014).

A saúde na cidade de Cubatão é de responsabilidade de Organizações Sociais (OS), que administram, gerenciam e contratam pessoal para atuar no setor. Desde 2012, quando se deu a inserção da UNIFESP na cidade de Cubatão, temos notado o impacto negativo desse tipo de gestão para os vínculos profissionais e como estes fatores possuem um potencial negativo de interferir na construção de vínculos dos profissionais de saúde com as comunidades (FRUTUOSO *et al.*, 2015).

Outro concurso foi realizado no ano seguinte e os Agentes Comunitários finalmente foram contratados. Contudo, durante o período de transição, que durou dois meses, a população ficou sem receber visitas domiciliares. Os ACS contratados pela OS não foram demitidos imediatamente, e nem os novos ACS foram contratados de imediato. Toda esta situação gerava tensões entre unidades de saúde e comunidades.

Um ano após o concurso (fins de 2017), encerrou-se o contrato entre a prefeitura e a OS responsável pelo gerenciamento da Atenção Básica na cidade. Os ACS naquele momento eram funcionários públicos, mas uma parte dos outros profissionais de saúde, como médicos e enfermeiros, eram contratados da OS. Por quase três meses, a população ficou desassistida, até que uma nova OS fosse contratada.

Para suprir as demandas de saúde, o município adotou a estratégia momentânea de realizar um revezamento de profissionais de saúde entre os territórios. Dessa forma, os profissionais de saúde contratados em regime estatutário foram convocados a circular pelas Unidades Básicas de Saúde das comunidades. Quando estavam cobrindo uma determinada comunidade, outras podiam ficar sem atendimento.

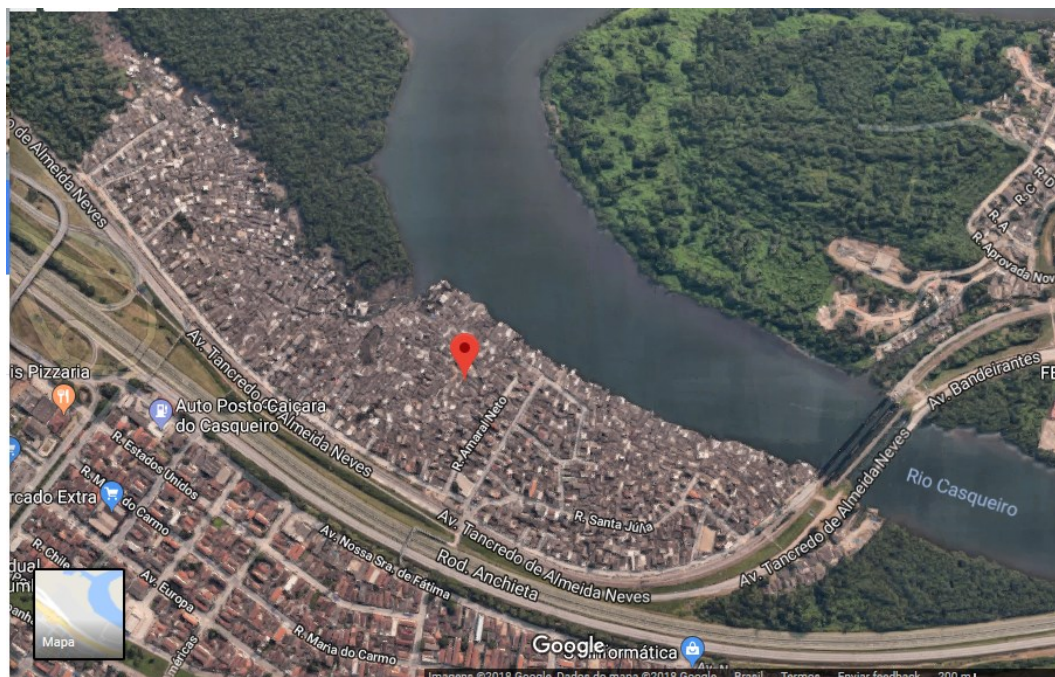
Devido à ausência de profissionais nos setores administrativos e de recepção, os ACS foram “convidados” a cobrir a ausência desses trabalhadores, que também eram contratados via OS. Os ACS interessados em ajudar assinaram um termo de voluntariado, com a finalidade de poder exercer a função. Com esses termos, a

prefeitura de Cubatão se resguardava de possíveis processos trabalhistas. Devido ao desvio de função das ACS e a ausência de outros profissionais de saúde nas unidades, ocorreu a supressão das visitas domiciliares, que são o principal instrumento de trabalho do ACS e de acesso da comunidade aos cuidados em saúde.

A rotatividade de gestores é um aspecto recorrente. Na comunidade Vila dos Pescadores, onde estamos inseridos desde 2012, já passaram pelo cargo de gestão quatro pessoas diferentes. A fragmentação gerada do processo de trabalho enfraquece os vínculos comunitários e compromete a integralidade do cuidado ofertado (FRUTUOSO *et al.*, 2015).

### **3.6 Vila dos Pescadores**

A Vila dos Pescadores, representada na imagem abaixo, é um antigo vilarejo da cidade de Cubatão. A comunidade é símbolo do valor da pesca na vida de vários habitantes, que retiravam do mangue e do Rio Casqueiro os produtos necessários para sua sobrevivência. Entre alguns habitantes é chamada de Vila Siri, remetendo ao animal bastante comum na região. Essa comunidade cresceu muito nos anos 1950, quando da migração de inúmeros trabalhadores braçais de outras regiões do Brasil, em busca de trabalho na construção civil de rodovias e indústrias.



**Figura 3 - Mapa da Vila dos Pescadores**

Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/Vila+dos+Pescadores,+Cubat%C3%A3o+-+SP/@-23.9236985,-46.404728,1156m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x94ce1b07305b77f9:0xf2f56decc0256521!8m2!3d-23.9246726!4d-46.4026729>. Acesso em: 15 jul. 2018.

Dados não oficiais, coletados junto à unidade de saúde da comunidade apontam que na comunidade moram entre 25 e 30 mil habitantes. As principais formas de habitação, dada a geografia do lugar, são em palafitas, construções bastante precárias e as casas são construídas umas próximas às outras (ANHAS; CASTRO-SILVA, 2017). Uma das atividades iniciais do trabalho de campo foi o reconhecimento de território. Acompanhado por jovens moradores do bairro, tive contato com outras regiões não conhecidas na época do mestrado. Foi notório o crescimento do bairro em tão pouco tempo.

A comunidade é praticamente uma pequena cidade, onde existem muitos comércios, igrejas neopentecostais e algumas áreas de *playground* e campinhos de futebol. Quanto mais próximo às margens do Rio Casqueiro, mais palafitas são percebidas. Nessas regiões, há o que os moradores chamam de *passarelas*, que são pequenas pontes sobre a água, entre os barracos, que servem para a mobilidade das pessoas. Essas *passarelas* são feitas de madeira e acidentes são muito comuns, devido a tombos e escorregões.





**Figura 4 – Fotografia da Vila dos Pescadores, próximo à ponte do trem**

Fonte: Tirada pelo próprio pesquisador

Um dos lugares por onde passei durante o reconhecimento de território foi alvo de uma ação de despejo do poder público, que ordenou a remoção de aproximadamente noventa famílias. A comunidade se organizou em mutirões, para desmontar os barracos e realocá-los em outras partes do bairro, onde sua construção era aceita pela legislação ambiental.

Adentrando o beco fomos parar em uma região de palafitas, a mesma região que o poder público ordenou ação de despejo. Este lugar é muito afastado da entrada do bairro. Havia ainda algumas pessoas com residências intactas. Entretanto, o cenário era de guerra. Muitas madeiras cravadas no mangue. Muita sujeita. Muito lixo. Muitos mosquitos (Trecho de Diário de Campo, 15.09.2017).

Durante nossa caminhada percebemos trechos aterrados com concreto. Em muitos destes havia inúmeras pedras, grandes e pequenas, e também buracos. Na região das palafitas os caminhos são de madeira, nos quais existe a possibilidade de despencar. Apesar de já ter andado por aqueles trechos, senti medo de cair no mangue ou de me machucar (Trecho de Diário de Campo, 15.09.2017).

Já estava bastante escuro e não era possível enxergar direito. A iluminação no bairro é inexistente para regiões além da *frentona*, como os moradores costumam chamar as localidades próximas à única entrada do bairro. Há muitas ligações elétricas clandestinas (Trecho de Diário de Campo, 15.09.2017).



**Figura 5 – Fotografia de palafitas removidas na região onde ocorreu a ação de despejo**  
Fonte: Tirada pelo próprio pesquisador

O bairro possui duas entradas para as pessoas e apenas uma para os carros. O ponto por onde os carros conseguem entrar é conhecido como a *frentona*, e foi onde os primeiros moradores instalaram suas moradias. Nessa parte da Vila dos Pescadores, as ruas são pavimentadas e há um grande fluxo de pessoas, pois é o local onde há as instituições de saúde, centro comunitário, creche, comércios (lojas de roupas, bares, restaurantes, salões de beleza, padarias), igrejas e uma pequena feira.

Nessa área, há uma das ruas principais, chamada Padre Antônio, que dá acesso ao *Portinho*, local onde os pescadores realizam suas atividades. A rua recebeu esse nome devido à importância de um padre da Igreja Católica, de uma vertente progressista, na mobilização de mulheres da comunidade em prol de melhorias do bairro.

Desde 2012, nosso trabalho de campo consiste em mapear algumas lideranças comunitárias no bairro, com o intuito de resgatar aspectos históricos da comunidade. Uma dessas lideranças participou do grupo criado pelo padre, para discutir os problemas da comunidade e reivindicar, junto ao poder público, melhorias para o bairro.

A Igreja Católica desempenhou um papel fundamental. Padre Antônio foi o grande responsável por articular as mulheres da comunidade em torno de algumas causas. Fazia isso de forma escondida, pois os maridos das mulheres que pertenciam ao Clube das Mães, como era chamado o grupo que depois se tornou a Associação de Moradores da Vila dos Pescadores, não gostavam que suas mulheres participassem da política. Os encontros aconteciam numa pequena capela localizada no próprio bairro. Os encontros do padre tinham como objetivo conscientizar as pessoas, sobretudo as mulheres, sobre a importância de se lutar contra a opressão e desatenção do Estado. Isso aconteceu por volta de fins da década de 1970 e início da de 1980 (Diário de Campo, 16.11.2017).

Foi importante a mobilização do Clube de Mães e participação das mulheres na luta por melhorias na comunidade. A partir desse grupo, formou-se a Associação de Moradores, com a sede no Centro Comunitário. Entretanto, algumas conquistas no bairro são recentes, como por exemplo a pavimentação das vias principais, chamadas de *ferroviárias*, por conta da proximidade do trilho do trem. As pessoas sempre reclamam que o poder público só aparece na época de eleições, prometendo aterro para a comunidade transformar o mangue.

No início dos anos 2000, a *frentona* não era pavimentada, mas sim de terra batida. A Vila dos Pescadores está muito próxima ao rio Casqueiro e é muito comum, em épocas de maré cheia, a inundação de alguns pontos do bairro, intensificando a presença de lama. As constantes chuvas na cidade de Cubatão, que possui um clima bastante úmido, também transformavam a terra em barro. Caminhar por esse território criava marcas nos pés e uma forma de ser visto por pessoas de fora do bairro. Como relatado no trecho abaixo, as pessoas eram conhecidas como *pé de lama* ou *pé de barro*.

O jovem líder comunitário trabalhou em várias ações com o atual presidente da associação de moradores enquanto foi presidente. Conta que ajudou muito na questão do saneamento básico, sobretudo no que tange ao abastecimento de água. Havia muitas casas sem esse recurso. Foi em sua administração, graças às cobranças e participação, que as coisas mudaram. Outra dessas ações foi reivindicar junto ao poder público – na época a prefeitura era administrada pela Márcia Rosa, do Partido dos Trabalhadores – a pavimentação das avenidas ferroviárias. Até pouco tempo atrás as avenidas da entrada do bairro eram apenas barro. As pessoas eram conhecidas em outros locais como “pé de barro”. Participou ativamente, com a ajuda do Vadinho de reuniões e assembleias até

que finalmente próximo às eleições a prefeitura resolveu pavimentar as ruas (Diário de Campo, 22.11.2017).

Além desse estigma, existe a ideia, bastante disseminada pela mídia, que a Vila dos Pescadores é um lugar violento, tomado pelo tráfico de drogas, e onde a comunidade é conivente com as atividades dos criminosos altamente perigosos. As constantes ações policiais no território transformam a população em refém. Essas operações repentinas impactavam nas atividades de pesquisas na comunidade, gerando afetos como medo e insegurança no pesquisador.

Em uma das atividades de pesquisa, que consistia no já referido mapeamento de lideranças, nosso grupo foi à casa de uma antiga moradora do bairro. Sua casa é muito próxima a uma “biqueira”. Tudo mudou em questão de minutos! A conversa teve de ser interrompida e fizemos a opção de nos retirar da comunidade naquele dia.

Tivemos medo. Não conseguíamos nos concentrar. Dessa forma nos aproximamos um pouco daquela realidade. A realidade da violência. Aproximamo-nos um pouco, pois por mais intensa que seja a violência da guerra entre polícia e tráfico, na qual a população é refém, não somos violentados cotidianamente pelos vários tipos de violência existentes na Vila. As pessoas na Vila dos Pescadores vivem essa instabilidade e outros vários tipos de violência. É apenas uma aproximação, porque tínhamos a escolha de ir embora do lugar onde tantos outros ficaram sem o mesmo poder de escolher para onde ir. Passamos pelos meninos com a gentil companhia da liderança comunitária, que nos acompanhou até a metade do caminho. É moradora do bairro há mais de seis décadas, mas disse que nunca se acostuma com a situação. Disse que tem um parente envolvido no tráfico, porém entregou nas mãos de Deus. Deus é importante na vida de algumas dessas pessoas, uma vida onde é difícil agir; só dá pra reagir. E a reação, em grande parte das vezes, é esperar a salvação. A salvação que vem do céu, o mesmo céu onde avistamos helicópteros da polícia. A polícia que leva a violência para a comunidade na visão de seus moradores. Eis o paradoxo. Só dava para lembrar das pessoas dizendo isso. Durante um momento foi possível sentir o mesmo. “Tudo” estava em paz até a polícia chegar. Mas a questão é que na Vila dos Pescadores nunca “tudo” está em paz. As pessoas lá nunca estão em paz. Como pensar em cuidado em um cenário de guerra como esse? Nessa realidade, parece ser válido o ditame: “salve-se quem puder” (Diário de Campo, 26.09.2017).

### 3.6.1 O tráfico e o crime na comunidade

Um dos momentos que considero mais interessantes e impactantes da presente pesquisa foram as histórias contadas referentes ao tráfico e ao crime na comunidade, sobretudo a história que parte dos anos 2000, quando o Primeiro Comando da Capital (PCC) ainda nem havia tomado o controle no bairro. Essas histórias foram contadas de maneira fragmentada, ao longo da inserção do pesquisador, desde 2013 no território. Portanto, é a composição de um conjunto de relatos de moradores e não moradores do bairro. São histórias que, devido ao fato de ser morador da cidade de Cubatão, viraram notícia, *viralizaram*.

Os jovens sempre me perguntavam por que a Vila dos Pescadores foi escolhida como objeto de estudos da UNIFESP. Conteí um pouco sobre o histórico da presença da Unifesp no bairro e meus interesses de pesquisar a juventude.

Nos anos 2000, a Vila dos Pescadores e outros bairros da periferia brasileira eram controlados por homens que chefiavam pequenas gangues. Essas gangues praticavam pequenos furtos em outras comunidades e também vendiam drogas. Era uma época em que qualquer um que possuísse uma arma poderia recrutar pessoas para executar atividades ilícitas. O chefe mais cruel de uma gangue se chamava Frota<sup>5</sup>.

Frota teria sido um homem cruel, pois batia a esmo nos meninos que trabalhavam cometendo crimes e pequenos furtos para ele. Na grande maioria das vezes, ele só dava ordens e não ia a “campo” fazer o trabalho, nem sequer para liderar, coordenar. A violência praticada por ele contra seus “empregados” causou revolta nestes.

Frota ainda passou um tempo fora da Vila, pois flertou com a esposa de um dono de comércio, o Fausto. Os acontecimentos se deram no local onde hoje existe uma loja de materiais de construção. O volume da voz das pessoas era sempre mais baixo quando relatavam essas situações. A loja de material de construções, que à

---

<sup>5</sup> Os nomes foram alterados. Estas histórias são repetidamente contadas pelos moradores da comunidade.

época era um bar, foi o palco da emboscada que os meninos armaram para matar Frota. Com a morte do chefe dessa gangue, o caminho estava livre para o PCC.

O Primeiro Comando da Capital abriu uma “boca” na rua *ferroviária*<sup>6</sup>. Isso durou pouco tempo, aproximadamente 7 meses. Houve um conflito sangrento entre PCC e o Terceiro Comando da Capital, pelo controle do território. No dia escolhido pelo Terceiro Comando para invadir o bairro e assassinar o gerente da boca, acontecia a Festa Junina na *frentona*. O corpo do traficante ficou jogado na rua e era possível ver o maxilar a alguns metros do corpo espancado e baleado.

O Terceiro Comando, na figura de Fazendinha, o chefe das bocas, assumiu o controle do território por alguns anos. Esta facção era mais violenta e causava terror nas pessoas. Eram espancamentos, brigas, mortes: tudo isso acontecia com bastante frequência. Até que o PCC, depois de alguns anos, finalmente retomou o controle do local, após conseguirem captar e assassinar Fazendinha.

Porém, a violência ainda era um grande problema, o que levava muitos moradores e moradoras a dizerem que na comunidade onde moram “*é preciso ter a cabeça no lugar*”, pra não morrer assassinado pela polícia e nem pelo tráfico, por fazer alguma “*besteira*” na comunidade. Esta fala traduz a luta pela sobrevivência e a noção do certo pelo certo, que permeia a vida nas periferias, conforme lembra Feltran (2011; 2018).

Outro caso bastante emblemático foi relatado durante o trabalho de campo, uma história bastante marcante para as pessoas que moram no bairro. Em 2008, aconteceu um duplo assassinato, por motivos passionais, que chocou a comunidade. A namorada de um olheiro, chamado Folhinha, lhe traiu com um rapaz não envolvido no tráfico. Quando descobriu, Folhinha queria matar os dois. Primeiro torturou o rapaz, espancando-o, quebrando diversas partes de seu corpo a pancadas. Também cortou suas duas orelhas e passou com o rapaz ainda vivo para toda a comunidade ver.

Porém, ele só mataria e consumaria o cruel assassinato quando encontrasse a menina, que conseguiu se esconder por uma semana na casa de uma amiga. A melhor amiga da menina também apanhou muito, pois Folhinha e outros traficantes desconfiavam que ela sabia acerca do paradeiro da garota. Os traficantes ficavam à

---

<sup>6</sup> Esta é a rua da frente da comunidade, paralela aos trilhos de trem que corta o bairro.

espreita na comunidade, principalmente na frente do bairro e nas lajes, para conseguirem ver qualquer movimento suspeito.

Em uma dessas idas à casa da melhor amiga, descobriram onde a menina estava escondida. Ela estava atrás da geladeira, de onde não saiu para nada durante uma semana. Não era possível sair de lá, pois a casa estava sob constante vigilância. Após invadirem a casa, descobriram o esconderijo pelo cheiro, porque ela fazia suas necessidades ali mesmo. Não tomava banho. Descoberto o esconderijo, a garota foi espancada, assim como a melhor amiga. Folhinha levou-a arrastada pelos cabelos na frente de toda a comunidade. Seu estado era como o do amante, diversas partes do corpo quebradas. Levou os dois para passear de barco. Quando um traficante faz isso é porque vai cometer o assassinato.

Tempos depois, Folhinha “deu em cima” de uma mulher casada com um rapaz não envolvido no crime. O tráfico possui a ética do certo pelo certo (FELTRAN, 2011), e os meninos não gostaram da atitude de Folhinha. Então, foi espancado, tendo diversas fraturas pelo seu corpo. Além disso, teve de sair da Vila e atualmente mora em outro bairro da cidade.

São várias as histórias em que traficantes brigam entre si, algumas vezes resultando em morte. Outras vezes, o traficante tem que ir morar em outro lugar, até as coisas se acalmarem. Em algumas situações, podem continuar morando no bairro, desde que não saiam de casa, vivendo exilados em seu próprio lar.

Segundo relatos construídos desde 2013, os jovens se envolveriam, na visão de alguns indivíduos, porque têm a “cabeça fraca”. Para eles, é preciso ter a “*mente calibrada*”. Esta expressão remete ao cotidiano de violência na comunidade, pois calibrar remete a armas. Entretanto, parece concernir ao conhecimento, importante elemento do *hip-hop*, cultura com a qual alguns jovens do estudo estão identificados.

A realidade do crime e do tráfico é algo bastante presente na comunidade. Segundo relatos, os meninos começam a ter amizades com quem já está no crime, e por isso são convidados. A proposta parece ser tentadora, pois o próprio jovem, interlocutor do estudo, já foi convidado duas vezes. Na primeira vez, foi convidado para trabalhar como olheiro, para ganhar 1000 reais a cada 15 dias. Na segunda vez, foi convidado a trabalhar como “doleiro” (embalar as drogas) e receber 2000 reais a

cada 15 dias. Nas duas funções, além do salário, ganha-se um vale refeição de 20 reais e uma pizza no final do expediente, uma vez por semana.

São propostas tentadoras para quem vive com muito pouco. É tentador para o menino que vê seu pai desempregado e a mãe sofrendo para cuidar de seus irmãos. É tentador para o menino que vive na Vila e por essa razão é discriminado e não consegue uma colocação no mercado de trabalho. Recebe uma precária educação na escola, sendo que muitas vezes abandona os estudos para ajudar a manter a família. O jovem contou que teve vários amigos mortos no tráfico; de 10, 4 estão vivos. Destes, 1 está preso.

### 3.6.2 Movimento *Hip-Hop*<sup>7</sup>

O grupo de *hip-hop* já teve várias formações, passando a se chamar Rising Star Crew, aproximadamente em 2013. Entretanto, existia um grupo de dança desde os anos 1980, que já utilizava o espaço do centro comunitário, outras áreas da comunidade e outros bairros de Cubatão para praticar o *street dance* e *miami*.

A origem do grupo foi iniciativa de moradores do bairro apaixonados pela dança e pelo *hip-hop*, com o intuito de propiciar outras referências na vida de crianças e jovens. O intuito era claro: tirá-los da rua através da cultura. Contudo, algumas situações de alunos que se envolveram com o crime e o tráfico fazem parte da história também.

Apesar disso, o grupo consegue atrair a participação de jovens e dar a possibilidade de usufruir de algum lazer e diversão, sendo um ponto de encontro entre jovens da comunidade. Os espaços criados permitem interação e sociabilidade entre os praticantes que compartilham interesses em comum e constroem vínculos de amizade.

---

<sup>7</sup> Estas informações foram retiradas do relatório de Iniciação Científica feito por um jovem morador do bairro, participante do grupo de *hip-hop*. A pesquisa, intitulada “Sou do hip-hop!”: um estudo sobre a participação de jovens na cultura do *hip-hop* em uma comunidade da periferia de Cubatão/SP, foi financiada pelo CNPq e se refere ao edital do CNPq do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior. O jovem recebeu orientação do Prof. Carlos Roberto de Castro e Silva e coorientação de Danilo de Miranda Anhas, de setembro/2017 a agosto/2018.



No grupo, é possível aprender sobre o *beat box*, dança, rap, música. Os jovens que ensinam tiveram a iniciativa e o esforço de aprender grande parte do que sabem sozinhos, ou com os antigos professores que pertenciam ao grupo. Alguns aprenderam a arte através da internet, principalmente por meio de vídeos do *Youtube*®.

As atividades acontecem no Centro Comunitário, lugar de grande circulação de pessoas na comunidade, por estar próximo à entrada do bairro. Alguns moradores, inclusive, param para assistir ou ver o que está acontecendo. Dessa forma, alguns se interessam e continuam a participar das atividades. Contudo, a maioria dos jovens que faz parte do grupo atualmente foi convidada por amigos que já estavam participando.

Atualmente, 25 pessoas participam do grupo. A faixa de idade costuma variar de 12 a 25 anos, e a maioria daqueles que frequentam o grupo são meninos, correspondendo a 19 garotos. O jovem pesquisador deste estudo participa das atividades do grupo desde 2016.

O grupo tem buscado sair do isolamento e interagir com outras iniciativas de outras comunidades da cidade de Cubatão, principalmente no bairro do Bolsão 8. Neste bairro, um dos fundadores do grupo na Vila dos Pescadores tem realizado atividades com jovens do seu novo bairro de residência.

### **3.6.3 O Exército de Salvação<sup>8</sup>**

William Booth foi o fundador da igreja do Exército de Salvação na Inglaterra, em fins do século XIX e início do século XX. Nesta época, muitas cidades do país passaram por um forte processo de industrialização e, por conseguinte, de pauperização de seus habitantes. Curiosamente, a instituição se instala em Cubatão

---

<sup>8</sup> Estas informações estão presentes em um documento não-oficial disponibilizado pela instituição para o pesquisador. Os trechos mais importantes sobre a história da instituição no bairro foram transcritos na íntegra e articulados com trechos da entrevista da fundadora do Exército de Salvação na Vila dos Pescadores.

que, conforme apontamos, é também uma cidade de forte cunho industrial e uma das mais pobres da região da Baixada Santista.

A primeira vinda de representantes do Exército de Salvação ao Brasil aconteceu em 1922, mas foi somente em 1928 que ocorreu a fundação da primeira instituição de caráter social no Brasil, instalada no Lar de Marinheiros em Santos. Já em Cubatão, o Exército de Salvação foi inaugurado na década de 1990 e teve importante participação de uma liderança comunitária que, ao se mudar de Santos para a Vila dos Pescadores, deparou-se com uma situação de vida bastante precária. Assim, começou a realizar trabalhos de reforço escolar em sua própria casa. Tia Aparecida já era membro da igreja do Exército de Salvação e deu continuidade aos trabalhos em Santos, a cidade para a qual acabara de se mudar.

Eu comecei, é, sempre fui do Exército da Salvação desde pequena. Desde pequena. Eu morava em Santos, ali no canal quatro e desde pequena minha mãe me levava pra igreja, que era a igreja do Exército da Salvação. Minha mãe não freqüentava não. Minha gostava é de carnaval mesmo, mas porque lá davam brinquedo, davam roupa, então minha mãe nos levava. Cresci, tive minha adolescência, saí, casei e vim morar aqui, né? Quando eu vim morar aqui meu marido falou que tinha comprado um terreno, quando eu cheguei aqui era só água, não tinha nada, né, mas ele pagou por esse terreno. Foi onde foi construída a minha casa. E eu vi que aqui as crianças tinham uma situação de risco muito grande, além da pobreza, né, era a saúde, era tudo: a situação era precária, muito mais do que nós vemos agora, né? As ruas eram todas em palafitas, então era um negócio terrível. Era criança andando pelada na rua por não ter roupa pra vestir... E aí como eu já conhecia o Exército da Salvação em Santos, então eu convidei, que quem estava lá era a Margareth Ingrid. Eu convidei ela pra poder vir fazer esse trabalho aqui na Vila dos Pescadores (Entrevista da Tia Aparecida).

Quando Tia Aparecida (fundadora do Exército de Salvação) realizou o convite para a representante do Exército de Salvação de Santos, ela já realizava os referidos trabalhos com as crianças em sua própria casa. Houve sempre bastante procura, principalmente das mães, por tais atividades, que no início tinham um cunho mais religioso, seguindo a vertente metodista do cristianismo. Entretanto, o número crescente de crianças em um mesmo espaço físico fez com que a cozinha da casa da Tia Aparecida afundasse no mangue. Nessa época, a comunidade possuía condições

de habitação muito mais precárias do que aquelas que se percebem atualmente, embora ainda existam muitas palafitas, sobretudo próximas ao rio que banha o bairro.

Eu só falava “vai ter uma reunião, uma escolinha”. Aí as mães mandavam as crianças todas. Era das 19h às 21h. Era bastante (criança). Era tanta que a minha cozinha afundou. Porque era na maré, o peso das crianças, a minha cozinha afundou. Depois da cozinha nós fomos pra sala (Entrevista da Tia Aparecida).

Com esses trabalhos executados de forma voluntária pela Tia Aparecida, o Exército de Salvação se instalou na comunidade conforme podemos observar na linha do tempo da instituição, presente em documento que nos foi entregue durante as atividades de campo:

<b>Cronologia (1990-1994)</b>	
<b>Julho de 1990</b>	Oficial Dirigente do corpo do Exército de Salvação em Santos foi convidada para “fazer algo” para as crianças na casa de um ex cadete (nomenclatura do membro da igreja da instituição), local que morava na Vila dos Pescadores. A primeira atividade iniciada foi uma Escola Bíblica todas as sextas-feiras à noite. O trabalho foi bem aceito. Logo, a casa construída em palafita não comportava mais o número de crianças que queriam assistir e começou a ceder. Os moradores aceitaram bem a presença da capitã e de seus ajudantes e queriam que o programa fosse desenvolvido. Nessa época, os primeiros contatos foram feitos com a Associação de Moradores, grupo que se mostrou aberto à instalação do Exército de Salvação na comunidade.
<b>Março de 1991</b>	O trabalho Liga do Lar foi começado entre as mães das crianças. A Escola Bíblica e a Liga do Lar cresceram durante o primeiro semestre do ano. Ambos possuíam um cunho religioso de ensinamento da doutrina cristã.
<b>Julho de 1991</b>	A pedido das mães de algumas crianças, foi iniciado um programa de reforço da escola, que começou a acontecer uma vez por semana, sem quaisquer recursos financeiros. Os únicos materiais disponíveis foram papéis e lápis doados. Durante esse tempo, cresceu uma visão para a realização de um trabalho maior e mais profissional na comunidade da Vila dos Pescadores. Nesse período, a Escola Bíblica acontecia na rua, porque a casa da tia Aparecida não tinha mais condições de receber as pessoas.
<b>Fevereiro de 1992</b>	Os trabalhadores e membros da Igreja do Exército de Salvação começaram a buscar um terreno e uma casa. Os primeiros recursos financeiros começaram a entrar, pois teve início o sistema de apadrinhamento das crianças, pelo qual pessoas de todas as partes do mundo efetuam doações em dinheiro.
<b>Mai de 1992</b>	São nomeadas duas capitãs para desenvolverem o trabalho na Vila dos Pescadores. Então, esta sede se torna uma divisão oficial do Exército de Salvação da capital paulista.
<b>Setembro de 1992</b>	Ocorre a compra da primeira casa da instituição, devido a uma doação oriunda de um membro do Exército de Salvação da Inglaterra.

<b>Outubro de 1992</b>	Mesmo com bastantes dificuldades de infraestrutura, ocorreu a mudança para o endereço atual da instituição. Não havia instalação elétrica acabada, em dias de chuva o interior da casa molhava e, mesmo assim, as condições de atendimento se ampliaram. O reforço escolar passou a acontecer três vezes por semana. A doação de recursos financeiros também aumentou.
<b>Fevereiro de 1993</b>	Ocorre o registro do Cadastro Geral de Contribuintes (CGC) do projeto.
<b>Novembro de 1993</b>	Reforma e ampliação da casa comprada. Nesse período, havia aproximadamente 75 crianças matriculadas.
<b>Junho de 1994</b>	Inauguração da casa após a reforma. Participaram do evento 500 pessoas.
<b>Agosto de 1994</b>	Contratação da primeira funcionária da instituição na comunidade.

O Exército de Salvação passou das 30 crianças atendidas no início de suas atividades na comunidade, em 1990, para mais de 170 atendidos (100 crianças e 70 adolescentes). Atualmente, possui duas casas. Aquela inaugurada em 1994 continua no mesmo local na Vila dos Pescadores e é carinhosamente chamada pelos moradores de “escolinha”, remetendo a uma época em que a ONG dava reforço escolar. Com a profissionalização da instituição no fim dos anos 1990, esta mudou a forma de trabalhar. Realiza atividades artísticas com as crianças de 7 a 11 anos na sede da Vila dos Pescadores. A sede localizada no Jardim Casqueiro atende os adolescentes de 12 a 17 anos de idade.

A instituição funciona em horário comercial, de segunda a sexta e é administrada por um casal de Majores, nomenclatura militarizada utilizada pela ONG. Conta hoje com quatro monitoras, que realizam os trabalhos diretamente com as crianças: música, dança, oficinas artísticas, leitura, jogos, computação. Apenas uma monitora é responsável pelo atendimento dos adolescentes na sede do Casqueiro. A instituição possui uma cozinheira, que também trabalha como auxiliar de limpeza, função também acumulada pelas monitoras. Em seu quadro, possui um auxiliar administrativo, que é filho de tia Aparecida, supervisora. Uma das monitoras também é filha da primeira funcionária.

É interessante observar que todas as monitoras foram alunas do Exército de Salvação. A instituição possui ainda um grande quadro de voluntários, que ajudam principalmente na área administrativa e manutenção da infraestrutura do lugar. Geralmente, os responsáveis pela manutenção física do local são maridos ou

namorados das monitoras e também são membros da igreja, que realiza suas atividades aos domingos.

Os Majores moram juntos na sede do Casqueiro e vieram de outra região do país: Minas Gerais. A psicóloga e a assistente social também não são moradoras da comunidade. Desse modo, no quadro de funcionários da instituição, as monitoras, todas moradoras da comunidade e que possuem um maior vínculo com as crianças e adolescentes, são as que se encontram hierarquicamente em um nível inferior, acima apenas da cozinheira. As únicas funcionárias que possuem o nível superior são a psicóloga e a assistente social.

## 4 INTERLOCUTORES DO ESTUDO

---

## 4.1 Suas trajetórias e histórias na comunidade

Neste capítulo, serão apresentados os principais interlocutores do estudo, com quem houve maior contato e interação durante as atividades do trabalho de campo, tanto no Exército de Salvação como no movimento *hip-hop*, que se encontra duas vezes por semana no Centro Comunitário da Vila dos Pescadores. Serão descritas suas trajetórias, bem como aspectos relacionados às formas como interagem entre si. Como será observado, há vínculos entre os participantes do estudo, independentemente de estarem ativamente participando ou não das atividades promovidas por um outro espaço.

No meu mestrado, a Unidade de Saúde da comunidade, sobretudo na figura dos agentes comunitários, foi uma importante estratégia para entrar no território e iniciar o processo de criação dos vínculos para a realização do estudo. À época, interagi bastante com jovens de um grupo de capoeira e também com o Exército de Salvação (ANHAS, 2015). Já no doutorado, esta instituição foi a principal porta de entrada para a continuidade das minhas pesquisas.

A relevância deste capítulo deve-se à necessidade de visibilizar os discursos dos indivíduos<sup>9</sup>, constituindo a etapa da análise formal proposta pela Hermenêutica de Profundidade (THOMPSON, 2011). Embora nem todos tenham sido entrevistados, foram utilizados os diários de campo, como forma de destacar sentidos e significados de como é viver na comunidade e também da construção de laços e vínculos afetivos.

## 4.2 Tia Aparecida

Tia Aparecida chegou à Vila dos Pescadores por volta dos anos 1980. Morava antes em Santos, com seu marido e um filho. Devido aos altos valores do aluguel

---

<sup>9</sup> Agradeço as contribuições do Prof. Dr. Guilherme Aderaldo e Prof. Dr. Daniel Péricles, quando da realização da banca de qualificação em outubro de 2018, destacando a importância de dar visibilidade aos discursos e trajetórias dos participantes do estudo. Este capítulo se origina destas contribuições.

praticados na cidade, mudou-se para Cubatão<sup>10</sup>, a contragosto. Antes de seu marido consumir a compra do barraquinho, ambos foram até a comunidade, conhecê-la. A realidade do lugar a assustou, mas o casal não tinha escolha.

Porque eu trabalhava num hospital, então eles jogaram lama na rua e você colocava o pé, o pé afundava. E eu chorava, falava: eu não vou! E aí o meu marido me pegava no colo que eu falava pra ele: a culpa de eu estar morando aqui é você. Então ele me pegava no colo e me levava até a passarela, pra mim poder atravessar, pra mim poder pegar o ônibus. Porque eu falava pra ele: eu não ponho o pé nesse lugar, a culpa de eu estar morando aqui é você, eu falava pra ele (Tia Aparecida, Exército de Salvação).

Por influência de sua mãe, sempre participou da igreja do Exército de Salvação. A instituição traz memórias de sua infância e de como foi capaz de dar suporte à sua família através, principalmente, das doações de alimentos e de vestimentas.

Eu comecei, é, sempre fui do Exército da Salvação desde pequena. Desde pequena. Eu morava em Santos, ali no canal quatro e desde pequena minha mãe me levava pra igreja, que era a igreja do Exército da Salvação. Minha mãe não frequentava não. Minha gostava é de carnaval mesmo, mas porque lá davam brinquedo, davam roupa, então minha mãe nos levava. Cresci, tive minha adolescência, saí, casei e vim morar aqui, né? (Tia Aparecida, Exército de Salvação).

Cabe dizer que tia Aparecida sempre esteve ligada, no âmbito profissional, a empregos e instituições ligadas ao cuidado. Trabalhou como copeira em Hospital e também em clínicas e ONGs no campo da assistência social. A necessidade de trabalhar desde a mais tenra idade prejudicou a conclusão dos estudos. Entretanto, ela conta com orgulho e satisfação que retomou os estudos e, durante esta pesquisa, passou a frequentar aulas e estava prestes a concluir o Ensino Médio. Tem o sonho de fazer Serviço Social.

---

<sup>10</sup> Castel (2015) fala sobre os processos de desfiliação social em decorrência da exclusão social e da desigualdade, que acabam por reforçá-las. As trajetórias de muitos moradores da Vila dos Pescadores são marcadas por rupturas de vínculos com familiares, amigos e também com suas comunidades de origem.



Tia Aparecida tem um histórico de pobreza em sua família. Certa vez, em uma conversa durante uma das minhas visitas, contou que sua tia-avó era uma das últimas filhas vivas de negros escravos vivendo em Santos. Mostrou orgulhosa uma reportagem em que esta sua parente conta como foi ser educada por antigos escravos. Devido a essas histórias e sua formação enquanto ser humano, tia Aparecida via a necessidade de ajudar as pessoas, vistas por ela como mais necessitadas.

Logo que chegou à Vila dos Pescadores, chamou-lhe atenção as crianças que viviam em situação de vida bastante precária. Como já era do Exército de Salvação, começou a dar aulas de reforço escolar em sua própria casa. Como relatado na análise sócio-histórica, eram tantas crianças que o cômodo da cozinha afundou.

As histórias de tia Aparecida e do Exército de Salvação na Vila dos Pescadores se confundem e convergem. No início da instituição na comunidade, a sede era sua própria casa. Tia Aparecida e Exército de Salvação possuem identidades que muitas vezes se confundem. Muitas vezes, parece que a primeira é o Exército de Salvação, e esse sentido se dá graças ao seu comprometimento e esforço em transformar a vida de crianças, jovens e suas famílias. Para tia Aparecida, não há sábado, não há domingo; assim, não doa apenas alimentos e roupas para a comunidade, mas compartilha tempo e afeto.

Hoje ela é conhecida como a pessoa que cuida das crianças e jovens. Não é apenas um cuidado restrito à responsabilidade ou tutela. Há um sentido de ser mãe. E esse sentimento de tia Aparecida pela comunidade é uma forma de retribuição e gratidão pelo acolhimento que as pessoas de lá lhe proporcionaram.

Eu vim pra cá sozinha, tanto que eu não tenho parente nenhum aqui. Todo mundo acha que, “nossa, tu é parecida com num sei quem, tu é irmã...?”. Falo “gente, é tudo preto, mas nós não somos parentes não”. E o pessoal me ajudou muito aqui, muito. Eu podia deixar meus filhos, tá, é, é, eu num sei se é porque eu comecei a trabalhar no projeto, eu saía daqui tinha mãezinha que falava “tia, vem almoçar na minha casa”, tá. Então eu fui muito bem cuidada por elas. Eu trouxe a minha mãe, porque a minha mãe ficou doente, a minha vizinha tomava conta da minha mãe, tá. “Tia, pode ir sossegada que eu tomo conta da avozinha.” (Tia Aparecida, Exército de Salvação).

Com tantas dificuldades, ela ressalta que conseguiu criar três filhos e que deseja o mesmo para os seus. O afeto da gratidão é recíproco e retribuído pela comunidade.

A minha missão é cuidar das pessoas. Eu não vejo se elas são do projeto ou não, se está precisando de mim e se eu posso, eu cuido. Eu me preocupo com as pessoas. Como eu falei essa comunidade me acolheu. Então eu devo muita a essa comunidade. Mesmo do jeito que ela é problemática, mas eu consegui criar três filhos aqui e bons filhos. Então o que eu consegui aqui eu quero pros outros também. Eles cuidam de mim. Isso é um amor muito grande, eles cuidam de mim. [...] Eu sou muito grata por isso. Se eu fico doente, Danilo, nossa, o povo vai na minha casa, o povo me leva comida, o povo me leva café, tá: “tia, a senhora tá precisando de alguma coisa? Tia, a senhora comprou o remédio?”. Sabe? Eu sou cuidada por eles e isso é muito gratificante você ser cuidada pelos outros (Tia Aparecida, Exército de Salvação).

Tia Aparecida também acolhe as famílias dos jovens da instituição, principalmente as mulheres que são vítimas de violência doméstica. Além disso, há também vários casos de violência doméstica contra crianças e adolescentes atendidos pela instituição. Apesar de todos os esforços, estas situações colocam-na em paralisia, imobilização. Gostaria de poder ajudar a todos, contudo, existem situações-limite.

A gente não pode falar. A gente sabe, mas a gente não pode falar. E é terrível isso. Terrível. Acaba com a vida da gente. (Diz em tom de voz baixo quase suspirando): Acaba com a vida da gente. Então ninguém fala, ninguém fala (Tia Aparecida, Exército de Salvação).

Ser uma referência na comunidade para a vida de crianças e jovens requer demonstração de força e esforço, para continuar firme e forte na labuta de enfrentar a desigualdade social e suas consequências. A dura realidade, entretanto, faz com que Tia Aparecida assuma muitas responsabilidades e nos faça indagar “quem cuida de quem cuida?”. As dificuldades enfrentadas no cotidiano anos a fio fazem com que ela chore, no silêncio do seu lar, para poder renovar forças para o novo dia que está por vir.

Então, eu costumo, eu falo assim, as pessoas falam “ah, tia, você é forte”. Eu falo “eu enfrento qualquer problema” e na hora que eu estou enfrentando o problema eu não choro, eu nada, eu não faço nada: eu enfrento o problema, se for pra lutar eu luto, se for pra falar eu falo, eu enfrento o problema, mas depois eu choro. Sabe? E é isso que faz eu não entrar numa depressão, num faz nada. Eu choro muito, eu choro, sabe, parece que eu lavo a minha alma chorando. Eu choro muito, porque às vezes eu não consigo ajudar o suficiente que a aquela pessoa precisa, tá. Mas o que eu posso fazer pra mim não tem horário, pra mim não tem isso, sabe? Eu vou, eu visito, eu não tô nem aí, eu vou mesmo (Tia Aparecida, Exército de Salvação).

A grande luta da tia Aparecida é, atualmente, prevenir a entrada dos meninos no mundo do crime. Conta sempre com bastante angústia sobre o fato ao ver algum jovem atendido pelo Exército de Salvação se envolver no mundo do crime. São situações que fazem despertar nela um sentimento de impotência. Tenta também prevenir a entrada precoce dos jovens atendidos pela instituição no mercado de trabalho. Devido à pobreza, muitos responsáveis tiram os filhos da instituição para que estes possam trabalhar e contribuir com o sustento da família:

Olha, antigamente nós conseguíamos mais (evitar a entrada de jovens no mundo do crime). Agora eles, assim, conseguem arrumar um emprego, mas eles param de estudar pra poder trabalhar. Eles para pra poder trabalhar (Tia Aparecida, Exército de Salvação).

São muitas as memórias construídas na interação com crianças e jovens. Durante a entrevista, tia Aparecida pôde rememorar alguns momentos cômicos, outros nem tanto. Apesar da dor de alguns jovens se envolverem em complexas tramas, conta com orgulho algumas outras situações. No caso abaixo, refere-se a um jovem que conseguiu uma boa nota no Exame Nacional do Ensino Médio. Orgulha-se como se fosse também mãe, ou melhor dizendo, como se fizesse parte dessa história, sentida por ela como uma superação.

Esqueci o nome dele, depois eu lembro. Ele fez... Ele estudava no Castelão. Impossível o menino, impossível. Mas sempre nos respeitou e uma prova que ele fez do ENEM, ele tirou em segundo lugar, metade da faculdade de engenharia... O Thiago! [...]Ele fez a prova do ENEM e ele pegou... Então, a mãe dele paga metade. Que a mãe dele mora

numa casa da Vila aqui, mas tem tudo, né. Então a mãe dele paga a metade, metade ele conseguiu sem pagar. E ele tá fazendo faculdade de engenharia (Tia Aparecida, Exército de Salvação).

Pode-se dizer que Tia Aparecida é uma pessoa comprometida em ajudar e apoiar as pessoas na comunidade que vivem o sofrimento ético-político (SAWAIA, 2011a). Seus valores centrados no cristianismo permitem uma doação de si ao outro, promovendo o cuidado. Esse tipo de participação na comunidade deu-lhe o *status* de referência no cuidado de crianças e jovens, principalmente.

### 4.3 Joaquim

Joaquim é um jovem sonhador, de 14 anos de idade. Sua participação na pesquisa se deu de maneira pontual, mas bastante importante. Desde pequeno, mais precisamente desde os seus sete anos de vida, participa das atividades do Exército de Salvação, tendo uma relação bastante próxima com as monitoras da instituição, assim como com a tia Aparecida.

Ele mora com sua mãe, trabalhadora na área da limpeza, e seu irmão, de 12 anos, também atendido pelo Exército de Salvação. A religião mostra-se importante para essa família, que frequenta uma igreja evangélica do bairro todas as quintas e domingos. É comum Joaquim e sua mãe postarem nos *status* do *Whatsapp*® frases relacionadas ao evangelho, sobretudo frases atribuídas a Jesus Cristo.

Joaquim é bastante envolvido com a comunidade, sendo conhecido por muita gente. Durante o reconhecimento do território<sup>11</sup> que realizei em sua companhia, a cada beco e rua por onde passava, cumprimentava alguém.

Joaquim também encontrou várias pessoas conhecidas: adultos, jovens, crianças. Perdi as contas de quantas pessoas ele cumprimentou enquanto caminhamos por aproximadamente 40 minutos no bairro. A cada pedaço que percorríamos ele dizia quem morava por lá. Sempre associava os lugares a pessoas que ele

---

<sup>11</sup> Expliquei o intuito da atividade aos jovens do Exército de Salvação e João foi quem se prontificou a me acompanhar em um final de semana.

conhece. Algumas pessoas eu sabia de quem eram, pois são alunos da ONG. Assim, passávamos perto de alguns becos/trechos e ele me dizia nome por nome quem morava por lá. Algumas vezes me mostrava a casa da pessoa, mas na maioria das vezes associou microrregiões às pessoas. Fez isso durante toda caminhada (Diário de Campo, 25.06.2017).

Joaquim também é bastante envolvido nos times de futebol do bairro, um importante elemento de sociabilidade para meninos e algumas meninas. Além do futebol, neste e em vários dias aos finais de semana, principalmente, é possível ver muitos jovens empinando pipa, vista como uma tradição. Futebol e pipa são elementos lúdicos importantes na socialização de jovens na comunidade. Há pontos onde se encontram para realizarem essas brincadeiras. Alguns desses pontos são próximos às lojinhas<sup>12</sup>. Joaquim preferiu evitar passar por alguns desses pontos, por onde não circula.

Joaquim me falou sobre uma parte da Vila onde os meninos vão para empinar pipa. Havia algumas lojinhas abertas onde são vendidas pipas. Os meninos costumam empinar pipa próximo ao trilho do trem onde fica uma ponte praticamente em frente à Vila Pelicas. Costumam empinar pipa também no portinho, próximo às margens do rio. Muitos também vão ao Casqueiro, na Beira Mar. Esse era o destino de Marcelo, porém ele estava indo para lá a fim de andar de skate. Contou-me que não dá para andar de skate devido aos tipos de ruas na Vila dos Pescadores. Estava vestido a caráter: bermudão, camiseta regata, touca e, obviamente, carregava seu skate entre o braço, colocado ao corpo. Convidou-me para o evento de *hip-hop* que acontecerá hoje à noite no Casqueiro. Seria ontem, mas foi adiado (Diário de Campo, 25.06.2017).

Assim, as brincadeiras relacionadas ao futebol, à pipa e ao skate não acontecem sempre na Vila dos Pescadores. Os jovens vão até o bairro vizinho, o Jardim Casqueiro, que possui várias praças e campinhos de futebol grandes, onde podem brincar e encontrar outros jovens de outros bairros, amigos da escola e que possuem interesses em comum.

---

<sup>12</sup> É um dos termos utilizados na comunidade para se referir a pontos onde são vendidas drogas.

Viver tão próximo, praticamente na fronteira, a um bairro com melhores condições de vida, parece reforçar o desejo de os jovens deixarem a Vila dos Pescadores. Jovens como Joaquim nutrem o sonho de conseguir um trabalho, para assim terem condições financeiras de deixar a comunidade.

Me vejo no futuro um homem esforçado, pronto para trabalhar, não sei qual profissão seguir, mas adoro ciências, esportes, animais, policial ou servir o Exército, Aeronáutica ou Marinha ou jogador de futebol, piloto de corrida ou de avião ou Engenheiro Ambiental ou lutador de UFC. Acho que trabalho é uma coisa importante na vida de qualquer um. Se não trabalhar acho que não teria graça nenhuma. E pra você comprar suas coisas se não trabalhasse não compraria nada, mas trabalhando você pode ter. Meus avós sempre falam junto com minha mãe: 'nunca desista do seu sonho, se você quiser, corra atrás' (Diário de Campo<sup>13</sup>, 31.08.2017).

Joaquim é um jovem que vive em uma palafita e sua família tem dificuldades financeiras, como a grande maioria das famílias dos jovens da Vila dos Pescadores. Entretanto, parece ter construído algumas referências, com base nos elementos de sua sociabilidade, que lhe permitem manter vivos os sonhos. Vê no trabalho uma possibilidade de transformar a sua realidade e a da sua família. Encontra apoio nas relações e vínculos afetivos com sua mãe e com as monitoras do Exército de Salvação, que reforçam atitudes como ser esforçado, empenhado e perseverar nos estudos.

---

<sup>13</sup> Este trecho se refere à atividade realizada com os jovens sobre o trabalho. A Psicóloga do Exército de Salvação. Sugeriu que trabalhássemos temas relacionados ao mercado de trabalho e pediu minha ajuda, sabendo que já trabalhei em projeto de Orientação Profissional. Aceitei e sugeri que propuséssemos tais atividades no formato de oficinas. Fizemos a presente oficina com os alunos do período da tarde e da manhã, totalizando 24 jovens. Em um primeiro momento foram explicadas as etapas da oficina, bem como seu tempo de duração (e a duração de cada etapa). Em seguida, como forma de sensibilização, os jovens escutaram a música "Fábrica" da Legião Urbana. Após lermos algumas frases sobre trabalho, ditas por celebridades, passando por Simone de Beauvoir até o personagem Seu Madruga, pedimos que os jovens representassem o que é trabalho para eles. Poderiam desenhar, escrever ou utilizar recortes de jornais, revistas.

#### 4.4 Marcelo

Marcelo é um jovem de 14 anos de idade e mora na comunidade desde que nasceu. Atualmente, mora com sua mãe, padrasto e seu irmão mais novo, de 07 anos de idade. Seu padrasto trabalha na área industrial e sua mãe atua na área da limpeza. Como ambos trabalham, é Marcelo quem toma conta de seu irmão mais novo, tendo que levá-lo e buscá-lo na escola.

Quando tinha apenas 07 anos de idade, seu pai foi atropelado. É algo recorrente na fala de Marcelo, que sente falta de seu pai até hoje. Sempre diz “*meu dou melhor com minha família de parte de pai do que com a família de parte de mãe*”. O fato de sua mãe estar com outro homem afeta Marcelo negativamente. Ele não consegue se dar bem com os dois. Outra questão que dificulta a relação é a religião.

Marcelo se diz ateu. Sua mãe e seu padrasto frequentam uma igreja neopentecostal da comunidade. Até Marcelo se tornar adolescente, era obrigado a frequentar junto com eles todos os cultos. Na fase da adolescência, passou a recusar-se a ir à igreja, ficando, portanto, de castigo várias vezes, em decorrência das discussões causadas por essas negativas. Os castigos consistem em não poder ir ao treino de dança no movimento *hip-hop* e ficar sem internet.

Ir ao Exército de Salvação é uma das concessões que ele faz ao padrasto e à mãe. Como já frequenta as atividades do Exército de Salvação contra sua vontade, não se vê na obrigação de frequentar também os cultos. Ao menos no Exército de Salvação ele pode se ver livre da tutela de seus responsáveis, que o enxergam como adolescente rebelde e irresponsável. Marcelo detesta este rótulo e se diz incompreendido por eles.

Ficar sem internet é um enorme martírio, pois Marcelo gosta de ficar a madrugada inteira jogando *on-line* com seus amigos. Aliás, essa é a sua principal atividade na internet.

Algumas brigas aconteceram porque ele colocou um brinco na orelha. Esse ato foi visto por sua mãe e seu padrasto como uma afronta à sua autoridade. Além disso, segundo os relatos de Marcelo, ter furado a orelha, gerou um mal-estar e uma desconfiança, principalmente da parte de seu padrasto, quanto à sua orientação

sexual. Mesmo após ter iniciado um namoro com uma garota, não teve paz. Seus responsáveis preocupam-se com a possibilidade de Marcelo engravidar a menina e a questão do sexo antes do casamento é visto como um problema.

A garota tem a mesma idade e mora em outro bairro, a Vila São José. Os dois se conheceram na escola. É recorrente na fala de meninos, adultos e adultas que é importante namorar pessoas fora da comunidade, uma vez que, na visão de alguns, as meninas da Vila dos Pescadores “não se dão ao respeito”. Voltaremos a essa questão mais adiante.

Quanto a furar a orelha, chama a atenção o fato de que Marcelo não encontrou nenhuma dificuldade em achar um estabelecimento que executasse o serviço. Chama a atenção também o fato de que Marcelo possui recursos financeiros, mesmo que poucos, pois trabalha informalmente de garçom aos finais de semana em um restaurante no Jardim Casqueiro. É a forma que encontra de poder comprar as roupas, calçados e itens como brincos e skate, bens materiais que seus responsáveis nunca comprariam, segundo o próprio Marcelo.

Marcelo foi a minha principal entrada para o movimento *hip-hop* da comunidade. Dado o vínculo construído no Exército de Salvação, ele me convidou para conhecer o grupo e assistir às suas performances como *b-boy* nos ensaios e treinos de dança no Centro Comunitário. Fala com bastante carinho do grupo de amigos que participa do movimento *hip-hop* da Vila dos Pescadores. Refere-se ao grupo, assim como os demais, como uma família. Foi através de Marcelo que conheci Arthur, uma das lideranças do grupo.

#### **4.5 Arthur**

Arthur, 22 anos, é mais um dos jovens desta pesquisa que vive na Vila dos Pescadores desde que nasceu. É o caçula entre seus nove irmãos, no exercício de profissões que exigem baixa qualificação profissional. Mora com seu pai, que é Operador de Máquinas na área industrial da cidade.



Sim, tenho (risada) 9 irmãos. Tenho 9 irmãos, 10 comigo, né. Sou o caçula dos homens, entendeu? E sou o segundo mais novo de todos. Tenho, tenho um irmão... Tipo, um já faleceu, né... É pra falar de cada irmão? É pra falar a profissão de cada irmão? [...] É, então, meu irmão Rogério é Cabeleireiro. Ele mora na Alemoa. Tenho a Débora, que ela tem um trailer de lanche aqui. O Thiago é Montador de Andaime junto com o Alexandre, o meu outro irmão também. A Aline ela é a caçula, então, tipo, ela ainda é de menor, né. Tem a Bruna, que é Cabeleireira também, né, só que atualmente ela não tá exercendo a profissão dela, tá trabalhando num supermercado, né. E mais quem que eu esqueci? A Bárbara, tem a Bárbara, também tá desempregada, mas é casada e tal, o marido dela trabalha tal. Num sei, acho que falei todos, num sei... Num lembro (Alex, Professor de *beat box*, 22 anos).

Arthur já trabalhou na área industrial da USIMINAS em Cubatão, como ajudante geral. Além desse emprego, já trabalhou como caixa e repositor em um supermercado da cidade. No cotidiano do trabalho, era comum que seus colegas pedissem que fizesse *beat box*, utilizado no ambiente como uma forma de entretenimento contra a monotonia das tarefas.

Na infância, Arthur foi um dos atendidos pelo Exército de Salvação, construindo na instituição vínculos afetivos que perduram até os dias de hoje. Em sua entrevista, relatou que as atividades lúdicas realizadas durante o tempo em que foi atendido pela instituição despertaram seu interesse pela arte. Seu irmão mais velho já ouvia rap e influenciou o gosto de Arthur, mas o jovem afirma que o Exército de Salvação também desempenhou um papel importante para esse despertar.

Sim. Foi até bom citar isso. Eu comecei na escolinha<sup>14</sup> desde pequeno e, tipo, ela foi importante pra mim. Acho que foi um negócio que também, porque por mais que eu tenha uma influência do meu irmão, eu acho que assim o primeiro contato vivo, tipo assim, a cara assim, rosto com a arte, deve ter sido na escolinha, por quê? Porque eu sempre tive contato em questão de pintura, viajava pra museu, entendeu?, quando era pequeno, entendeu? Então eu sempre vi, eu acho que eu sou muito grato à escolinha por isso, por quê? Porque sem eu saber, quando eu era pequeno, a arte já tava introduzida no meu subconsciente porque pelo fato de eu ter viajado com escolinha,

---

<sup>14</sup> Escolinha é o apelido carinhoso que os moradores usam para se referir ao Exército de Salvação. Este apelido remete a um período em que as atividades da instituição se concentravam no reforço escolar. Quando se converte no início dos anos 2000 como Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, o reforço escolar deixa de fazer parte do programa de atividades.

ter feito as atividades deles, entendeu?, e etc. e tal. Então, tipo, eu sou muito grato a eles (Arthur, Professor de *beat box*, 22 anos).

A influência de seu irmão e do Exército de Salvação fizeram despertar o interesse em Arthur pela arte. Aliás, durante o tempo em que esteve desempregado, deu oficinas sobre o *hip-hop* para crianças e adolescentes da Exército de Salvação.

Na internet Arthur aprendeu, então, sua arte, assistindo a tutoriais de *beat box*. Em eventos de rap realizados em São Paulo, pôde conhecer outras pessoas do movimento *hip-hop*, cujos contatos a internet também facilitou. Em um desses eventos, conheceu o seu “padrinho do *beat box*”. Depois de conversar pessoal e virtualmente, uma mudança grande aconteceu em sua vida, quando tinha por volta dos dezenove anos de idade.

Sim, sim, eu morei sozinho, na verdade foi uma experiência... Eu sempre fui um cara, tipo, meio aventureiro, né... Aí, tipo, eu lembro quando eu saí, né, do meu primeiro emprego, eu tinha um interesse muito grande pra aprender sobre o movimento *hip-hop* que é a área que, tipo assim, predomina, né. Eu sempre gostei de arte, mas eu sempre procurei saber sobre o *hip-hop*. Eu tinha um colega meu, que morava em Piracicaba, né, eu fui pra lá, fiquei na casa dele lá um tempo. Ele, ele trabalha, ele vive do *beat box*. Eu faço *beat box*, mas na verdade ele vive disso, né. Ele tem o Vocal People, que uma vez eu falei, comentei que ele trabalha no Vocal People. Ele fez uma turnê com a Monticário, então ele sempre vivia viajando. Aí, tipo, eu acabei meio que, assumir as parcelas do aluguel na casa dele. Ele viajava e eu ficava lá, morando um tempo sozinho lá. Eu fiquei 7 meses lá, entendeu? Em São Paulo, vivendo sozinho e tal. Aí depois, tipo... [...] Eu tava com 19 anos. Aí, tipo, eu acabei meio que, né, desempregado, tava fazendo bico lá, e começou a apertar, aí eu falei com ele, falei “oh, tô indo, entendeu? Num tá mais dando pra ficar aqui, eu vou voltar lá pra Cubatão lá.”. Aí eu conversei com ele, né, porque até então, tipo, eu tava tomando conta das coisas dele, mas eu também tava pagando aluguel. Aí conversei com ele, aí ele foi lá, fizemo um bem bolado lá, aí eu acabei voltando e tô aqui até hoje (Arthur, Professor de *beat box*, 22 anos).

Seu padrinho de *beat box* deu-lhe a oportunidade de viver experiências em outra cidade, em Piracicaba. Dividiam as contas em um apartamento e, na época, Arthur vivia fazendo “bicos”. A vivência em outra cidade e o contato mais intenso com o *hip-hop* permitiram novas aprendizagens e o aprimoramento das suas habilidades no *beat box*.

Foi assim, na verdade, tipo, eu conheci ele, entendeu? Mas eu não tinha um contato tão grande com ele. Eh, ele foi meio que meu padrinho no beat box. Porque professor, professor eu não tive, né. Eu tive as pessoas que me ajudaram, me instruíram, porque eu, antes dele, não tinha contato com ninguém do beat box. Aí acabei conhecendo ele. Aí eu fui lá pra casa dele, tive o primeiro contato com ele e tal, nós conversamos e tal. Eu fui lá, a primeira vez que eu fui lá eu fui pra turnê Batalha das Goelas. Aí acabei participando da batalha e tal. Não me classifiquei. Aí, tipo, conheci ele e na segunda vez que fui pra lá já fui pra lá com essa ideia, né. Porque eu tinha acabado de sair do trabalho e acabei ficando lá um tempo lá. [...] Porque, assim, cara, o que eu não acho aqui eu achava lá. Tipo assim, aqui tem uma roda de break, mas se eu quiser ver um grafite, entendeu, algum evento de grafite, eu tenho que esperar algo que acontece duas ou três vezes no ano. Que é um evento que acontece em Santos, encontro cultural, entendeu? E lá não, lá isso era constante. Então, tipo, foi bom eu ficar esse tempo lá porque eu absorvi muita coisa. Teve muita coisa lá que quando eu vim, tipo, eu vim pra cá explodindo conhecimento, entendeu? Tipo, foi muito legal. Eh, é isso (Arthur, Professor de *beat box*, 22 anos).

Essa mudança para outra cidade não foi totalmente aprovada por seu pai, para quem o trabalho parece ser uma questão central para a ascensão social e transformação da vida. Isso reflete alguns dos dilemas vividos pelos jovens que participam do *hip-hop* na comunidade, pois seus pais não enxergam ganhos nesse tipo de participação.

Ah não, meus pais, eles sempre, sabe? Tipo, é assim, meu pai, principalmente meu pai, ele é aquela geração, né, do Norte, né, que tu tem que trabalhar. Ele nunca acreditou no beat box. Porém, ele, ao menos, ele me apoia. Ele fala “pô, tu acha que vai dar pra tu viver disso e tal, num sei o que?”. Porque ele foi criado desse jeito, mas ao menos ele apoia, entendeu? (Arthur, Professor de *beat box*, 22 anos).

Arthur usa bastante a internet para fins de entretenimento e conhecimento. Entretanto, acredita que as pessoas estão mais conectadas ao virtual do que ao que seria chamado de real. Expressa, assim, uma certa nostalgia de um determinado tempo em que o lúdico se dava através do contato físico e presencial com outras pessoas. Assim como Joaquim, ele fala da pipa como uma importante brincadeira das crianças e jovens.

Arthur gosta de estar junto das pessoas, de interagir com elas. Com relação ao *hip-hop*, diz: “*Eu queria interagir. Eu queria a reação. Eu queria escutar o barulho do “hãhã” (com ar de surpresa e admiração). Eu queria isso, cara, eu busquei isso.*” E é por isso que Arthur é um dos responsáveis pelos ensaios e treinos de dança e *beat box* no Centro Comunitário.

Cara, eu vou falar pra você, oh, que eu não tenho o que reclamar da minha infância. Por quê? Porque na, na, na parte, questão de lazer, cara, é, não igual hoje, hoje tá bem mais difícil, mas, tipo assim, a minha infância foi divertida porque eu jogava bola na quadra, entendeu? Não tinha esse negócio que tem hoje de moto passando pra lá e pra cá, esse desrespeito. Então, tipo, a minha infância, ela foi uma infância que faz falta, cara. Tipo, que eu vejo que as crianças, num é mais que nem antes, e hoje a molecada tá se prendendo muito à tecnologia, né, cara. Hoje tu vê uma molecada no *tablet*, no computador e num quer, num sabe o que é um pião, num sabe o que é uma bolinha de gude, entendeu? Num conhece as raízes. Eu não, eu já conheci isso tudo. Eu participei disso. Até hoje, inclusive, de vez em quando, eu solto uma pipa, rodo um pião, se tiver oportunidade... [...] A pipa porque a pipa é tradição mesmo, mesmo, mesmo, mesmo. A pipa é o que permanece mesmo, mas tu achar uma molecada assim rodando um pião, entendeu? A molecada jogando uma bolinha de gude é bem difícil assim, tipo, caiu bem, caiu bastante, né, tipo, esses costumes de antigamente (Arthur, Professor de *beat box*, 22 anos).

Há interesse também nos vínculos construídos com jovens da comunidade e o sentimento de que é responsável por eles e elas. A trajetória de Arthur é marcada por vínculos afetivos, principalmente com o irmão mais velho e com o Exército de Salvação, que o inspiraram a seguir na arte através do *hip-hop*.

#### 4.6 Leandro

Sim, sim. Eu nasci aqui em Cubatão, meu pai é de Pernambuco e minha mãe é do Guarujá. Eu nasci aqui em Cubatão mesmo, eu não tenho, é, muita coisa referente a isso pra falar (Leandro, Professor de *break dance*, 22 anos).

Leandro é o principal idealizador do grupo, que sustenta atividades realizadas ao movimento *hip-hop* no Centro Comunitário da Vila dos Pescadores. Faz questão

de enfatizar que, desde cedo, teve de lidar com muitas responsabilidades, palavra que aparece diversas vezes em seu relato.

É trabalhador na área de *call center* e *telemarketing* na cidade de Santos, tendo anteriormente trabalhado na área da construção civil, um serviço bastante pesado. Vive com sua esposa, que estava grávida quando da realização da entrevista. Conheceu-a na própria comunidade. Fala com bastante orgulho de sua futura paternidade, referindo-se também às responsabilidades que esse novo papel trará em sua vida. Dessa forma, um de seus propósitos e planos é dar condições de vida ao seu filho e à sua esposa. Dar aulas de dança é uma forma de relaxar, mas, como veremos, um lazer associado a um senso de responsabilidade.

Meu nome é Leandro, tenho 22 anos, é, eu faço isso aqui há por volta de 13 a 14 anos. Então não é um caminho tão curto assim. Atualmente eu trabalho na área de telemarketing, de telemarketing, no meu tempo livre que é esse de agora eu venho pra cá dar aula de dança aqui na Vila dos Pescadores em Cubatão. Atualmente eu vou ter um filho, como eu já tinha falado, ele tem seis meses na barriga e eu tô muito orgulhoso disso, né, eu vou poder passar tudo pro meu filho (Leandro, Professor de *break dance*, 22 anos).

O senso de responsabilidade de Leandro se deve ao fato de sentir-se responsável por prevenir a entrada de jovens no mundo do crime. Além disso, trata-se de um sentimento de responsabilidade, no que tange ao compartilhamento do conhecimento que possui.

Quando tinha quinze anos, frequentava as aulas de dança de um antigo professor de *break dance*, que começou a dar essas aulas para crianças e adolescentes, no intuito de prevenir a entrada dos mesmos no mundo do crime e promover, assim, entretenimento, lazer e cultura na comunidade. Como este professor se envolveu com outras atividades profissionais, Leandro ficou com a responsabilidade pela continuidade das aulas, o que chama de legado, pois tem uma concepção de que o grupo não existe em decorrência de uma vontade individual, mas sim pela força do coletivo. Em um futuro próximo, pode não mais dar aulas de dança, contudo, os ensaios e treinamentos não podem parar. Leandro tenta, assim, transmitir esse valor para as crianças e adolescentes, pois eles podem ser o “Leandro” do futuro.

Olha, eu acho que é um legado. É um legado que foi imposto a mim, né. Não que eu não tivesse vontade, é claro, né. Mas alguém com 15 anos assumir a responsabilidade a qual eu tive que, eu acho que foi muito difícil... Eu acho que eu consegui, né, dar andamento a isso tudo. Passar o conhecimento é obrigação, isso é razão da humanidade. Se o primeiro humano não tivesse passado conhecimento pro segundo, hoje nós estaríamos vivendo na era da pedra ainda. Então passar conhecimento é uma obrigação social pra mim, ao meu ver, claro. Obrigação social, porque se eu tenho um conhecimento que pode salvar a vida de alguém, possivelmente pode salvar a vida de alguém, claro, pode ajudar a pessoa em algum tipo de situação como financeiramente, ou socialmente, eu tenho o dever de passar pra ela. Eu tenho o dever de passar pra ela. Porque não é todo mundo que tem acesso a esse tipo de coisa gratuitamente. Eu não tive. Eu não tive. Eu tive acesso gratuitamente quando eu quis, né. E quando meus primeiros professores, é, as pessoas que aprenderam inclusive a dançar sozinhas, aprenderam tudo o que a gente sabe aqui, todo o conhecimento sozinhas, passaram adiante sem cobrar nada de ninguém, por que que eu, um reles humano, um reles dançarino, não vou passar? Eu tenho que ajudar as pessoas. Tenho que ajudar as pessoas. Assim como eu gostaria que ajudassem meu filho, ou minha mãe, minha irmã, minha família inteira (Leandro, Professor de *break dance*, 22 anos).

Então, primeiramente eu acho que quando eu comecei a dançar eu já sabia que eu tinha responsabilidade desde pequeno, né. Que é algo que a gente recebe de casa, a educação, né, ela faz a gente ter certos tipos de responsabilidade. Quando eu fiz 15 anos eu tive que assumir a responsabilidade pelo grupo, então foi algo que me tocou bastante e fez com que eu mudasse bastante, né (Leandro, Professor de *break dance*, 22 anos).

Os professores com quem Leandro teve contato nos outros coletivos de dança existentes na comunidade, na sua tenra adolescência, lhe ensinaram voluntária e gratuitamente. Por isso, sente que fazer o mesmo com relação a outras crianças e jovens é um dever, uma forma de retribuir aquilo que um dia lhe proporcionaram.

Na verdade, os professores me ensinaram a dançar, a caminhar com as minhas próprias pernas. Porém, depois daquele primeiro ano eu já ingressei sozinho e tentei evoluir o máximo que eu podia. Agora eu sinto como se fosse um dever de eu passar pra frente. E hoje a gente tá aqui, né, a gente passa o que a gente sabe. O Arthur tá junto aqui com a gente passando, dando as aulas de beat box pra eles. Então a gente sempre procura tomar o tempo, o tempo que as crianças têm de ficar na rua, né. Pra que eles possam, pra que eles possam não cair no mundo errado, é, pra que eles não tenham tempo pra drogas, bailes funk, que é na onde a gente encontra muita apologia ao crime, às drogas, dentre outras coisas e etc. Então, é mais, é mais um resumo

referente a isso, né, sobre o que a gente faz aqui dentro (Leandro, Professor de *break dance*, 22 anos).

Difícil, muito difícil. Eu acho que ser jovem aqui na Vila é, é encontrar dificuldades pra arrumar emprego, dificuldades pra, até estudo, precariedade, né, referente ao estudo, tanto quanto, as malícias e as coisas que tentam puxar a gente pro lado errado, que seria traficar, roubar, matar... Então têm muitas coisas que, que tentam nos puxar pro mundo, né (Leandro, Professor de *break dance*, 22 anos).

A realidade na comunidade é vista por ele como difícil, em decorrência das condições materiais e históricas, associadas à desigualdade e exclusão sociais. São essas lacunas que o grupo idealizado por Leandro tenta preencher. Entretanto, o interlocutor não cita as questões referentes às relações e vínculos na comunidade como um fator de dificuldade, ao menos não diretamente. São as lacunas deixadas pela fragilização desses vínculos e relações que o grupo tenta, de certo modo, suprir.

A própria história familiar de Leandro é configurada em meio a rupturas de vínculos. Aos dezoito anos, foi expulso de casa por sua mãe e atribui isso a seu comportamento “pilantra”. Pode-se inferir de sua fala que, possivelmente, o que tenha desencadeado a iniciativa de sua mãe tenham sido questões financeiras. Leandro não conseguia arrumar um trabalho formal.

Conhecer sua esposa é considerado um marco na sua trajetória de vida. Depois de ter sido expulso de casa pela própria mãe, envolver-se afetivamente com uma jovem que seria sua futura companheira contribuiu para que continuasse na sua caminhada pela vida, nos seus “corres”, inclusive nas aulas de dança, às quais se refere com bastante carinho e paixão. O jovem parece conseguir extrair dessas dificuldades as forças necessárias para seguir em frente e proporcionar apoio àqueles que dele precisam.

Depois disso eu, agora, né, faz pouco tempo, que eu casei e tô morando sozinho com a minha mulher. Aos dezoito anos, dezenove mais ou menos, a minha mãe me expulsou de casa, porque eu não conseguia emprego, né. Mas eu não culpo minha mãe até porque eu era muito, muito pilantra, eu aprontava muito, mas nada que envolvesse crime, né. Eu sempre fui cabeça quente referente a lance dos crimes, é, tipo, em como isso afetaria a minha vida e a vida das futuras pessoas que dependeriam de mim. É, então, eu sempre fui cabeça quente pra isso. Referente à responsabilidade agora, que eu sou casado, eu tive, graças a Deus, eu tive oportunidade pra poder

arrumar um emprego decente, né. Eu trabalhei com manutenção por muito tempo, é, batendo saco de cimento, dentre outros empregos que são braçais. Eu consegui... Quando eu conheci a Luciana, que foi um marco na história, na minha vida, né, a gente conseguiu trabalhar junto pra poder ter a nossa casa humilde, porém nossa casa, né. Agora a gente tá tendo um filho, né, que está pra vir, já tá há seis meses na barriga. Então eu acho que toda essa responsabilidade de quando eu tive, com 15 anos, assumir o grupo, fortaleceu a minha maturidade pra que eu pudesse assumir o meu filho e a minha esposa e a minha vida (Leandro, Professor de *break dance*, 22 anos).

Além do relacionamento amoroso que passou a ter com Luciana, Leandro enfatiza a amizade. Os vínculos afetivos fragilizados na comunidade podem ser reconstruídos com a amizade. Sem ter com quem contar nem para onde ir, um amigo lhe cedeu um espaço para ficar por uns tempos. Anderson também é *b-boy*, mora na comunidade e foi ele quem ajudou Leandro no momento de dificuldades.

Então, eu nunca tive pessoas que, tipo, me apoiassem nas coisas que eu fazia na dança entre outras coisas, entendeu? Eu nunca tive, né. Então eu sempre tive que caminhar com as minhas próprias pernas. Eu amo minha mãe, eu amo meu pai, eu amo minha família. Eu não culpo eles pelo o que minha mãe e meu pai fez de ter me mandado embora, porque, como eu disse, eu aprontava muito, eu nunca ficava em casa, enfim... É, quando aconteceu, esse dia, esse problema né da expulsão eu não tinha pra onde ir. Eu juntei minhas roupas, que eram as únicas coisas que eu tinha e procurei alguém pra poder me ajudar. O Anderson, ele me ajudou muito, pois ele me acolheu na casa dele, né. Então eu morei um tempo com ele. Logo três meses depois que eu tava morando com ele eu já conheci a Luciana, né, e a gente começou a ficar, namorar e acabou nesse, nesse, nesse casamento, nesse relacionamento até hoje (Leandro, Professor de *break dance*, 22 anos).

O desprazer e insatisfação com que o pai e mãe de Leandro enxergavam seu envolvimento com a arte e *hip-hop* ficam bastante evidenciados em seu relato. Cabe indagar se o posicionamento destes estaria relacionado com a questão da sobrevivência em uma comunidade bastante precária. Assim, as necessidades imediatas de sobrevivência, atreladas por exemplo à alimentação, habitação e vestimenta, parecem se impor a outras necessidades, como a do lazer, amizades, cultura, entretenimento e educação informal.



## 4.7 Dênis

Dênis tem 21 anos de idade e mora no Jardim Casqueiro. Soube a respeito do coletivo dos jovens da Vila dos Pescadores em um evento realizado há aproximadamente dois anos atrás, no Parque Anilinas, localizado no centro da cidade. Nesse evento, fez amizade com Arthur, que o convidou a participar do coletivo e dar aulas sobre rap.

Os jovens da Vila dos Pescadores, aliás, costumam ir ao parque. Como muitos não têm dinheiro para o transporte público, costumam se deslocar de bicicleta ou andando de skate. Conheci Dênis durante um concurso de poesia, realizado em um dos encontros do grupo:

Nos minutos finais da aula, foi feito um concurso de poesias. Dênis é o jovem professor de poesia que trabalha no sentido de incentivar os meninos e meninas a escreverem seus próprios pensamentos, sentimentos. Minha experiência como aluno e professor em escolas públicas mostra quase sempre tentativas fracassadas dos professores, quase sempre de língua portuguesa, ao pedirem a tarefa de escrever poesia ou uma redação com um tema qualquer para seus alunos. Tentativas fracassadas, pois os alunos geralmente não fazem a tarefa por inúmeras razões como vergonha ou por não enxergarem um sentido na mesma (Diário de Campo, 24.07.2017).

Dênis é o responsável pelo ensino da poesia aos jovens e do que ele costuma chamar de “passar a visão”. Consegue instigar os jovens a escreverem de uma maneira que, geralmente, as escolas não conseguem. Em nossa breve conversa, o jovem dizia:

Quero entender, tipo, o que faz o jovem se interessar mais por um fuzil do que pelo rap. Tô aqui pra fortalecer o movimento e passar a visão. E sempre me deixou intrigado, essa coisa de ser do asfalto, deles viverem aqui do lado e, tipo, ser uma realidade tão diferente lá do Casqueiro. As pessoas do Casqueiro num têm a visão da desigualdade, do que o capitalismo faz com as pessoas (Fala reconstituída em Diário de Campo, 24.07.2017).

Desse modo, a participação de Dênis no grupo representa a oportunidade dele se deparar, sentir e vivenciar a realidade ouvida nas letras de *rap*. Ele é um dos raros jovens que se desloca do Casqueiro até a Vila dos Pescadores, algo incomum para os moradores desse lado da rodovia Anchieta.

#### 4.8 Amanda

Amanda, 16 anos, está no grupo desde o seu início, praticamente. É uma das poucas garotas que faz parte das atividades, sendo uma exímia dançarina. Por ser ótima nessa expressão do movimento *hip-hop*, acaba assumindo o acolhimento inicial dos novatos<sup>15</sup>, ensinando os passos básicos.

A família de Amanda divide-se entre alguns parentes que moram em Praia Grande e outros que moram em Cubatão, na Vila dos Pescadores. Costuma ir bastante à Praia Grande passar uns dias na casa de sua irmã e sua avó e também para cuidar desta, que está com problemas no joelho.

Não, é minha avó. É que eu fico lá com ela, cuidando dela, porque ela tá com problema no joelho. [Danilo: Você gosta de cuidar das pessoas?] Ah, eu gosto, principalmente da minha avó, porque ela, quando a gente era pequeno ela cuidou muito da gente. Aí chegou a nossa vez de retribuir tudo o que ela fez. [Danilo: Ela morava aqui também?] Morava. Ela morava lá no, como é que eu posso falar de uma forma bonitinha? Lá no fundão... Tradicional lixão, sabe o lixão ali? É, eu esqueci o nome do lugar, eu sei que chamam de lixão. Depois ela veio morar onde a gente tá agora, eu e a minha mãe, depois ela foi pra Praia Grande e deixou essa casa pra minha mãe. Aí a gente sempre vai lá desde que eu era pequena, lá pra ficar com ela (Amanda, *b-girl*, 16 anos).

Reflete sobre como é ser uma menina jovem na comunidade, destacando a gravidez na adolescência como uma situação problemática. Como uma forma de prevenir e criar para si outras referências e repertórios, decidiu dedicar-se aos estudos, pois quer ser arquiteta, e à dança.

---

<sup>15</sup> “Novatos” é uma expressão utilizada pelos jovens para se referir a crianças, adolescentes ou jovens recém-inseridos nos ensaios e treinos de dança, *beat box* e *rap*.

É triste, mas, tipo, cada um faz a sua escolha. Eu decidi, eu decidi me esforçar nos estudos, na dança pra me distrair com outras coisas. Elas preferiram deixar isso pra lá. A maioria nem sabe, como que eu posso dizer? Num tem nem mentalidade suficiente. Pra elas... Elas, pra falar a verdade, elas largam os filhos na creche e saem pra rua, pra fazer nada. E sendo que têm outras pessoas querendo deixar os filhos na creche pra poder ir trabalhar só que não tem como porque a creche está cheia. Isso é um dos maiores problemas. Eu acho isso muito chato. A pessoa não tá fazendo nada, então cuida do filho! Mas num tem nem capacidade pra fazer isso (Amanda, *b-girl*, 16 anos).

Uma situação que ficou bastante salientada na fala de Amanda foi o racismo: a única interlocutora que falou abertamente sobre o assunto. As memórias recentes do racismo sofrido em diversos espaços fizeram com que ela se emocionasse bastante durante o seu relato.

É porque quando eu era pequena, eu tava chegada às outras meninas, aí elas falavam que não queriam falar comigo porque eu era muito negra e tudo mais. Aí isso acabou me afetando até hoje. (pausa na fala e chora) Eu não sei por que eu fico assim, cara, me dá mó raiva... (chorando). [...] Mas o chato disso é que o Brasil ele tem, grande parte dele são negros. E as pessoas acham que o certo é elas oprimirem mesmo e que se dane se você tem, tipo, se tem mais negros ou se tem menos negros ou pelo fato do que aconteceu no passado. Eles sempre acham que vão ter mais direitos do que a gente sempre, entendeu? Ser uma mulher negra, ai que ódio (enxuga as lágrimas que insistem em cair)... Ser uma mulher negra no Brasil ou então em outros lugares é muito difícil. Pra mulher já é difícil... Pra uma mulher negra e pobre é pior ainda... (Amanda, *b-girl*, 16 anos).

Em seu relato, Amanda traz profundas marcas do racismo sentido e proferido contra ela. Emociona-se. Chora. Mas persiste no seu relato. Quer falar. Precisa falar.

Avança para uma compreensão histórica de um racismo estrutural<sup>16</sup>, relacionado à humilhação social<sup>17</sup>, aos direitos e ao feminismo negro.

Concomitantemente à sua ampla compreensão do fenômeno do racismo, Amanda frequenta uma igreja evangélica. Então, guiada por alguns valores cristãos como humildade, que se traduz no “dar a outra face”, decide pedir desculpas para a menina que agiu de modo racista. Humilhação social se converte em humildade<sup>18</sup>.

Se eu não me engano eu encontrei uma delas, uma das meninas que mais me oprimia, na Igreja. Só que em vez de ela me pedir desculpa quem pediu desculpa pra ela fui eu. [...] É porque eu não sei o que eu fiz pra ela. (paramos de gravar as imagens, estava emocionada). Eu, eu não sei por que, mas eu preferi pedir desculpa pra ela, tomar a iniciativa do que esperar ela fazer isso por mim porque eu sabia que ela nunca ia fazer isso. Então pra, tipo, pra quebrar tudo, sabe? Pra acabar logo com tudo eu pedi desculpa pra ela... (Amanda, *b-girl*, 16 anos).

Amanda descreve outras situações nas quais sofre racismo. Assim, além de sofrer racismo, costuma sofrer preconceito, como grande parte dos jovens da Vila dos Pescadores, sobretudo os negros, por morarem na comunidade. São rotulados, estereotipados, estigmatizados. Conforme Anhas (2015), morar na comunidade impossibilita, muitas vezes, encontrar um emprego.

É, foi praticamente até os meus 13 anos, eu tô com 16, entendeu? E praticamente eu sofro até hoje pelo fato de eu morar aqui na Vila, da minha família, é, de todos os modos, a gente sempre vai sofrer racismo... Pelo fato da gente estar no ônibus, uma pessoa branca tá sentada aqui, eu vou sentar e a pessoa fala assim “ah, tá ocupado”. Ou então coloca uma criança pra sentar no meu lugar, entendeu? Isso

---

<sup>16</sup> Almeida (2018, p. 38) afirma que o racismo estrutural “[...] é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção”.

<sup>17</sup> Gonçalves-Filho (1998, p. 11) define a humilhação social como “[...] uma modalidade de angústia disparada pelo impacto traumático da desigualdade de classes.” Devido à humilhação social o sujeito passa ver e sentir a si próprio como um ser menos.

<sup>18</sup> Segundo Abbagnano (2007), há filósofos que como Santo Agostinho consideram a humildade como uma virtude. Entretanto, filósofos como Espinosa consideram a humildade como uma contemplação apaixonada da própria impotência.

é muito chato. De todos os modos ou as pessoas vão olhar torto pra você pelo fato de você ter um cabelo afro ou pelo fato de você ser albino... Albino mesmo também sofre racismo. Tipo, é muito chato isso. Eu não ligo só pra mim, eu ligo pras outras pessoas, como as outras pessoas vão agir, entendeu? Eu sempre penso nisso. Tipo, japonês, tem gente que não gosta de ser chamado de “japa”, é, “pastelzinho” ou então esses negócio assim... Ninguém gosta de sofrer racismo. Ninguém gosta de ser, tipo, apontado, ninguém gosta de ser olhado torto do mesmo jeito que a gente também não gosta. Eu prefiro me pôr no lugar dos outros e antes de fazer essas merdas, tipo, antes de apontar o dedo e pensar em como a pessoa vai se sentir. Porque eu também já sofri e isso é chato, entendeu? E eu não gostaria que a outra pessoa sentisse o que eu senti já (Amanda, *b-girl*, 16 anos).

Amanda nunca foi atendida diretamente pelo Exército de Salvação; entretanto, se beneficia de algumas ações promovidas pela instituição, como por exemplo aquelas referentes às doações. A jovem possui um olhar bastante sensível e crítico à sua realidade, demonstrando uma ampla compreensão sobre o racismo estrutural, ainda que não tenha utilizado esse termo. Certamente, o *hip-hop* lhe ajuda a encarar e enfrentar situações de racismo e discriminação.

#### 4.9 Vítor

Vítor, 16 anos, mora em uma minúscula palafita com a sua mãe. Sua mãe é usuária da saúde mental no município de Cubatão. Nos capítulos seguintes, será abordada a questão do surto que Vítor teve. Durante as tentativas de articular as redes de atenção à saúde para que ele pudesse receber acompanhamento, os profissionais da unidade de saúde informaram que a mãe do jovem é usuária desse serviço. Entretanto, não souberam especificar a razão. Devido a essa questão de saúde, a mãe do jovem encontra muitas dificuldades em encontrar um emprego. Vítor tem um irmão que mora na palafita ao lado da sua e que faz trabalhos esporádicos como pescador. Seu pai é falecido.

No relato abaixo, o jovem explicita como é viver na Vila dos Pescadores. Indica o valor que os vínculos afetivos têm, principalmente para a construção do sentimento de confiança. Parece afirmar que esse sentimento e o vínculo são construídos ao longo do tempo e não acontecem automaticamente. Pôde experimentar e vivenciar

esses sentimentos a partir da participação no movimento *hip-hop*. Aliás, Vítor é primo de Leandro, e foi a convite deste que passou a ensaiar e se tornar *b-boy*.

Morar aqui faz com que as pessoas tenham muita desconfiança, porque tu num pode confiar em ninguém. Eu confio só nas pessoas que eu conheço, que eu já conheço já faz tempo. As pessoas que eu conheci de agora eu não confio muito não.

Eu conheci a partir da dança. Conheci várias pessoas, que eu pude passar confiança e que elas puderam passar confiança pra mim. Foi assim que eu conheci as pessoas. [...] Passar confiança, tipo assim, me ajudaram a vencer o meu medo de tanto se apresentar, tanto de dançar, tanto medo de, de mostrar o que eu sei, medo de várias coisas. Me deram coragem. Me passaram confiança.

Minha vontade de dançar só essa. Minha vontade de dançar me faz permanecer, me faz querer treinar sem parar. Eu não consigo parar de dançar. Mesmo eu não podendo eu não consigo. Eu já quebrei, oh, eu já machuquei a mão e eu continuei dançando. Pra mim é uma coisa de mim mesmo, é uma coisa que já veio comigo pra mim. Porque quando eu treino é uma coisa que tem dentro de mim que faz eu ter mais vontade de dançar (Vítor, *b-boy*, 16 anos).

Vítor já foi atendido pelo Exército de Salvação e possui um vínculo afetivo bastante próximo das monitoras e da tia Aparecida. Em algumas situações, essas profissionais relataram episódios da infância do jovem, nos quais foi vítima de violência doméstica praticada por seu falecido pai. Exercendo uma educação bastante austera, esse pai achava que a dança era fútil e desejava que Vítor trabalhasse com ele, coletando materiais recicláveis para venda.

Meu pai achava que era uma incrível besteira eu treinar. Ele não achava que ia melhorar o meu futuro. Num achava nada. Minha mãe já achava um pouco porque eu sabia dançar, e só. Só isso que eu sei. Até agora ninguém falou da minha família, de nada. [...] Meu pai queria que eu trabalhasse. Ele não queria que eu dançasse. Ele queria que eu trabalhasse e eu só tinha 12 anos. Ele tava me chamando pra mim ir trabalhar só que eu não quis por causa da dança (Vítor, *b-boy*, 16 anos).

A preocupação acerca do envolvimento com o mundo do crime está sempre presente nos discursos dos moradores da comunidade. Vítor atribui o seu não envolvimento por causa da dança e também devido à educação proporcionada pelo

seu pai. Em sua visão, falta aos jovens uma educação mais rígida, para que possam seguir outros caminhos, que não o do crime.

Hoje? Eu ia tá traficando por aí, vendendo droga pros outros. Eu ia estar roubando, fazendo um monte de coisa, porque já me chamaram pra roubar, pra traficar, só que eu nunca quis. Eu conheço várias pessoas que fazem isso. [...] Porque os pais deles não deram educação, a verdadeira educação. E se deram eles não quiseram ouvir os pais. Meu pai me deu educação. Quando eu roubei uma bala no mercado, meu pai queria quebrar as minhas duas pernas (Vítor, *b-boy*, 16 anos).

#### 4.10 César

César, 18 anos, é um dos *b-boys* que fez um breve relato sobre sua participação no grupo e seu envolvimento com o *hip-hop*, indicando as transformações proporcionadas pelo movimento, mais precisamente pela dança.

Em sua entrevista, fala de como ingressou no grupo de dança, reforçando a ideia de que a participação no mesmo é iniciada e configurada pelos vínculos de amizade previamente existentes, o que não impede de fazer novas amizades ao participar dos ensaios, treinos, eventos.

Eu entrei no grupo por causa dos amigo, né, num sabia o que era... Não, eu sabia o que era, né, mas num fazia ideia de como era, tá ligado? Aí, então, chegou num momento na escola que eu conheci um amigo meu, né, que ele me convidou pra ir. E como eu já dançava em casa, né, mas não sabia ideia o que eu tava dançando, então bateu a vontade e eu fui. Então, quando eu comecei a ir não parei mais. [...] A importância do *hip-hop*? É que eu me senti mais bem, mais livre, mais leve, tá ligado? Pra... Porque com o *hip-hop*, quando eu comecei a dançar... Como... Eu me achei. Assim, eu posso ser o que eu quando eu danço. Então, o *hip-hop* pra mim é mais que uma cultura, ele pra mim é um estilo de vida (César, *b-boy*, 18 anos).

O que para Arthur era uma brincadeira e tradição (empinar pipa), e para Joaquim um lazer e uma forma de sociabilidade (jogar futebol), César relaciona a um tipo de ócio. Responsabiliza a si próprio pelo ócio e por ficar a esmo, quando parte

dessa condição é criada pela ausência<sup>19</sup> do Estado na comunidade, proporcionando o direito ao lazer, ao esporte, à cultura e à educação. Chama a si mesmo de “vagabundão”. Ainda assim, reflete sobre as transformações que o *hip-hop* engendrou em seu comportamento.

Era um moleque que não tinha modos. Era um moleque sem limite. Que tinha, assim, quando... Antes de eu conhecer o hip hop, conhecer a dança, eu era mó vagabundão. É a palavra. Porque o que eu fazia era só ficar na rua o dia inteiro, o dia inteiro na rua jogando bola com os moleque, num fazia nada, empinava pipa, jogava bolinha de gude... Então, assim, minha mãe não gostava disso, né, que ela não gostava muito e falava pra mim fazer alguma coisa de útil na vida. Então, entrei no *hip-hop*, aí eu fiquei (César, *b-boy*, 18 anos).

#### 4.11 Nicolás

Nicolás é um dos professores de *break dance*. Tem 18 anos e é bastante amigo e próximo de Arthur e Leandro. Parece ser um jovem de poucas palavras e em sua entrevista pouco falou.

Mora na Vila dos Pescadores desde que nasceu, embora tenha se mudado uma vez com sua família, pai e mãe, para a Paraíba. Nesse estado, moraram por um ano e, em busca novamente de trabalho, migraram mais uma vez para Cubatão.

Em sua entrevista, Nicolás fala que passou a pensar mais nos outros, refletindo, assim como Leandro, sobre o sentimento de responsabilidade, uma vez que cuidam de crianças e adolescentes, no sentido de propiciar uma atividade cultural e educativa em uma comunidade onde essas oportunidades mostram-se escassas.

É, maturidade, digamos assim. Pra mim maturidade, sabe? Porque, tipo, agora eu não penso só em mim, porque tem as crianças também. Então, tipo, eu tenho que ser mais cabeça, ser mais professor, ensinar isso ou aquilo, aprender pra passar pra elas. E o que mudou no grupo

---

<sup>19</sup> Uma ausência que poderia estar entre aspas, uma vez que a presença do Estado é sentida quando as operações policiais ocorrem na comunidade. Trata-se de uma atuação policial esvaziada de significado, uma vez que não traz segurança para as pessoas. Nesse sentido, pode ser entendida como ausência.



pra cá, ah, pessoas, amizades, algumas atitudes acho que em mim, mudou um pouquinho sim (Nícolas, *b-boy*, 18 anos).

Assim, devido à sua participação no grupo, cria para si mesmo e para os demais outra imagem, distinta daquele comumente associada a quem mora na comunidade.

Tipo, baile funk, eu era funkeirão. Era funkeirão: todo dia que tinha baile eu tava no baile, bebendo e tal. Quando eu comecei a dançar, eu meio que diminuí, eu parei, eu não via mais graça. Aí, mas foi mais isso mesmo, tá ligado? Tipo, mudou bastante (Nícolas, *b-boy*, 18 anos).

A partir desses relatos é possível perceber que os jovens buscam construir outros repertórios, novas subjetividades e identificações. Por intermédio do Exército de Salvação e do movimento *hip-hop*, criam as condições para que estas transformações possam efetivamente acontecer e que estes passem, então, a ser reconhecidos de uma maneira inédita em suas trajetórias.

## 5 REPERTÓRIOS JUVENIS E SUBJETIVIDADE

---

## 5.1 O ser jovem na Vila dos Pescadores

Porque onde nós moramos o governo não nos apoia, não apoia a comunidade, então é nós por nós (Leandro, 25 anos).

Uma fala tão curta, mas que expressa inúmeros sentidos. Viver na comunidade é, na visão de alguns jovens, viver em situação de abandono. Esse abandono cria necessidades de os jovens se unirem para que possam, juntos, se fortalecerem, a partir, sobretudo, de vínculos afetivos e comunitários<sup>20</sup>. Concomitantemente, a precarização da presença do poder público na comunidade também engendra necessidades. Através dos vínculos afetivos, os jovens tornam-se capazes de criar outros repertórios para suas vidas.

Estudos levantados por Boghossian e Minayo (2009) mostram que os jovens brasileiros têm encontrado novas formas e possibilidades de articulação, mobilização e engajamento, em diversos contextos sociais: político, lazer, cultural e artístico são alguns exemplos. Entretanto, um grande contingente de jovens pertence às camadas que sofrem com a exclusão e a desigualdade, gerando constrangimentos nessas formas de engajamento.

## 5.2 Trajetórias em luta contra as consequências de desigualdade social

Nos relatos dos jovens e moradores da comunidade investigada, é possível perceber uma ideia de um estado de alerta constante, que parece estar associado à angústia, ao sofrimento e à ansiedade. É uma ideia de estado que é preciso o tempo todo efetuar cálculos para manter a sobrevivência em níveis suportáveis, que não necessariamente envolvem qualidade de vida, mas sim quantidade de vida, de dias.

---

<sup>20</sup> Segundo Amaro (2007), apesar de difícil conceituação, o sentimento de comunidade aparece relacionado a estes fenômenos, sendo um importante balizador para se compreender processos psicossociais de construção e fortalecimento de redes de apoio e criação de vínculos. O sentimento de comunidade contribui para a sensação de proteção e de satisfação das necessidades individuais e coletivas.

A qualidade de vida seria a vida baseada em termos quantitativos de sua duração, baseada na capacidade do sujeito prevalecer na luta pela sobrevivência.

No relato abaixo, a entrevistada levanta indiretamente a questão da sobrevivência e do quanto os moradores, dentre eles os jovens, estão preocupados com o contexto de ação imediata. Nessa situação, é praticamente impossível fazer prospecções e construir projetos de futuro. Para alguns jovens, é difícil sonhar e pensar acerca do próprio futuro.

De alguns. E isso me dói porque eu com 15 ou 16 anos eu sabia o que eu queria ser. E eles não sabem o que eles querem ser. Você pergunta pra eles e eles respondem: “Oxi, tia, qualquer coisa aí. O que rolar rolou, qualquer coisa”. Eles não têm essa perspectiva de “não, eu quero ser aquilo, eu vou lutar pra ser aquilo. Se eu não conseguir, mas eu vou lutar”. Eles não têm isso. Eles não têm isso. E isso me machuca muito, me machuca muito, sabe. Eu falo, falo “gente, pra que que eu estou aqui se eu não estou ajudando? Pra que eu estou aqui?” (Tia Aparecida, Exército de Salvação).

Pensar o futuro e sobreviver implica em conhecimento para superar determinadas condições da existência, com o apoio dos grupos existentes na comunidade, que trabalham diretamente com os jovens. No trecho abaixo, o jovem reflete sobre o papel do movimento *hip-hop* na possibilidade de criar espaços de educação informal<sup>21</sup>. Essa educação e o conhecimento promovidos pelos encontros e atividades do grupo são, a seu ver, possibilidades de prevenção, superação e enfrentamento de determinadas questões sociais, como por exemplo o uso de substâncias ilícitas e o envolvimento com a criminalidade, realidades comuns na vida dos moradores do local.

Eu não, eu não sei se tem alguma pesquisa referente a isso, mas a meu ver, a meu ver, né, a cada 10 jovens que você vê aqui na rua da Vila dos Pescadores, 11 deles vão pra bailes e usam drogas, né. Então o diferenciado, que somos nós que estamos aqui dentro praticando coisas sadias junto com as crianças e com os adolescentes, nós

---

<sup>21</sup> Segundo Magro (2002), o hip hop cria as possibilidades, através de um tipo de educação considerada não formal, de ensinar aos jovens, aprendizagens relativas à subjetividade e identidade, imprimindo-lhe uma visão de mundo mais politizada, algo que as instituições de ensino formal têm tentado, sem lograr muito sucesso na maioria dos casos. Dessa forma, segundo a autora, através da participação em coletivos de hip hop, os jovens se tornariam autores de si próprios.

somos, tipo, aberração, monstro. Tipo, somos o motivo pra risada dos outros. Entretanto, isso não me afeta. Não me afeta porque, por que não me afeta? Porque eu sei que eu tô fazendo o certo não só pra mim, mas como pra eles também, né. Então, passar o conhecimento é uma forma de tomar o tempo deles, além de tomar o tempo deles, evitar com que eles façam coisas ruins, evitar com que eles possam usar drogas, evitar com que eles possam andar com pessoas ruins que possam dar más influências (Leandro, Professor de *break dance*, 25 anos).

O jovem utiliza-se de uma comparação matemática, para elucidar a intensidade das dificuldades sociais enfrentadas. Parece que as palavras não são capazes de expressar o drama de ser jovem e ele se utiliza de uma metáfora numérica para deixar explícito o seu ponto de vista e sua vivência. Aos olhos de alguns moradores, as atividades promovidas no Centro Comunitário pelo grupo do movimento *hip-hop* são “estranhas” àquele lugar. Além disso, por se tratarem de atividades desenvolvidas por jovens, a visão de alguns moradores parece estar associada à ideia de imaturidade do jovem, arraigada no imaginário social. A participação no movimento *hip-hop* parece subverter a lógica adultocêntrica<sup>22</sup>.

Os jovens expressam através de suas falas um sentido de “não ser levado a sério” e lutam, como veremos, contra uma ideia que homogeneiza<sup>23</sup> o jovem da periferia. Dessa forma, como sua participação não se enquadra em nenhum tipo de modelo pré-concebido de participar, o poder público ignora. Há, entretanto, que se considerar o caráter social e histórico do surgimento de grupos como esse do

---

<sup>22</sup> Para Magro (2002, p. 72): “[...] as propostas pedagógicas do hip hop brasileiro, caracterizado academicamente como não-formal e/ou informal, rompem com a hierarquia constituída na modernidade entre os adultos, como educadores e responsáveis pela manutenção do sistema social, e os adolescentes como seres em formação.”

<sup>23</sup> Pereira (2010) disserta sobre a homogeneização dos jovens da periferia, o que corrobora com a criação e reprodução de estereótipos desses indivíduos. Horta e Sena (2010) dissertam sobre como essa homogeneização aparece nas políticas públicas, enquanto Castro (2008) aponta para a necessidade de se considerar a subjetividade dos indivíduos e suas singularidades nos processos de participação social. Castro (2008) reforça, então, a importância de se considerar os aspectos subjetivos na construção dos processos de participação social. Imbricada em seus contextos, não há como pensar a subjetividade dos jovens como categoria à parte, mas como imanente aos conceitos de responsabilização, identificação e pertencimento. O jovem participará de determinada forma, de acordo com suas experiências de vida, seu contexto social, histórico e cultural. Sawaia (2001) disserta sobre homogeneização disciplinadora, referindo-se que, ao analisar a identidade, tem-se que compreender relações de poder, sempre envolvidas na questão. Outra assunção possível com a ideia de homogeneização disciplinadora se refere à ideia de diluir as diferenças, mas ao mesmo tempo de considerá-las ao extremo, como é o caso da questão da segregação, criticada pela autora.

movimento *hip-hop* na comunidade, e do esforço coletivo desses indivíduos criarem para si outros repertórios.

O que me deixa frustrado... Nós estamos aqui por volta de 13 a 14 anos que foi quando eu comecei. De 13 a 14 anos. Teve reformas, mas ainda continua precário o saneamento básico, não só daqui dentro, mas como aqui fora na Vila não tem, né. Então as condições são precárias, as condições que eu tenho pra poder passar pra eles meu conhecimento são precárias. E as condições que eles têm pra aprender são precárias, né. Então nós não temos o apoio, é, governamental, nós não temos meios financeiros de poder proporcionar algo, algo bom pra eles, né. Então é somente conhecimento bruto, conhecimento bruto que a gente passa. Porque nem o chão limpo a gente pode ter, né, pra poder rolar as costas no chão, poder fazer uma dinâmica, uma brincadeira, um exercício, a gente não tem, né. Então, isso me deixa frustrado: a falta de ajuda, né. Quando as pessoas fazem coisas ruins o governo é o primeiro, né, a querer, a querer julgar a pessoa. Mas quando tentamos fazer coisas boas, cadê o governo? Cadê as pessoas bem intencionadas, né? Então ninguém está disposto a ajudar a gente. Então se não for, se não for conosco, não vai existir *Hip-hop* aqui. Se não for a gente não vai ser ninguém (Leandro, Professor de *break dance*, 25 anos).

No trecho acima, o jovem, se refere indiretamente a direitos como lazer, cultura e educação, dissertando sobre como estes lhes são tolhidos cotidianamente.

A palavra direito não aparece nas falas de nenhum sujeito entrevistado, nenhum jovem, morador ou trabalhador do Exército de Salvação. Essa ausência expressa o distanciamento e a dissociação do direito das condições de vida objetivas e subjetivas desses moradores. O ser jovem na comunidade parece estar associado a essa questão da ausência de direitos (uma ausência percebida, mas não nomeada como tal), configurando-se subjetivamente como uma falta de boa vontade do Estado e da sociedade, conforme a fala citada anteriormente.

As trajetórias das jovens das lideranças comunitárias na Vila dos Pescadores não estão associadas a longos percursos de luta e participação social, em prol de melhorias no bairro<sup>24</sup> e conquista de direitos. Dessa forma, a memória e a identificação

---

<sup>24</sup> Castro-Silva *et al.* (2014) em pesquisa realizada na Vila dos Pescadores, descreve um pouco sobre as lideranças comunitárias responsáveis pelas melhorias no local. Muitas dessas antigas lideranças possuem uma visão romântica da comunidade, a qual fazem questão de afirmar que não trocariam por nenhum outro lugar na cidade para viver. Assim, a identificação e o sentido de comunidade estão associados às memórias de lutas por melhorias das condições de vida.

com o lugar possuem outras construções sociais e históricas, distintas de antigas lideranças comunitárias, muitas das quais responsáveis, por exemplo, pelo saneamento básico de grande parte do território, assim como asfaltamento de algumas vias. Conforme a análise sócio-histórica, nota-se que a Unidade Básica de Saúde e o Exército de Salvação são exemplos dessas lutas das lideranças.

Percebe-se, assim, que a trajetória das antigas lideranças comunitárias é marcada pela luta por melhorias das condições de vida, para que pudessem continuar (sobre)vivendo na comunidade.

### 5.3 Identidades e reconhecimento

Um dos sentidos de ser jovem da Vila dos Pescadores é de, um dia, não ser mais um jovem da Vila dos Pescadores. Os jovens, então, parecem não se identificar e não se reconhecer neste local, denotando um sentimento de comunidade bastante fragilizado. Este sentimento de comunidade está associado a vínculos cada vez mais individualistas e contratuais dentro de uma lógica neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016)<sup>25</sup>, na qual se acirra o ditame do “cada um por si”. A noção de democracia parece ficar distante.

Democracia, cara, ah, questão disso, tipo, num sei o que falar. Num vem nada (à cabeça), entendeu? A gente mora num país que é um país “democrata” lógico, querendo ou não. Mas eu não, pelo menos eu não sei o que dizer, num sei se a minha cabeça ela é muito presa, tipo, no positivo, é óbvio, pelo fato da onde eu morar, entendeu? Eu me prendo muito no positivo. Eu escutei uma vez um conselho do Paulo, não sei se tu conhece, colega nosso. Eu falei “Paulo, pô, eu faço a minha parte aqui, eu dou aula e tudo, mas eu não sei tipo, cara, às vezes, cansa. Tipo, cansa, eu num quero mais viver aqui, cara. Às vezes eu tenho que passar num lugar, entendeu?, Aí tipo tem umas pessoas desagradáveis, tipo, fazendo coisas desagradáveis. E eu ‘pô, num... sabe?’ Às vezes uma hora eu tô com meus alunos, outra hora eu tô passando num lugar que num é do meu agrado. Aí falei: cara, que eu faço?” Aí tipo ele me deu um conselho que eu peguei isso e tipo eu levo, vou levar isso pra vida toda. Ele falou “Cara, você tem o seu papel, certo? Imagina que isso tudo o que você faz, por onde você

---

<sup>25</sup> Os autores defendem a existência de uma racionalidade neoliberal que opera nas subjetividades, produzindo-as.

passa, nesse lugar a parte negativa que você diz que você vê e tal, imagina que isso é a parede do corredor. Você só tem que se preocupar com o caminho e não com a parede, entendeu? A parede você ignora, ela só tá ali formando um corredor. Então, tipo, segue a tua rota e chega no teu destino.” Depois desse conselho pra cá eu absorvi isso pra mim e eu levo assim, cara, entendeu? Tipo, eu faço o meu papel e sigo meu caminho, entendeu? Bom, eu falei isso porque eu não tenho uma resposta direta... (Arthur, Professor de *beat box*, 22 anos).

Feltran (2011) disserta sobre as transformações ocorridas nos movimentos sociais desde o período da ditadura militar até a democratização. Se antes do período democrático, os movimentos sociais nas periferias tinham pautas e objetivos claros e comuns (luta por melhores condições de vida associadas à habitação, saúde, mobilidade e contra o regime autoritário), isso começa a se transformar à medida em que esses movimentos se especializam, profissionalizam e se tornam institucionalizados<sup>26</sup>. Assim, com o passar do tempo, os jovens encontram outra periferia, onde precisam “[...] *misturar empreendedorismo e competição para conseguir um trabalho, que permanece como valor central*” (FELTRAN, 2011, p. 33).

O trabalho aparece como um valor central, associado à ideia do merecimento e do homem-empresa de si mesmo (DARDOT; LAVAL, 2016), aquele que precisa maximizar individualmente seu desempenho, a fim de gerar lucros, ganhos e vitórias. Países considerados desenvolvidos, como por exemplo os Estados Unidos, são expoentes e reprodutores dessa lógica muito próxima à lógica do *self-made man*.

Na França também tem a mesma coisa que tem aqui, cara, tem a má companhia, nos Estados Unidos também tem os bairros pobres lá, entendeu? Então, tipo, “o que vocês passam aqui eles passam lá também, só que eles venceram. Vocês querem ser vencedores? Então tem que batalhar, cara. Ninguém disse que ia ser fácil.” Porque querendo ou não, hoje em dia a molecada, por mais que você seja um garoto que ande na linha, que faça tudo direitinho, sempre vai ter aquele teu amigo no colégio que vai te chamar pra ir pra um, mas eu não tô falando que não é pra ir, entendeu? Mas eu tô falando, assim, você quer ir, você vai, mas ciente do que você é e do que você faz,

---

<sup>26</sup> Segundo Feltran (2011, p. 29): “Paradoxalmente, a capilaridade era simultânea à percepção, por parte desses movimentos, de que sua capacidade de interferir nas pautas da discussão pública diminuía significativamente. Contradição: inseridos institucionalmente, os atores populares ocupam posição muito menos central, no debate público, do que quando agiam por fora dos mecanismos institucionais”.



entendeu? Sempre com a cabeça no lugar, né (Arthur, Professor de *beat box*).

A comunidade, ela é vista, ela é vista como um ponto de violência, um ponto de, de crimes, enfim, mas não é só isso, tá. A comunidade tem muitos pontos positivos, de onde saem os maiores talentos é da comunidade, tá. Então eu faço um apelo pra que vocês olhem mais pra dentro da comunidade, porque é aqui que vocês vão encontrar os futuros empresários, os futuros donos de multinacionais, os futuros melhores jogadores de futebol, os futuros cantores, os futuros atores entre outras coisas. Então olhem mais pra comunidade, tá. Porque antes tinha a cultura de caçador de talento, hoje isso morreu. É a comunidade morreu junto (Leandro, Professor de *break dance*, 25 anos).

Em uma comunidade onde o Estado se faz presente pela precariedade e pela violência, que expressa a criminalização da pobreza, a lógica neoliberal do “cada um por si” encontra um terreno fértil para produção de subjetividades, que reificam essa ideia. Não parece ser à toa que o jovem se refira à ideia de talentos, quase como se estes fossem naturais.

Souza (2004) afirma que a sociedade oculta a produção de “talentos”, pois estes dizem respeito a privilégios sociais e históricos. Como são produzidos majoritariamente na esfera privada, não são evidentes. Entretanto, um jovem que é aprovado no vestibular para medicina teve condições afetivas, econômicas, culturais, dentre outras, que são invisibilizadas pela falácia da meritocracia<sup>27</sup>.

Assim, é possível perceber que a busca dos jovens por construir outros repertórios de subjetividade e identidade estão intrinsecamente conectados à lógica neoliberal. Há um desejo de configurar e forjar estilos de vida e identidades que sejam diferentes dos estereótipos negativos<sup>28</sup>, geralmente atribuídos aos jovens que moram na comunidade da Vila dos Pescadores. Os jovens criticam o fato de algumas pessoas da comunidade se identificarem com esses estereótipos e lutam para criar outra imagem.

---

<sup>27</sup> Conforme lembra Souza (2004), há problemáticas relativas à desigualdade social que vão além da mera questão econômica. Há uma desigualdade no Brasil que é estrutural e, portanto, histórica. Trata-se de desigualdades naturalizadas e delineadas em relações intersubjetivas, não se referindo somente a questões econômicas e de renda.

<sup>28</sup> Uma liderança comunitária afirmou que as pessoas eram conhecidas em outros locais como “pé de barro” (Diário de Campo, 21.07.2017). Isso se dá em referência à grande presença de lama, pois o bairro foi construído em região de mangue e em algumas áreas não há asfalto.

Acha que só porque é favela num existe cultura, entendeu? Acha que só porque é colorido e tudo o mais, a gente vive na pobreza, a gente vive tudo surrado e que se dane. É isso que também eu acho que prejudica um pouco as pessoas. Porque as outras pessoas tentam tanto, mas tanto, tanto oprimir a gente que a gente acaba se tornando o que elas acham que a gente vai ser, entendeu? Isso é chato, isso... É, os outros tentam fazer de tudo pra poder diminuir a gente, pra poder... Pra poder, como eu vou dizer? Eles só tentam diminuir a gente porque eles acham que a gente não pode ser o que eles são. Daí a gente não pode ser tornar o que eles se tornam só porque a gente mora na Vila dos Pescadores. Isso é só um nome. Cubatão é só um nome. A gente, a gente faz as nossas escolhas (Amanda, *b-girl*, 16 anos).

Assim, enquanto lideranças comunitárias antigas reivindicavam melhorias nas condições de vida concretas e objetivas, atualmente os jovens da comunidade se engajam em um tipo de participação mais pautada pela reivindicação de outras identidades<sup>29</sup>, no intuito de forjar outras subjetividades.

É possível que através da criação de identidades e outros repertórios mais ligados à reivindicação por subjetividade, os jovens construam sentimentos de comunidade mais ligados aos vínculos comunitários com outros jovens, pelo compartilhamento dos mesmos interesses e estilos, como é o caso do *hip-hop*, do funk ou da participação em instituições religiosas (Exército de Salvação e igrejas), dentre outras.

O ser jovem na comunidade aparece, então, ligado ao esforço por criar outras identidades e repertórios, para que assim estes indivíduos consigam dar novos sentidos às suas ações individuais e coletivas. Expressam, assim, o seu desejo pela transformação social e da realidade na qual vivem.

Sawaia (2011b) alerta para os perigos de a identidade ser um fenômeno segregador e despolitizado, pois à medida em que o indivíduo se engaja no ditame de “ser ele mesmo”, pode se ver separado e apartado do social e do histórico, negando o outro e a própria dialética. Ao mesmo tempo que os jovens podem ser vítimas de processos de segregação identitária, visam, através da identidade, serem

---

<sup>29</sup> Gohn (2010) traça um histórico de como os movimentos sociais, ao longo do tempo, constroem uma agenda mais ligada às questões identitárias e de reconhecimento da subjetividade. São exemplos disso os movimentos negro, LGBT etc.

reconhecidos como seres humanos para além dos estereótipos geralmente impostos por agentes externos de seus territórios.

Identidade é conceito político ligado ao processo de inserção social em sociedade complexas, hierarquizadas e excludentes, bem como ao processo de inserção social nas relações internacionais. O clamor pela identidade, quer para negá-la, reforçá-la ou construí-la, é parte do confronto de poder na dialética da inclusão/exclusão e sua construção ocorre pela negação dos direitos e pela afirmação de privilégios. Ela exclui e inclui parcelas da população dos direitos de cidadania, sem prejuízo à ordem e harmonia social (SAWAIA, 2011b, p. 126).

O movimento de produzir identidades não é apenas uma forma de ser reconhecido externamente. Forjar identidade é, antes de tudo, um movimento subjetivo de reconhecer-se a si próprio, individual e coletivamente (CIAMPA, 2004; GOHN, 2010). Destaca-se, portanto, a relevância das atividades desenvolvidas pelo Exército de Salvação e também pelo movimento *hip-hop*, que favorecem os jovens a se reconhecerem<sup>30</sup> individual e coletivamente.

#### **5.4 Trajetórias comunitárias marcadas por rupturas de vínculos**

Estes processos de reconhecimento encontram resistências também em âmbito familiar, nos quais os jovens nem sempre conseguem encontrar apoio para participar do movimento *hip-hop* e desenvolver a sua arte. No caso do Exército de Salvação, os jovens têm apoio dos pais para frequentarem a instituição, mas nem sempre querem participar das atividades lá desenvolvidas. Mesmo assim, muitos jovens, conforme mencionado, gostam da instituição, devido principalmente às amizades construídas.

---

<sup>30</sup> Durante uma atividade de campo no Exército de Salvação, Vítor, o jovem do hip hop que tenho acompanhado após seu surto, mesmo não sendo mais da instituição, foi até lá apenas para visitar as monitoras, ser abraçado, escutado. Elas perguntaram como ele está, ofereceram carinho, empatia. O Exército de Salvação ocupa um espaço de afetividade e reconhecimento importante na comunidade (Diário de Campo, 31.01.2018).

Em muitos casos, os vínculos familiares mostram-se fragilizados, devido, sobretudo, à ausência de participação dos pais na criação das crianças e jovens<sup>31</sup>. Em uma das atividades de campo no Exército de Salvação, dada a falta de funcionários, ofereci-me para auxiliar no procedimento de matrícula de crianças e jovens. Foram dois dias de observação e diálogo durante o preenchimento e cadastramento de crianças e adolescentes. A maioria dos responsáveis pelas crianças e jovens que compareceram eram mães e avós.

Muitas responsáveis omitem a renda familiar por medo de perder a vaga no projeto. Os empregos das mães dessas crianças e jovens não exigem muita qualificação. São manicures, há muitas empregadas domésticas, cabeleireiras, recepcionistas. Algumas vivem somente do Bolsa Família e varia de 75 a 200 reais. O salário mais alto pertence sempre aos pais, mas são raros. Um Operador de Máquinas que ganha R\$ 2500,00. Mas a maioria das famílias parece mesmo viver com uma renda que varia de 800 a 1500 reais. São montadores de andaime, ajudantes, pedreiros, vendedores autônomos. Os pais estão em grande parte dos casos ausentes inclusive do documento de identidade das crianças e jovens. Mesmo que alguns tenham registrado a criança ou o jovem, era comum ouvir que eles não ajudam em nada e que não participam da vida do filho (Diário de Campo, 31.01.2018).

Conversei com uma mãe que parecia estar bastante abalada, falava baixo, tinha uma postura corporal contida. Seu primeiro marido a abandonou com os dois filhos e nunca pagou pensão. Um tempo depois ela se amigou com outro homem. Este, recentemente, surtou e foi embora. Ela não tem nenhuma profissão e atualmente tem vendido perfumes para sobreviver. Em um dia bom ela consegue ganhar 30 reais. Mas tem sido cada vez mais difícil sustentar duas crianças. Ela tem comparecido à igreja para encontrar forças e continuar seguindo em frente (Diário de Campo, 31.01.2018).

Dificuldade social, né. É, muitos filhos, a mãe não tem como cuidar daquele tanto de filho. Às vezes o pai é dependente químico, o pai é dependente de álcool e não põe alimentação dentro de casa, tá. Violência, muitas coisas a gente não sabe (Tia Aparecida, Exército de Salvação).

E são histórias que se repetem cotidianamente na comunidade. São histórias de rupturas de vínculos já fragilizados histórica e socialmente. Histórias de crianças,

---

<sup>31</sup> Reportagem do G1 mostra dados alarmantes quanto ao registro sem pai de mais de 1 milhão de crianças, indicando haver uma “cultura do abandono” paterna: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/01/16/em-10-anos-mais-de-1-milhao-de-criancas-foram-registradas-sem-o-nome-do-pai-na-certidao-de-nascimento-em-sc.ghml> (acesso em 02.04.2019).

adolescentes e esposas abandonadas por pais. São mulheres que, segundo vários relatos de moradores e profissionais, sofrem violência doméstica, assim como muitas crianças e adolescentes atendidos pelo projeto do Exército de Salvação. Um dos jovens relata ter sido expulso de casa por sua mãe e essa expulsão está atrelada a questões financeiras:

Aos dezoito anos, dezenove mais ou menos, a minha mãe me expulsou de casa, porque eu não conseguia emprego, né. Mas eu não culpo minha mãe até porque eu era muito, muito pilantra, eu aprontava muito, mas nada que envolvesse crime, né (Leandro, Professor de *break dance*, 25 anos).

As situações vividas por esses jovens, mães e avós são configuradas em meio a um cenário de exclusão e desigualdade, provocando, por conseguinte, bastante sofrimento. Sawaia (2011a) considera esse sofrimento mediado pelas injustiças sociais como o sofrimento ético-político.

Como dito, a comunidade tem criado alternativas e estratégias para o enfrentamento do sofrimento ético-político e os vínculos afetivos são importantes nesse intuito. Como afirmado na análise sócio-histórica, o Exército de Salvação e o grupo que expressa o movimento *hip-hop* são exemplos dessas estratégias, que convivem com contradições. Entretanto, ser jovem na comunidade está associado à possibilidade de integrar as redes desses grupos, denominados, muitas vezes, de família.

O caso de Vítor é emblemático dessa situação. Durante vários anos, frequentou as atividades do Exército de Salvação e é um exímio *b-boy*, referência para os novatos no movimento *hip-hop*. Durante o período de realização da pesquisa, o jovem entrou em surto e, aos dezesseis anos de idade, começou a frequentar o CAPS da cidade, não sem enfrentar inúmeras dificuldades até chegar à instituição, refletindo um pouco do abandono comentado no início deste capítulo.

As dificuldades se referem ao fato de a unidade de saúde da comunidade agir de forma fragmentada e não integral no cuidado<sup>32</sup> de casos da saúde mental. No

---

<sup>32</sup> Anhas e Castro-Silva (2017), em artigo publicado com base nos resultados de dissertação de mestrado com os jovens da comunidade da Vila dos Pescadores, destacam a fragmentação da atenção

município, aliás, não há um CAPS para o atendimento de adolescentes. Vítor foi então encaminhado para um Centro de Especialidades Pediátricas, no centro da cidade, bastante afastado da comunidade.

Os encaminhamentos para o caso do jovem foram realizados devido à mobilização dos jovens do movimento *hip-hop* e do Exército de Salvação, que articularam a rede, pois eram a rede. Arthur me contou sobre a situação do jovem e juntos fomos algumas vezes à unidade de saúde para solicitar um acompanhamento da Psicóloga<sup>33</sup>, que o encaminhou para o referido centro de especialidades.

Durante os treinos de dança, pude perceber o quanto aqueles jovens se preocupavam com o Vítor, e se preocupariam com qualquer um que estivesse em situação semelhante. Antes de iniciar as atividades, enquanto o jovem estava em surto e deixou de frequentar os treinos por algumas semanas, todos se reuniam em círculo e oravam pelo jovem. Naqueles momentos, pude perceber o quanto é importante para os jovens estar em grupo, unidos por laços de amizade, quase como uma família. No trecho abaixo, o jovem professor de break relembra as origens do grupo, utilizando a palavra família para se referir a este.

Quando eu completei meus 15 anos, o meu professor, que foi o segundo, o Cláudio, Nego Cláudio, que inclusive parabéns por formar essa grande família, né, fez muito bem... Eu assumi, assumi a responsabilidade pelo grupo prematuramente, apenas com 15 anos. Um grupo que por volta tinha de 40 a 60 pessoas, inclusive não cabia aqui. Era separado por horários, né. Então tinha muito, muita responsabilidade pra pouca idade. Então eu tive que amadurecer precocemente, né (Leandro, Professor de *break dance*, 25 anos).

É interessante observar que, tanto a participação no movimento *hip-hop*, quanto o envolvimento no Exército de Salvação estão associados aos vínculos. Em minha dissertação de mestrado (ANHAS, 2015), observei que muitos funcionários e voluntários do Exército de Salvação foram crianças e adolescentes atendidos pela

---

à saúde, dificultando os princípios da integralidade e da intersetorialidade. Ademais, os jovens pouco acessam os serviços de saúde, por vergonha de serem estigmatizados pelos profissionais de saúde.

<sup>33</sup> A Psicóloga atua uma vez por semana na unidade de saúde do bairro. Tivemos de esperar alguns dias para conseguir falar com ela.

instituição. Com o passar do tempo, os filhos destes indivíduos passam a participar da instituição por ser um espaço de referência e confiança na comunidade<sup>34</sup>.

Algo parecido ocorre no *hip-hop*, no qual o grupo de adolescentes fundamenta-se no vínculo afetivo que se expressa também através do sentimento de responsabilidade pelo outro, quase sempre um amigo. Os jovens são convidados a entrar para o grupo por amigos. Grande parte do interesse pela cultura teve início por causa de um vínculo, e a participação no grupo, tanto do *hip-hop* como no Exército de Salvação, acaba por aprofundar e fortalecer esse vínculo.

Na minha vida... A influência do do *hip-hop* pra mim, cara, ela veio do meio irmão mais velho. Meu segundo irmão mais velho. Porque ele sempre escutou, né, escutava rap e tal, eu já era pequeno. E eu sempre me identifiquei com isso. Porque a gente, assim, da minha família todinha só eu e meu irmão gosta mesmo, né, do movimento. Assim, tanto que a gente conversa como irmão e também conversa como, a gente faz muito debate, né, “num sei o que, você viu aquilo e tal? Você viu aquele movimento do *b-boy*? Você viu aquele grafite?” Então a gente debate, troca muitas opiniões sobre os elementos do *hip-hop* que é uma coisa que eu não faço com nenhum outro irmão. Então, tipo, aproximou mesmo (eu do meu irmão). É um negócio bacana (Arthur, Professor de *beat box*, 22 anos).

Ah, tá, o hip me ensinou muitas coisas. Mas o que mais me ensinou foi a amizade mesmo. Porque a maioria das vezes que eu, que eu pensava em sair, né, do grupo, eu pensava em parar da dança, aí os cara vinha me incentivava “pô, não, tu dança da hora, dança maneiro, tá começando, mas já tá dançando bem, vamo ficar pô, vamo treinar mais, porque já tá conseguindo e tal”... Aí isso, isso me alegra bastante e prova que lá eu tenho vários amigos de verdade (César, *b-boy*, 18 anos).

## 5.5 Ser jovem na comunidade: repertórios em tensão em busca de fortalecimento e ressignificações

*O ser jovem na comunidade parece estar associado às vivências em grupo, nas quais os afetos alegres podem circular, propiciando aos jovens uma reapropriação também do espaço público comunitário, para produzir essas afetações. Se antes o*

---

<sup>34</sup> Muitos jovens do movimento hip hop são ou foram atendidos pelo Exército de Salvação. É o caso do Professor de Beat Box, por exemplo.

Centro Comunitário, que surge nos anos 1980 como a sede da Associação de Moradores para reivindicar junto ao poder público melhorias no bairro, este passa a ter um novo sentido de reivindicação. Os jovens ocupam o espaço, de modo a ressignificar e reinventar a si próprios, suas identidades e subjetividades.

Essa reinvenção e reapropriação dos espaços públicos na comunidade são importantes, uma vez que os jovens falavam muito sobre o quanto a violência é capaz de restringir a circulação pelo bairro. As constantes operações policiais foram apontadas como restritivas. A polícia representa o Estado na comunidade e de forma violenta, truculenta e preconceituosa na maioria dos casos. Ser jovem está associado às vivências de só ser notado pelo poder público quando há suspeita, geralmente falsa e/ou baseada em preconceito<sup>35</sup>.

Em várias conversas com os jovens, situações de enquadramento foram relatadas. O professor de *beat box* foi quem fez mais relatos dessa natureza e, embora não tenha relacionado o fato de ser enquadrado com o fato de ser negro, o jovem conseguia se lembrar de ao menos dez situações em que foi abordado na comunidade.

Uma delas foi quando morava nas regiões de palafita. Certa vez, enquanto dormia, foi acordado por barulhos de conversa. Pensou se tratar de seus amigos e vizinhos e, de dentro do barraco, bradou para que se calassem. Não sabia que acabara de mandar os policiais calarem a boca. A reação de invadir a casa foi imediata. O garoto se viu com uma arma apontada para si. Os policiais invadiram a casa, revistaram tudo, inclusive seu quarto, e depois se retiraram.

A revista de domicílios acontece sem mandado judicial e parece ser corriqueira. Quando sabem de operações policiais, as pessoas do bairro trancam suas casas, o que de nada adianta, a princípio, pois estes arrombam as portas ou entram pelas janelas. Desse modo, *a experiência de ser jovem na comunidade da Vila dos Pescadores está relacionada à ausência e/ou à precarização da privacidade*. Quando a polícia invade uma residência do local, está a negar o direito à privacidade aos moradores.

---

<sup>35</sup> Ver Trassi e Malvasi (2010) e a visão ideológica que associa a violência e o comportamento fora da lei a jovens e negros.



A ideia de privacidade será retomada quando da discussão sobre como os jovens utilizam a internet. Por hora, é preciso dizer que Thibes (2017) questiona, de forma problematizadora, como a sociedade, de uma maneira geral, consegue perceber o direito dos pobres à privacidade, uma vez que esta é um advento da burguesia. A rigor, os moradores e jovens da comunidade percebem que este direito lhes é usurpado.

Houve relatos de um senhor negro que, ao não deixar a polícia entrar em sua casa, apanhou violentamente, pois foi visto como um suspeito. O caso repercutiu na mídia na TV Tribuna, na perspectiva do “policia que está fazendo seu trabalho” e, muitas vezes, não encontra colaboração das pessoas. Como o senhor teria resistido violentamente à ação policial, sofreu retaliação com base na violência física.

Os abusos cometidos pelos agentes parecem ser muito frequentes. Um dos meninos trabalhadores do tráfico foi baleado e espancado na rua. Havia muitas testemunhas. O garoto agonizava no chão. Entretanto, os policiais teriam assistido à morte do garoto sem permitir que a ambulância, convocada pela comunidade, lhe socorresse. Outro garoto baleado pela polícia teve sua morte forjada. Alegou-se que morreu ao cair do manguê, mas só corria pelos becos da comunidade porque a polícia atirava a esmo enquanto lhe perseguia. Ele realmente caiu, mas sua morte foi provavelmente em decorrência de algum traumatismo ou até mesmo de um tiro!

A guerra contra o tráfico<sup>36</sup> leva os moradores da comunidade a reconfigurarem os espaços público e privado. Assim, o ser jovem na comunidade da Vila dos Pescadores está ligado ao sentimento de humilhação, isolamento, medo e impotência. Estes sentimentos são apaziguados quando das vivências em grupo, onde os afetos alegres podem potencializar suas ações coletiva e individualmente (BOVE, 2010).

Discursos sobre meninas jovens, tanto no Exército de Salvação como no movimento *hip-hop*, aparecem pouco e, quando aparecem, trazem forte carga moral. Alguns relatos levantam o tema da prostituição das jovens, havendo uma generalização. Assim, ser uma jovem na comunidade parece estar impregnado de um sentimento de constante preocupação com a honra e com a reputação, o que

---

<sup>36</sup> Para Feltran (2018), a guerra ao tráfico e às drogas é falaciosa, uma forma de justificar a perseguição e humilhação àqueles que são tidos como marginais perigosos, que ameaçam e atravancam a trajetória para uma sociedade correta.

permitiria às jovens ocupar um lugar social menos desvalorizado (MATOS, 2018). Conforme mencionamos, os jovens carregam em suas histórias trajetórias de rompimentos de vínculos<sup>37</sup> ou a fragilização destes, o que corrobora com processos de socialização bastante precários.

Apesar disso, a constante preocupação com a própria honra leva as meninas a serem rotuladas como promíscuas e devassas. Pelo julgamento moral<sup>38</sup> da comunidade se exerce, então, um intenso controle sobre os corpos dessas jovens. Tais questões irão impactar na visão que a comunidade, sobretudo os adultos, possuem sobre o comportamento das meninas no ambiente virtual.

Uso de tráfico, usar as drogas, é, sexualidade muito avançada, muito avançada. Se você passar num baile desses você vê meninas fazendo sexo abertamente no meio do povo (Tia Aparecida, Exército de Salvação).

Elas são namoradas, elas fazem programas, sexo, elas fazem. Uma delas era irmã do... (prolonga a preposição tentando lembrar o nome do irmão). A última que saiu de lá, era de manhã. Agora ela arrumou um namoradinho e tá bem. Ela fazia programa, programa com eles. [...] Com os meninos... Elas se envolvem... (Tia Aparecida, Exército de Salvação).

Os rapazes são aconselhados por adultos a não se envolverem afetivamente com as meninas da comunidade. Em diversas oportunidades, escutei relatos de que as “meninas da Vila não se dão ao respeito”. Paradoxalmente, muitas garotas reproduzem esse discurso com relação às meninas da comunidade.

Agora já a mina que tá no baile funk e tal, que num sei o que, que fica com um e fica com outro, entendeu? Ela já uma menina que vai ser visada, “ah, num sei o que, aquela ali é boa, aquela mina num sei o que, num sei o que”, pela molecada de hoje com essa mente, entendeu? Tipo, quer dizer, a molecada de hoje pensa... E vice-versa, entendeu? Eu tô dizendo que assim se nós estamos aqui numa roda de amigos, entendeu? E passam duas garotas aqui, uma de saia

---

<sup>37</sup> Teixeira (2003), em estudo com meninas que se prostituem, relatou que, em suas trajetórias de vida, essas jovens carregam uma história de sucessivas rupturas de vínculos, ausências das figuras paterna e materna e histórico de violência, sobretudo praticado por familiares do sexo masculino. Essas vivências fazem com que essas jovens não construam referências confiáveis de cuidado em suas vidas.

<sup>38</sup> Foge ao escopo dessa pesquisa, mas possivelmente esse julgamento moral é fortemente influenciado pelas diversas instituições religiosas presentes no território.

comprida e uma de short curto, a que vai prestar é a que tá de shortinho curto, entendeu? (Arthur, Professor de *beat box*, 22 anos).

No trecho abaixo, Amanda levanta outra perspectiva sobre como é ser uma jovem na comunidade. Assim como para os meninos existem estereótipos, com os quais convivem e que os rotulam como bandidos/traficantes/delinquentes, as meninas seriam vistas como drogadas/funkeiras/vadias. A resposta da jovem novamente nos remete à questão da identidade, tratando-a como uma escolha individual.

(Entrevistador: Como é ser menina aqui na Vila dos Pescadores?) Ah, é normal. Tipo, como eu posso dizer? Num é uma coisa muito legal nem uma coisa muito, tipo, pesada. Tipo assim, geralmente, quando a gente mora aqui, as meninas da Vila, as pessoas de fora acham que a gente é funkeira, é, usa drogas, porque mora na Vila. Pelo menos eu já ouvi falar disso, que... Tipo, uma vez eu estava na Praia Grande e perguntaram onde eu moro, eu falei que moro em Cubatão. Eles ficaram, tipo, com medo, falando assim “você vai no baile funk? Você usa drogas?”. Eu falei “não”, aí eles falaram “ué, mas você mora na Vila”. Eu falei “é, eu moro na Vila, mas só que eu estudo e tudo mais”. Mas cada um tem a sua escolha. Independente da pessoa morar em São Vicente e ela escolher o caminho errado ou o caminho certo... É a mesma coisa aqui em Cubatão: cada um tem a sua escolha, cada um faz o que quer, entendeu? Aí as tuas escolhas vão te tornar uma pessoa lá na frente (Amanda, *b-girl*, 16 anos).

Como vimos, ser jovem na Vila dos Pescadores está associado a ter, desde muito cedo, diversas responsabilidades. Os filhos mais velhos cuidam dos irmãos mais novos. Quando meninas, precisam também cuidar da casa. Os jovens precisam trabalhar e não têm muitas oportunidades para escolher, pois é preciso pensar no presente, e não tanto no futuro. A luta pela sobrevivência impõe a ausência/dificuldade de reflexões sobre si e sobre o outro.

Ser jovem na comunidade é ter de lidar com diversos estereótipos internos ou externos à comunidade, os quais empreendem esforços intensos para superá-los. Os esforços estão ligados a certas concepções do sujeito neoliberal, que pensa a si mesmo como uma empresa. Como lembram Dardot e Laval (2016), trata-se de um sujeito cada vez mais descolado das questões públicas e políticas, fragmentado de sua realidade social e histórica.

Apesar de os autores afirmarem isso, há, por parte dos jovens deste estudo, um esforço de reapropriação e ressignificação dos espaços públicos comunitários, transformando as reivindicações de antigas lideranças ao poder público em reivindicações por reconhecimento de suas identidades e subjetividade.

Há situações que reforçam o sentimento de comunidade nos jovens como, por exemplo, a participação no Exército de Salvação e no movimento *hip-hop*, fazendo frente, desse modo, ao sentimento de abandono e de isolamento, em decorrência da ausência do poder público na comunidade (AMARO, 2007). A luta<sup>39</sup> que se dá através da participação nesses grupos pode fortalecer o sentimento de comunidade.

---

<sup>39</sup> Resultados parecidos são mencionados por Costa e Castro-Silva (2015, p. 283): “A perspectiva da comunidade é compreendida a partir da inevitável correlação de forças que atuam em um coletivo, produzindo tensões, negociações, convergências e divergências, aglutinações duradouras e temporárias. Os sentidos de comunidade, portanto, se compõem a partir da permeabilidade e fluidez do grupo, por um lado, e da coesão e força, por outro, favorecendo a identificação de problemas em comum e a luta coletiva por soluções”.

## 6 REDES VIRTUAIS E SUBJETIVIDADE

---

## 6.1 Construção e fortalecimento de vínculos

A inserção e a participação do pesquisador no cotidiano das atividades promovidas para e por jovens na comunidade permitiu a criação de vínculos afetivos com esses indivíduos. Isso facilitou ao pesquisador a observação das atividades e participação dos jovens *on-line* e *off-line*, sobretudo no *Whatsapp*® e no *Facebook*®<sup>40</sup>. Desse modo, alguns resultados foram obtidos em contextos *on-line* de observação, enquanto outros foram construídos com base em observações *off-line*, como propõe Simões (2012, 2017).

## 6.2 Redes virtuais e (re)conhecimento

Apesar de muito se pesquisar acerca de seus perigos, a internet pode levar os indivíduos a desenvolver capacidades e habilidades, pois cria novas formas de interação. Desse modo, ao transformar as relações entre as pessoas, ela transforma as pessoas (SILVEIRA, 2004). No caso específico da comunidade estudada, a questão da aprendizagem é um dos sentidos atribuídos pelos jovens do movimento *hip-hop*, sobretudo pelo professor de *beat box*.

Não fosse pelo aprendizado encontrado na Internet, talvez o jovem professor de *beat box* não tivesse aprendido sua arte. São frequentes as abordagens policiais de jovens, sobretudo negros, na comunidade. Isso vai ao encontro do estereótipo construído historicamente em nosso país, que associa o negro ao perigo (TRASSI; MALVASI, 2010). O racismo parece potencializar a visão histórica, que também considera o jovem como risco e perigo. A aprendizagem e a inserção na arte e na cultura estão relacionadas à forma como os jovens são vistos e reconhecidos pelos outros, trouxeram, inclusive, outras possibilidades para os jovens. O aprendizado do

---

<sup>40</sup> *WhatsApp*® e *Facebook*® são as redes mais utilizadas pelos jovens com quem tive contato. Durante o período de Doutorado Sanduíche na Universidade de Lisboa, o Prof. Dr. Vítor Sérgio, meu supervisor, relata que trata-se de um aspecto interessante, uma vez que percebe empiricamente que os jovens em Portugal cada vez mais têm migrado do *Facebook* para o *Instagram*®. O motivo para essa migração se refere ao fato de que os adultos teriam aprendido a usar o *Facebook*®.

*hip-hop*, potencializado pela internet, propiciou outra forma de inclusão social e reconhecimento.

Além disso, existe uma luta do grupo formado pelos jovens em torno do movimento hip top contra a própria identificação dos moradores da Vila dos Pescadores com certos estereótipos e estigmas. Tantas são as vivências de humilhação social<sup>41</sup> que os indivíduos parecem se identificar com as rotulagens e desacreditar das possibilidades que são capazes de realizar em suas vidas. Quando o grupo busca por reconhecimento, isso parece significar um autorreconhecimento, transformar os estigmas a partir de dentro, indicando para a comunidade outras formas de agir, que também podem ser potentes.

Estes movimentos subjetivos de transformação individual, coletiva e social parecem ser dificultados quando os jovens, humilhados socialmente em decorrência de um processo histórico de desigualdade social, expressam essa humilhação no gesto, na voz, no corpo, nos sonhos (ou ausência destes). Vivem no cotidiano os efeitos e a (re)produção de toda a angústia que dá origem à humilhação social. O movimento *hip-hop* e o Exército de Salvação são circuitos na comunidade que promovem alguma superação da condição de humilhados e humilhadas. A internet e as redes sociais integram esse circuito.

Em várias situações do trabalho de campo, o jovem professor de *beat box* referiu sempre ter gostado de rap, devido a influências do seu irmão mais velho. Em várias conversas informais, revelou que desejava aprender *beat box*, pois era a expressão do *hip-hop* com a qual mais se identificava. Aprendeu através de vídeos tutoriais no *Youtube*® e fóruns específicos do campo, onde pôde conhecer outros praticantes da arte de outras localidades, inclusive.

Eu comecei a ver os vídeos tutoriais e falei “mano, que isso cara?”. Antes de eu vir dar aula com o Professor de Break Dance eu falei “não, eu quero ficar um pouquinho mais bom, eu quero ficar um pouco melhor pra pode chegar lá e...” Mas eu não aguentei, cara. Eu falei “não, eu vou pegar o que eu já sei e já vou lá porque sozinho é embaçado, cara”. Eu quero mais pessoas interagindo comigo. Eu num aguentei o fato de aguentar mais um pouco “ah, vou ficar um pouco

---

<sup>41</sup> Gonçalves-Filho (1998, p. 11) define a humilhação social como “[...] uma modalidade de angústia disparada pelo impacto traumático da desigualdade de classes.” Devido à humilhação social o sujeito passa ver e sentir a si próprio como um ser menos.

melhor pra chegar lá...” Não, eu fui do jeito que eu tava e vou evoluir junto com os meninos. Isso é bacana. Então, tipo, eu vi tanto a minha evolução quanto a deles, entendeu? Porque eu fui na pressa mesmo, eu não aguentava mais ficar sozinho lá, só eu dentro do meu quarto com meu notebook e fone de ouvido. Eu queria interagir. Eu queria a reação (Entrevista Professor de *beat box*, 22 anos).

A aprendizagem do *beat box* proporcionou a sua interação com outros jovens do movimento *hip-hop*, onde pôde compartilhar o que sabia através da internet e obter novos conhecimentos. Dessa forma, a aprendizagem favoreceu o reconhecimento do professor de um modo diferente ao modo como geralmente são reconhecidos os jovens da comunidade.

O fato de ser negro e morar em uma comunidade noticiada com frequência pela mídia local – que considera o local violento devido à ação do tráfico de drogas, desconsiderando o histórico processo segundo o qual jovens e negros são associados ao crime e à violência (TRASSI; MALVASI, 2010) – faz com que muitos jovens sejam cotidianamente enquadrados pela polícia, sem nenhuma razão, em operações frequentes no bairro.

Teve uma vez, cara, que eu tava ali na calçada, fazendo um beat com um parceiro meu e chegou a polícia na favela. Os cara sempre me param, me enquadram. Meu amigo e eu ficamos com medo, levantamos e decidimo voltar pra casa. Só que no caminho a gente continuou fazendo o beat, só que baixinho. Mesmo assim os polícia pararam a gente. A gente teve medo. Mas só que dessa vez enquadraram a gente nem nada, eles elogiaram e falaram pra gente seguir em frente. Foi mó alívio. Os caras reconheceram a gente pela arte (Fala reconstituída em Diário de Campo, 09.08.2017, Professor de *beat box*, 22 anos).

Ser identificado e reconhecido de outro modo por um agente do Estado reforçou seu interesse pelo *hip-hop*. O reconhecimento passa pelo sentimento de ser visto como gente e como cidadão, processo construído através das aprendizagens e conhecimentos propiciados pelo ato de navegar na internet (MELO, 2014). O reconhecimento passa não só pela esfera da cidadania, mas também pela intersubjetividade e afetividade, uma vez que, conforme dito pelo professor em falas



anteriores, ele pôde interagir com outros jovens e ser afetado positivamente nessa relação.

Cabe ressaltar que os jovens professores do movimento utilizam a internet para aprender mais sobre o *hip-hop* e suas diversas manifestações, transmitindo esse conhecimento para seus alunos. São chamados de professores, pois são os jovens fundadores do movimento da comunidade e que estão há mais tempo no grupo.

Olha, o meu maior foco na internet sempre foi utilizá-la pra ajudar no meu, nas minhas vontades, né. É como, por exemplo, eu gosto muito de RAP. Eu sempre busco muito conhecimento sobre RAP, sobre como, não sobre a história do RAP, mas sobre como fazer, como produzir, como, enfim, entre outras coisas que eu faço na própria dança... Assisto a muitos vídeos referente à dança, referente ao hip hop que é contexto que eu tô integrado. Então eu uso a internet como ferramenta de aprendizado, né, pra mim poder, é, poder passar o meu conhecimento que eu aprendo lá adiante (Entrevista Prof. de *break*, 25 anos).

Assim, os conhecimentos obtidos na *web* fortalecem os encontros do grupo no Centro Comunitário, indicando uma complementaridade e convergência entre o *on-line* e o *off-line*. A internet e o conhecimento obtido através dela dão sustentação ao grupo, assim contribuindo para sua existência e constante inovação das atividades promovidas (*break dance*, *beat box*, grafite, batalhas de rimas), tendo como um dos focos principais “tirar o jovem da rua”.

Porque o que eu fazia era só ficar na rua o dia inteiro, o dia inteiro na rua jogando bola com os moleque, num fazia nada, empinava pipa, jogava bolinha de gude... Então, assim, minha mãe não gostava disso, né, que ela não gostava muito e falava pra mim fazer alguma coisa de útil na vida. Então, entrei no hip hop, aí eu fiquei (Entrevista *b-boy*, 18 anos).

### 6.3 Lúdico, humor e lazer<sup>42</sup>

Ao apoiar a criação de outras referências e possibilidades a estes jovens, a internet parece ser também um espaço estratégico de catarse e bom humor, para lidar com os constrangimentos cotidianos no que tange, sobremaneira, ao direito ao lazer e à cultura. Aliás, destaca-se que a internet e as redes sociais são utilizadas para se acompanhar os eventos recentes da comunidade, de Cubatão e cidades vizinhas.

Os bailes funk são importantes acontecimentos na Vila dos Pescadores, atraindo inúmeros jovens de outras localidades, que não iriam à comunidade não fosse pelo evento em questão. Durante os trabalhos de campo, recebi inúmeros cartazes de divulgação dos eventos que empolgam os jovens, dando-lhes a chance de usufruir de lazer e socializar com jovens de outras localidades. Dessa forma, percebe-se que a construção de novos vínculos no contato face a face se potencializa com o uso lúdico da internet. A sociabilidade iniciada na internet se concretiza nos bailes funk, os quais não despertam a admiração dos jovens que participaram do estudo.

De uma maneira geral, na comunidade e na cidade de Cubatão há poucos espaços onde os jovens e os demais moradores possam ter esses direitos contemplados. “*Estamos esquecidos aqui na comunidade*”, postou (Diário de Campo, 20.01.2018) uma vez o jovem professor de *beat box* no *Facebook*®, referindo justamente à ausência do Estado na comunidade.

---

<sup>42</sup> Estes elementos relacionados à ludicidade são dissertados por Pereira (2016) em estudo com jovens de escolas públicas em periferias da cidade de São Paulo. Montero (2006) em estudos em comunidades venezuelanas percebe o bom-humor e os chistes como uma maneira encontrada pelos indivíduos de viver meio a uma realidade caótica e sofrida.

Em suas postagens no *Facebook*®, os jovens compartilham muitos *memes*<sup>43</sup> relacionados às suas experiências na comunidade. Estas imagens<sup>44</sup> nos permitem, em certa medida, a reflexão sobre a própria realidade. Um dos jovens, apesar de não ser o alvo direto dos enquadres feitos pela polícia por ser branco, utiliza os *memes* como alteridade em relação a seus amigos que convivem cotidianamente com essa realidade. No *meme* (compartilhado por ele da página “Não deixa o RAP morrer”), há três rapazes negros sendo enquadrados por um grupo de três policiais brancos. Por trás dos policiais, um jovem negro passa despercebido, pois está disfarçado usando uma máscara de um rapaz branco. Ao compartilhar essa imagem, expressa a ambiguidade e a complexidade do social e a forma como é afetado por ela.



Figura 6 - Meme dos policiais

<sup>43</sup> Segundo a Wikipedia: Meme é um termo criado em 1976 por Richard Dawkins no seu bestseller *O Gene Egoísta*[1], e é para a memória o análogo do gene na genética, a sua unidade mínima. É considerado como uma unidade de informação que se multiplica de cérebro em cérebro ou entre locais onde a informação é armazenada (como livros). No que diz respeito à sua funcionalidade, o meme é considerado uma unidade de evolução cultural que pode, de alguma forma, autopropagar-se. Os memes podem ser ideias ou partes de ideias, línguas, sons, desenhos, capacidades, valores estéticos e morais, ou qualquer outra coisa que possa ser aprendida facilmente e transmitida como unidade autônoma. O estudo dos modelos evolutivos da transferência de informação é conhecido como memética. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme>. Acesso em: 04 br. 2019.

<sup>44</sup> Kellner (2011) estuda sobre a cultura midiática, levando em consideração que esta trabalha muito com recursos audiovisuais. Para ele, as mídias condensam um pensamento mais geral impresso na sociedade. Entretanto, a mídia também ajuda a criar visões sobre o mundo (como se comportar sendo uma mulher ou homem, um jovem, como se vestir, que tipos de músicas escutar, que tipos de livros ler, quais obras de arte admirar, a quais espetáculos comparecer, etc.). Atuando por meio da imagem e do som, as mídias possuem uma incrível capacidade de atrair a atenção das pessoas, afetando seu comportamento, criando identificações a partir da produção de desejos.

Assim, o jovem expressa a realidade em que vive no seu post, indicando certa solidariedade e empatia. Este dado corrobora a tese de Gomes (2010) de que a internet propicia a circulação de afetos, ou seja, o afetar e ser afetado. Nesse sentido, aquilo que afeta o jovem em sua realidade é refletido através do *meme* no ambiente virtual, pois a concepção que separa o real do virtual é artificial e falsa.

Em estudo etnográfico nas escolas, Pereira (2016) notou que os jovens incorporavam em seus comportamentos e práticas o que viam na televisão (em programas como o Pânico na TV® e Jackass®) e também nos vídeos, que viralizavam nas redes e eram compartilhados por milhares de pessoas. Os jovens reencenavam os acontecimentos dos vídeos, repetindo as frases e os trejeitos dos personagens envolvidos. Estes resultados são semelhantes ao dessa pesquisa, já que muitos *memes* passavam a fazer parte do vocabulário dos jovens.

No *meme* abaixo sobre a fofoca, compartilhado da página “Saporra”, ele expressa algo sobre o que sempre ouço das pessoas da Vila dos Pescadores. Os moradores sempre dizem que é um bairro cheio de fofoqueiros e que as pessoas se intrometem na vida de todo mundo. Não existe um *meme* específico que fale sobre a fofoca na Vila dos Pescadores e o jovem que compartilhou essa imagem não parece dizer que no seu bairro só as idosas são fofoqueiras. Ele está expressando aqui algo vivido em seu cotidiano, no qual a fofoca parece se tornar uma espécie de entretenimento, educação (como forma de dar exemplo), de projeção de características indesejadas sempre no outro.

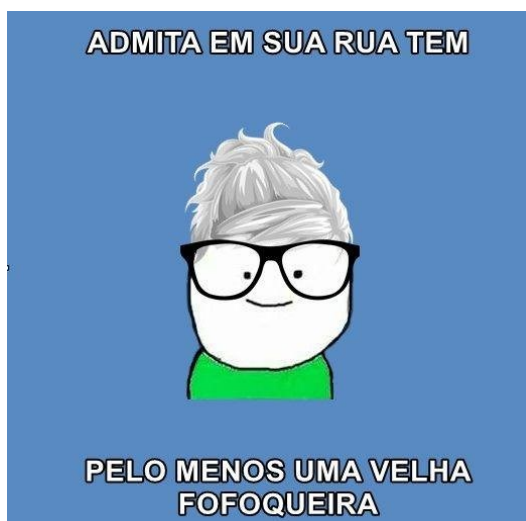


Figura 7 - Meme da Fofoca

Entretanto, como salienta Pereira (2016), a reprodução desses conteúdos nem sempre era crítica e acabava por reificar preconceitos concernentes a gênero, sexualidade e raça, por exemplo. Nesta pesquisa, os posts e *memes* que mais ilustraram essa situação referem-se ao funk.

Os jovens da comunidade estudada são geralmente identificados como funkeiros e muitos deles não compartilham dessa característica. Embora seja um gênero musical que mobilize bastantes moradores em torno dos bailes funk, os jovens do *hip-hop* compartilhavam *memes* e frases em repúdio ao gênero funk nas suas redes sociais.

Dessa forma, ao utilizar a internet, os jovens parecem buscar certo tipo de distinção social pelo gosto (BOURDIEU, 2013), desejando uma identificação segundo outros elementos e atributos aparentemente não predominantes na comunidade, como por exemplo ouvir *k-pop*, rap e assistir a *animes* japoneses. Assim, o jovem conectado parece com o que podemos chamar de culturalmente híbrido.



Figura 8 - Meme do "Atire a Primeira Pedra"

Na sociedade global e em rede, os jovens são capazes de encontrar e conhecer outros jovens que compartilham os mesmos gostos e interesses, satisfazendo a necessidade de pertencer a um grupo, corroborando o que diz Lévy (2010), ao descrever a cibercultura, ao afirmar que as pessoas na internet não se reúnem em torno de relações institucionais, mas ao redor de interesses em comum e compartilhamento do saber e da aprendizagem cooperativa. Salienta-se, ainda, que a

internet teve um papel preponderante, como diz Ventura (2009), na difusão e popularidade do *hip-hop*.

Em algumas observações no Exército de Salvação, os adolescentes estavam realizando atividades diversas nos computadores, mas basicamente consistiam em jogos *on-line* e redes sociais, como o *Facebook*®. As atividades não eram dirigidas e as monitoras apenas observavam e tomavam conta do grupo. Em um momento, disse que era preciso vigiar, pois um dos alunos, por exemplo, acessa sites pornográficos. Esse tipo de acesso não possui um controle de um administrador de rede, sendo possível para os adolescentes entrarem sem maiores obstáculos. Esse tipo de comportamento não é problematizado na ONG, que apenas o reprime.

Ouvir toda essa conversa sobre *youtubers* da Vila dos Pescadores parece ter instigado alguns adolescentes a falarem sobre seus próprios canais, ou canais de conhecidos e amigos seus. Alguns adolescentes se sentaram à minha volta e foram falando os canais e *vlogs*. Desse modo, íamos acessando os sites, à medida em que se lembravam dos nomes.

Em um canal de quatro meninos amigos da Vila dos Pescadores, os mesmos realizavam vídeos sobre desafios. O conteúdo do canal lembra um pouco filmes do tipo *Jackass*® e *Pânico na TV*®, nos quais os participantes realizam desafios, provas mirabolantes e absurdas. Os garotos muitas vezes se esquecem da câmera. Em alguns momentos, falam olhando diretamente para a tela, mas na maioria das vezes se entretêm, estão se divertindo e esquecem que estão sendo filmados.

César (13 anos), por exemplo, me adicionou no *Facebook*® para me passar o link do seu canal. Em um breve acesso, percebi que o conteúdo do canal se refere principalmente a jogos. Nesses vídeos, ele filma o seu próprio ato de jogar e narrar aquilo que faz enquanto joga. O precursor desse tipo de canal é um jovem sueco, Felix Arvid Ulf Kjellberg, conhecido como *PewDiePie*, cujo canal no *Youtube*® possui quase 55 milhões de inscritos no mundo todo.

As meninas se lembraram de sua amiga “Lu”, moradora da Vila dos Pescadores, que também tem um canal no *Youtube*®. Seu canal se refere a artesanato. Parece ser bastante amador e a qualidade da imagem do vídeo é bastante baixa; segundo as adolescentes, é a sua irmã de 7 anos que grava junto com ela. Nos

vídeos, Lu ensina como fazer alguns tipos de artesanato, como por exemplo um porta-canetas com palitos de sorvete e enfeites para canetas esferográficas.

Daiane, 12 anos, era a adolescente que mais parecia empolgada com todas aquelas conversas. Mostrou-nos também o seu canal (Papo Com a Day), que possui por enquanto apenas duas postagens<sup>45</sup>. Um dos vídeos a mostra jogando aquela brincadeira dos copos, uma grande moda até tempos atrás. Um segundo vídeo a mostra falando sobre algo do seu dia. Ela me apresentou um aplicativo que eu não conhecia, chamado “*Musical.Ly*®<sup>46</sup>”. Daiane nos mostrou que possui nesse aplicativo mais de 1700 seguidores. Mostrou-se bastante feliz e satisfeita com o número de seus seguidores. Disse que, apesar do *Musical.Ly*® ocupar bastante espaço no disco rígido de seu celular, deixando-lhe lento, ela não o desinstala, pois assim se sente muito famosa. Eu a segui nesse aplicativo, aumentando a sua conta. Isso a deixou bastante feliz.

Sobre seguir alguém ou ser seguido, tal comportamento me pareceu ser um modo de se relacionar, socializar. “Se a pessoa me segue, eu sigo de volta” (sic.), disse Dayene. Assim, parece ser uma forma de as pessoas se ajudarem e ganharem mais seguidores, sendo vistas e reconhecidas.

Daiane nos contou sobre um dos seus seguidores, o qual ela não seguiu de volta, que a chamou no chat e pediu para ser seu namorado. Para ela, ele era velho. Porém, o fato de ele ter 17 anos não pareceu ser um empecilho. O que a fez ignorar o rapaz no chat foi o fato de ele ter sido “tão direto”, sem conversar direito. Segundo Daiane, sua mãe sabe o que ela faz nas redes sociais. No caso do *Musical.Ly*®, por exemplo, ela mostra os vídeos para sua mãe. Em um deles, ela aparece dançando com uma saia bastante curta. Enquanto assistíamos, uma das meninas olhou com ar

---

<sup>45</sup> Até o momento, esse canal continua com o mesmo número de vídeos postados.

<sup>46</sup> Segundo o Wikipedia: Musical.ly foi um aplicativo de rede social para criação de vídeos, mensagens e transmissão ao vivo. O primeiro protótipo foi lançado em abril de 2014, e a versão oficial foi lançada em agosto de 2016. Através do aplicativo, os usuários podem criar vídeos de 15 segundos a 1 minuto e escolher faixas de som para acompanhá-los, usar diferentes opções de velocidade e adicionar filtros pré-definidos. Em julho de 2015, o Musical.ly chegou à posição número 1 na App Store, tornando-se o aplicativo gratuito mais baixado em mais de 30 países, incluindo os Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Alemanha, Brasil, Filipinas e Japão. Em julho de 2016, a Musical.ly chegou a 90 milhões de downloads, com mais de 12 milhões de novos vídeos postados todos os dias. A Musical.ly está sediada em Xangai, China e tem escritórios em San Francisco, Califórnia. Em 2017, o mesmo foi vendido para a empresa Bytedance Technology por US\$ 800 milhões, que em 2018 anunciou seu encerramento. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Musical.ly>. Acesso em: 04 abr. 2019.

de incredulidade para Daiane, que respondeu: “Num tem problema. Minha mãe sabe e viu.”

#### 6.4 Riscos e perigos nas redes sociais virtuais

Os sentidos atribuídos à internet também passam pelos riscos oriundos de sua utilização, mais percebidos geralmente por pessoas adultas. Na visão de um dos jovens, os riscos se referem ao fato de que na *web* pode-se simular identidades e enganar as pessoas. Atribui-se, assim, aos responsáveis a obrigação para que haja um uso consciente da rede, o que corrobora com a visão dos autores (GARCÍA; LÓPEZ; JIMÉNEZ, 2014).

[...] os pais, os responsáveis pelos adolescentes precisam vigiar bastante sobre o que eles utilizam na internet, porque, é, agora tem uma grande, uma vasta gama de assuntos que a internet abrange. Um dos mais acessados é a pornografia pelos jovens e isso fere bastante, né, a moral do jovem e como ele vai agir futuramente perante a sociedade. É, também, esses atos ilícitos, como eu tinha citado anteriormente, né, como praticar o bullying. Então na internet ninguém é ninguém. [...] Então você pode praticar o que você quiser que você não pode praticar na vida real. Então é nisso que precisa se atentar bastante nesse assunto, porque é uma área na qual as pessoas podem ferir outras indiretamente (Entrevista Prof. de *break*, 23 anos).

Segundo Dias (2016), um dos aspectos positivos da internet é justamente o de propiciar a experimentação de outras identidades e a exploração de outras possibilidades subjetivas, que são facilitadas pela internet. Contraditoriamente, isso se torna um risco na visão de alguns jovens, sobretudo quando há exposição a conteúdos impróprios para determinadas idades e quando há exposição indevida da própria intimidade. Como alerta Bruno (2013), parte da interação na *web* exige a exposição voluntária de dados pessoais, histórias e registros do cotidiano.

No caso abaixo, a mãe de uma jovem expõe uma situação que se refere aos *nudes* cada vez mais comuns entre os adolescentes e jovens, como forma de experimentação da própria sexualidade (ALONSO-RUIDO *et al.*, 2018). O envio de



*nudes* ou *sexting*, como tem sido chamado, consiste, segundo os autores citados, no ato de enviar fotografias e/ou vídeos, com o intuito de flertar ou consumir uma relação afetivo-sexual.

A mãe fundamenta seu discurso na religião e na moral, denotando preocupação com a reputação da filha, na época com dezoito anos de idade, e que enviou *nudes* para outro jovem em quem tinha interesse afetivo e sexual. Ademais, fundamenta seu discurso mediante um contexto comunitário em que há muitas gravidezes na adolescência (ANHAS; CASTRO-SILVA, 2017) e onde as mulheres sofrem violências das mais diversas (MOURA; CASTRO-SILVA, 2017)<sup>47</sup>. Denota, assim, uma percepção crítica dos poderes que oprimem, principalmente as mulheres.

O garoto conversando com minha filha, tá? (fazendo a voz do rapaz): “E aí, você é muito bonita, eu te conheço faz tempo, mas pô, eu queria conhecer você mais intimamente, você pode mostrar os seus seios pra mim?”. Ela tirou uma foto e mandou pra ele. (ele falou) “Eu queria ver mais um pouco. Você pode mostrar suas partes íntimas?”. Ela tirou sem calcinha e mandou pra ele. [...] Dei um cacete nela, falei um monte de coisa pra ela. Falei pra ela “você quer ser vagabunda? Isso é coisa de vagabunda”. Ela disse “eu não sou vagabunda”. Isso é coisa de vagabunda, ficar mostrando... É vagabunda que não ganha dinheiro, porque vagabunda que é vagabunda recebe. Faz as coisas, mas é paga, tá? Eu falei um monte pra ela, ela chorou, ela chorou, ela chorou (Entrevista Liderança Comunitária, 50 anos).

Como dito antes, o discurso da mãe é influenciado pela igreja. O jovem anteriormente citado também ressalta os riscos à moral quando este entra em contato com a pornografia na internet. Este tipo de discurso é também referido por Feltran (2018), ao postular os tipos mais predominantes nas periferias brasileiras: o religioso, o estatal e o do crime. Para o autor, esses discursos:

[...] se apresentam como independentes dos demais, embora na prática não o sejam, e no seu centro se tornam regimes normativos. Espraiam um “dever ser”, um ideal de conduta esperado para a vida de todos. [...] O Estado espera que, nas periferias, todos sejam trabalhadores disciplinados e cumpram suas leis, por isso combate os

---

<sup>47</sup> Grande parte das mulheres entrevistadas são Agentes Comunitárias de Saúde no bairro. Através dessa inserção profissional, essas mulheres conseguem se tornar referência para outras mulheres que sofrem violência doméstica.

fora da lei. O mundo do crime espera que, nas periferias, todos estejam em paz entre si, mas em guerra contra o sistema estatal. O mundo religioso espera que todos aceitem Jesus e atuem segundo seus mandamentos, mas faz alianças tácitas com os outros poderes, instrumentalizando-os sempre que possível para crescer (FELTRAN, 2018, p. 100-101).

O envio dos *nudes* e a própria utilização da internet escapa a esses discursos, rompe as fronteiras da comunidade e, por isso, gera tensões: “*Eu não sou muito ligada nisso. [...] Acho. Porque a juventude de hoje tá assim agora: ou você cai de cara aí na internet ou você cai de cara no crime praticamente.*” (Entrevista *b-girl*, 16 anos).

A internet contribui para a relativização dos discursos predominantes nas periferias, engendrando outras formas de experimentar e construir a própria subjetividade, possibilidades estas facilitadas a jovens de classes sociais privilegiadas e negadas historicamente aos jovens das periferias. As redes sociais, ao colocarem os usuários diante de outras referências, podem contribuir para a construção de outros sentidos e maior consciência dos poderes cotidianos que lhes oprimem, segundo Montero (2006), importante condição para a transformação da realidade.

Somado a estes fatos, aparece a questão da vigilância na *web*, pois a internet amplia a comunicação e o monitoramento das atividades no mundo virtual. Corroborando com Boyd (2017), Bruno (2013) afirma que a exposição e a criação de uma figura pública através da internet envolvem sabedoria e astúcia por parte dos jovens e não descaso com a privacidade. Isso significa maior controle sobre o que desejam exibir de si mesmos e, por conseguinte, maior controle sobre a própria privacidade.

Castells (2003) disserta sobre a questão da privacidade e levanta um paradoxo interessante. A internet, ao mesmo tempo que pode aumentar a sensação de liberdade, a diminui. O autor concordaria em muitos aspectos com as colocações de Thibes (2017) e afirmaria que a internet é capaz de aumentar a noção de liberdade dos indivíduos, associando a ideia de liberdade à possibilidade de os cidadãos poderem vigiar seus governos. Entretanto, o mesmo poder de vigilância teria os governos e o mercado sobre os cidadãos.

Bruno (2013) afirma que os dados que circulam na internet e os rastros deixados pelos usuários através dos cookies, por exemplo, tornam possível para governos e mercados antecipar tendências, gerir interesses e mobilizar/manipular a opinião pública. Assim, indica que um dos caminhos necessários é a regulamentação e maior controle dos usuários sobre as informações que desejam ou não compartilhar no ambiente virtual.

Entretanto, isso não diminui a importância que adquire a vigilância nos tempos atuais. Os dados arquivados podem ser utilizados por agentes do Estado e do mercado, de acordo com seus interesses, como observamos nas eleições gerais no Brasil, em 2018. Atenta a isso, a mãe da jovem que enviou *nudes* exigiu dos pais do jovem uma atitude: “Falei ‘você pega o computador do seu filho e manda ele tirar aquelas fotos da minha filha, porque se essas fotos se espalharem o negócio vai ficar feio pra ele.’” (Entrevista Liderança Comunitária, 50 anos).

A preocupação da mãe era com a reputação da filha na comunidade e na igreja, pois a fofoca é um elemento que tem aparecido nas pesquisas realizadas nesse território desde 2012 (ANHAS; CASTRO-SILVA, 2017). Para Fonseca (2004), a fofoca pode afastar as pessoas do convívio em determinada comunidade, muitas inclusive mudando-se de certos locais, contribuindo com certa integração e identidade comunitárias, na medida em que criam histórias, memórias e um imaginário local, em torno dos quais as pessoas se identificam e compartilham.

Alguns participantes do estudo parecem concordar que a internet contribui para o aumento da fofoca na comunidade, uma vez que a informação se espalha com bastante rapidez. Cabe ressaltar que a maioria dos exemplos relativos à fofoca referem-se ao sexo feminino, reificando e naturalizando uma ideia socialmente construída, que atribui às mulheres o comportamento da fofoca. Citando novamente Fonseca (2004), há que se pensar no elemento integrativo, disruptivo e também pedagógico da fofoca. No caso abaixo, a mãe diz que, após uma adolescente comentar em um post do *Facebook*®, a comunidade estava toda a saber e falar a respeito: “*Eu falei ‘pra você ver que um monte de gente viu, mas ninguém foi atrás dela’. Estava todo mundo fazendo a fofoca, todo mundo falando ‘tu viu o que a Mari postou? Tu viu o que a Mari postou?’*” (Entrevista Liderança Comunitária, 50 anos).

Os moradores parecem reivindicar o direito à privacidade, quando reclamam da existência de muita fofoca no local, aumentada, segundo a visão dos participantes do estudo, pela internet. A *web* aparece paradoxalmente como um instrumento que propicia, em alguns momentos, tal privacidade e vivências subjetivas, que só seriam possíveis no ambiente virtual.

Como ressalta Thibes (2017), a privacidade é um direito oriundo das classes burguesas. Os barracos construídos próximos uns dos outros sem muros e as próprias invasões dos barracos pela polícia são apenas alguns exemplos de como essas pessoas têm expropriado o seu direito à privacidade.

A internet adquire certo sentido de privacidade, que convive com a existência da vigilância e da própria fofoca. Embora se possa experimentar modos de ser na rede, essas experiências podem vir a ser comprometedoras, caso alguma informação seja mal interpretada ou algum elemento íntimo seja espalhado entre os moradores e usuários da *web*.

## **6.5 Internet e afetividade: vínculos de amizade e vínculos comunitários**

A amizade é um tema recorrente para os jovens do *hip-hop*, que se autodenominam “família”. Eles compartilham um espaço, interesses e objetivos em comum. Em situações difíceis, apoiam-se mutuamente, constroem, elaboram e multiplicam juntos um conhecimento sobre a cultura *hip-hop*. Estão unidos em torno de uma causa: tirar o jovem da rua e prevenir sua entrada na criminalidade e no uso de substâncias ilícitas. Para tanto, a amizade é uma possibilidade de alcançar esses objetivos. Além disso, os amigos são também as pessoas com quem compartilham seus momentos de lazer, dão “rolês” juntos e frequentam as casas uns dos outros.

O Centro Comunitário é um espaço onde as trocas afetivas entre os jovens do *hip-hop* acontecem, criando bons encontros (STRAPPAZZON; MAHEIRIE, 2016). O Exército de Salvação é outro espaço onde isso ocorre. Além desses dois espaços, há o espaço virtual, que se torna um espaço privilegiado para trocas afetivas, inclusive entre amigos que não moram geograficamente perto. As amizades são valorizadas pelos jovens da comunidade e aparecem como meio de apoio nas dificuldades

encontradas na vida. Os vínculos construídos com os amigos parecem favorecer a afirmação de uma identidade individual e grupal, pois estes indivíduos possuem interesses em comum: *animes, hip-hop, k-pop*. É o caso do Marcelo e de seu amigo.

A amizade é tema recorrente, inclusive, na fala de Marcelo. Para ele os amigos são uma família. Com essas falas parece ter um entendimento de família que vai além dos vínculos biológicos, com destaque para os vínculos afetivos. Em uma postagem afetuosa, seu amigo escreve, marcando outros amigos na mesma publicação: “*Tem sempre aquela amizade que se torna família*”. A internet parece ser uma forma de tornar públicos estes afetos de amizade e de reforçar os vínculos afetivos já existentes (Trecho de Diário de Campo, 05.02.2018).

As trocas afetivas não acontecem somente entre amigos ou pessoas que têm interesses em comum no campo da cultura e do lazer. A mãe do jovem posta com frequência em sua linha do tempo, demonstrando publicamente o quanto gosta de seu filho. A relação de Marcelo com sua mãe é conturbada e a internet dá a ela a oportunidade de estabelecer o mínimo de diálogo com seu filho.

O motivo dessa relação conturbada é devido à morte do pai de Marcelo. O casal já estava separado. Desde então, Marcelo não se entende muito bem com sua mãe, além das questões relacionadas à religião. Há segredos e insinuações ao envolvimento/endividamento do pai com o tráfico ou o crime, pois este teve que ir embora da comunidade por um tempo, quando o filho ainda era bem pequeno.

[...] a linha do tempo do garoto parece ser uma forma de as pessoas expressarem o quanto gostam dele. É o caso de sua mãe, que publica com frequência frases e fotos de seu filho em diversas situações do cotidiano (Trecho de Diário de Campo, 05.02.2018).

“*Existem coisas que são inexplicáveis e uma delas a maior de todas para mim é o amor que sinto por você meu filho primogênito Deus colocou você em minha vida e sou agradecida ele tem cuidado de vc ♡*” (Trecho de Diário de Campo, 05.02.2018 – transcrição da publicação da mãe do jovem em sua Linha do Tempo no *Facebook*).

As amizades construídas nos espaços do Centro Comunitário, em torno do *hip-hop*, e no Exército de Salvação, referem-se a vínculos de amizade e comunitários.

Algumas postagens no *Facebook*® evidenciam um pouco da qualidade do vínculo comunitário, no que tange ao sentido de comunidade. A comunidade aparece como aquela que, em determinadas situações, constrange o jeito de ser dos jovens. A internet se torna um espaço estratégico, catártico e bem-humorado para lidar com alguns constrangimentos do cotidiano.

## 6.6 Sentidos da política expressos através das redes sociais

Como vimos, os adultos demonstram preocupação quanto aos usos que os jovens podem fazer da internet e das novas tecnologias da informação. Existe uma preocupação que acessem conteúdos considerados inadequados, como por exemplo pornografia ou que marquem encontros com desconhecidos. Esse tipo de situação é bastante explorado pela mídia, que frequentemente noticia casos de golpes ocorridos no ambiente virtual, denunciando as consequências do uso abusivo. Alguns programas de televisão têm realizado, com certo sensacionalismo, abordagens sobre o tema do vício em novas tecnologias.

O que defendo é que a internet pode, dependendo da qualidade do uso, engendrar novas visões e construções de outras referências para a vivência do jovem em determinado contexto. Como disse o professor de *beat box*: “a internet pode ajudar a pessoa a sair da bolha”. Nesse sentido, há uma preocupação dos mais velhos com a moral e com os bons costumes, já que na internet é possível aprender diferentes comportamentos e pensamentos sobre a realidade que nos cerca.

A alguns adultos da Vila dos Pescadores a Internet aparece pela sua negatividade. Tem sido comum ouvir que na *web* é muito difícil para os responsáveis terem algum controle sobre o conteúdo que os jovens acessam. Parece haver uma preocupação, no caso da ONG, que os jovens acessem conteúdos pornográficos ou que curtam páginas no Facebook que atentem contra a *moral e os bons costumes*. A internet, ao propiciar o contato com outras formas de conhecimento, de realidade social e também de vida, possibilitaria novos olhares para as próprias percepções que o jovem tem acerca da comunidade onde mora, seus valores, suas éticas (Trecho de Diário de Campo, 20.01.2018).

Esse tipo de preocupação é válido quando vemos crescer o número de casos de *cyberbullying*, por exemplo, ou de encontros marcados pela internet que terminam em tragédia. Os jovens desta pesquisa demonstram utilizar a internet como uma forma de lazer. Através das redes sociais, compartilham seus momentos com os amigos, momentos de lazer e diversão ocorridos muitas vezes na própria Vila dos Pescadores.

Os jovens postam no whatsapp e facebook fotos de seus rolês com os amigos, dentro ou fora da Vila dos Pescadores. Esta semana mesmo, um jovem do grupo de *hip-hop* postou em seu *status* do whatsapp vídeos dele e seus amigos saltando da ponte do trilho do trem na maré para nadar. É comum postarem eventos do seu cotidiano, mas também seus pensamentos com relação à vida... (Trecho de Diário de Campo, 20.01.2018).

Há uma jovem que conheci no grupo de *hip-hop*, que costuma postar muitos conteúdos por dia, conforme trecho abaixo. É uma pessoa bastante tímida e pouco conversava comigo pessoalmente. Utiliza a internet como uma forma de comunicação a fim de expressar seus pensamentos e sentimentos sobre os amigos, o namorado e a vida.

Há uma jovem do grupo de *hip-hop* que posta todos os dias muitos conteúdos. Alguns se referem a letras de música que costuma ouvir, expressando romantismo, mas algumas, de rap, expressando indignação com a realidade social. Também posta seus pensamentos, quase sempre tristes, indagando sobre o sentido da vida... Em outros momentos posta frases destinadas a seu namorado, quase sempre acompanhadas de um emoji de coração ou de um rosto com lágrimas quando eles discutem. Seus amigos do *hip-hop* sempre questionam por que ela posta tantas coisas todos os dias, mas ela nunca responde (Trecho de Diário de Campo, 20.01.2018).

Certa vez, postei no *status* do meu *Whatsapp*® uma frase que critica o candidato à presidência da República nas eleições de 2018, Jair Bolsonaro, e seu posicionamento frente à legalização do porte de armas de fogo. Há uma brincadeira na internet que chama este político de “bolsomito”, existindo inúmeros *memes* que fazem alusão ao termo. Jair Bolsonaro é um dos candidatos com o maior número de seguidores nas redes sociais. O termo “bolsomito” é utilizado pelos seus seguidores

como enaltecimento. Entre as esquerdas, o termo é usado de maneira pejorativa, pois acredita-se que ele não é um mito.

Como resposta ao meu *status*, a jovem disse, ironicamente: “bolsomito”. Conversamos brevemente naquela noite, acerca de uma parte do pensamento desse candidato à presidência. Eu perguntei a ela o que ela pensa sobre o porte legal de armas de fogo:

Porque arma é top, tá ligado? Se tipo, uma pessoa tá andando na rua e vem te assaltar, tu já tem uma arma pra se defender. Se tipo, se tu é casada, aí teu marido vem te bater, aí tu já tem uma arma pra se defender. Arma é vida, tipo, eu não queria ter arma pra matar alguém, queria ter arma pra me posicionar, tá ligado? Mas tem gente que é com outro pensamento, por isso que eu tô dividida assim. Se ele é uma boa pessoa ou não, porque às vezes a nossa cabeça fica dividida assim se é bom ou não, entendeu? (Trecho transcrito do áudio, enviado pelo *Whatsapp*®, em 20.01.2018, por Quênia).

De certo modo, esse posicionamento de uma jovem moradora da Vila dos Pescadores sobre o porte de armas de fogo expressa o sentimento de abandono por parte do poder público, em relação à segurança pública. Expressa uma visão que, se o Estado não consegue dar conta de garantir a segurança do cidadão, então cabe a esse mesmo cidadão solucionar individualmente o “seu” problema. As lacunas deixadas por políticas de segurança pública também se referem ao tema da violência doméstica. O porte de arma poderia, na visão da jovem, garantir a segurança da mulher que é vítima de violência doméstica. O sentimento de abandono pelo Estado também se expressa no descrédito com relação à política, vista como antro da corrupção generalizada.

Tipo, eu num olhava direito a política como é hoje, entendeu? Tipo, antigamente, tipo, continuava sendo a mesma porcaria que é hoje, tipo, corrupção, essas coisas. Mas acho que antigamente era menos. E tipo, num prestava muita atenção, tipo, hoje eu sou obrigada a prestar atenção porque política é tudo, tá ligado, relacionado a nós. E também de política, tipo, eu só via eleições, essas coisas. Eu não ligava muito pra política, hoje eu sou obrigada a conviver, porque, tipo, até na escola tem questão que é sobre política. Então a gente tem que ver jornal e tudo e pá. É foda (Trecho transcrito do áudio, enviado pelo *Whatsapp*®, em 20.01.2018, por Quênia).



O sentimento de abandono, em certos momentos, se transforma em humilhação social (GONÇALVES-FILHO, 1998). Foram vários os momentos que um jovem me contou ser enquadrado pela polícia no bairro. Durante essas conversas, pudemos dialogar sobre os afetos envolvidos, como a raiva e a indignação e refletir sobre os motivos que levam entes do Estado a agirem de uma maneira ou de outra.

O jovem citou um vídeo existente na internet sobre a opinião de um policial, militar a respeito do modo como os moradores das periferias devem ser tratados. No vídeo, o policial reitera que deve haver diferenças no modo de se abordar um jovem da periferia e um jovem de bairro privilegiado. Foi interessante esse diálogo com o jovem, pois houve a possibilidade de politização desses afetos. Um dia depois, ele postou no *Facebook*® uma síntese desse sentimento de abandono estatal.

O professor de beat box me contava novamente mais uma das situações, já bastante rotineiras, em que foi enquadrado pela polícia na comunidade. O enquadre aconteceu na feira em plena luz do dia e na feira em frente à comunidade. O jovem parecia cansado de passar por essa situação e me relatou que não entende por que isso acontece (Trecho de Diário de Campo, 20.01.2018).

Conversamos sobre o quanto a polícia parece ser despreparada para lidar com seres humanos e indagamos se esta considera moradores da periferia como humanos. Mencionou um vídeo de um coronel da polícia no qual este diz com naturalidade que é necessário sim a polícia tratar com diferenças moradores de periferia e moradores de bairros mais favorecidos e privilegiados. Um dia depois o jovem postou em sua página de Facebook: “*Estamos esquecidos aqui na Vila dos Pescadores*”, refletindo sobre a nossa conversa sobre políticas e situações que rotulam pessoas como *menos gente* e jovens como perigosos. E do quanto esse abandono se reflete nas condições de vida dos moradores da comunidade (Trecho de Diário de Campo, 20.01.2018).

Além do incômodo causado pelas letras e o volume com que são tocadas as músicas na comunidade, um dos jovens, inserido no grupo de *hip-hop*, postou no *status* de *Whatsapp*® sua indignação com a sujeira deixada após o baile. O jovem escreve:

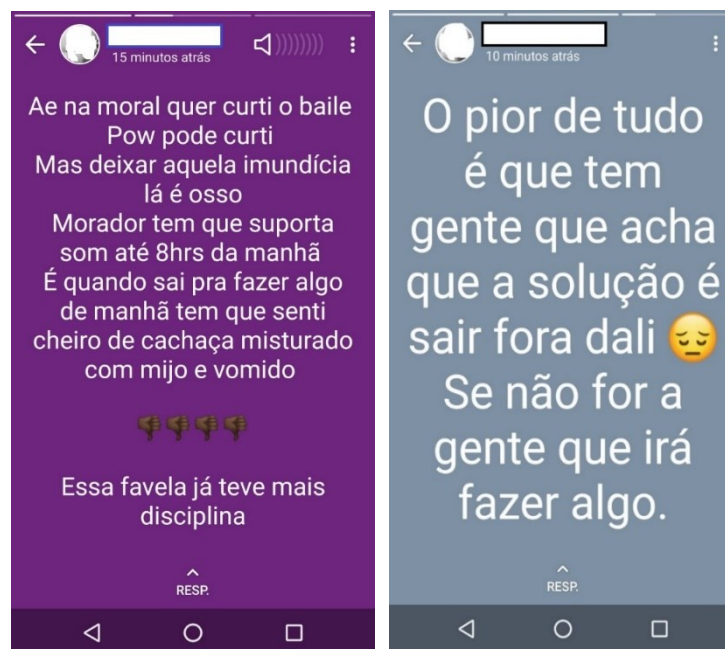


Figura 9 - Screen Print do WhatsApp

Nos *status* compartilhados em seu *Whatsapp*®, o jovem não acredita que a solução seja se mudar do bairro, utilizando a internet para refletir sobre a participação social e a ideia de responsabilidade. Deixa implícito que a solução cabe aos moradores, que são diretamente prejudicados por esse tipo de situação. Em sua visão, estes são os únicos capazes de apresentar algum tipo de resolução para esse problema.

Apesar de, em diversos momentos, o jovem abordar os bailes funk a partir de uma perspectiva negativa, ele parece compreender que cada um tem a liberdade para ouvir o que gosta de ouvir. Entretanto, demonstra uma visão de que o espaço público comunitário a todos pertence. Em sua visão, a responsabilidade pela limpeza após a festa deve ser dos organizadores.

Cabe dizer que os moradores da Vila dos Pescadores sempre têm relatado, ao longo da nossa inserção na comunidade, o problema do lixo. Há coleta de lixo no bairro, mas como os caminhões não conseguem entrar nos becos, há caçambas estrategicamente posicionadas na frente do bairro. Contudo, devido às longas distâncias das lixeiras e caçambas, as pessoas não depositam o lixo no lugar correto.

Essa situação coloca um dilema complexo da corresponsabilização entre a comunidade e o poder público frente à questão ambiental.

Dessa forma, o jovem, em tom de “convocação”, diz que a responsabilidade é dos moradores da comunidade e que é preciso fazer algo, embora não deixe muito claras quais são as suas reais expectativas quanto ao que deve ser feito.

Em um dos *posts* de um jovem do *hip-hop* e do Exército de Salvação, resolvi tecer um comentário. Acabei interagindo com outras pessoas jovens, amigas do mesmo. O post se referia às cotas para negros nas universidades. Há, nos comentários, um esforço em compreender o fenômeno, mesmo a situação sendo hipotética, porém absurda. A imagem apresenta dois supostos irmãos gêmeos e estadunidenses, um branco e um negro. Dizia que, se eles se mudassem para o Brasil e concorressem a vagas na universidade pública, um seria beneficiado pelas cotas e o outro não. Essa imagem correu pela internet e as pessoas puderam manifestar seu profundo desconhecimento sobre o assunto, além de expressar todo o seu preconceito<sup>48</sup>.



Figura 10 - Meme das cotas

<sup>48</sup> Jessé Souza (2004) aponta a escravidão como a principal instituição fundadora de todas as outras instituições brasileiras. Assim, a escravidão traz resquícios até hoje e por essa razão políticas afirmativas e políticas de reparação são necessárias.

Nos *posts* era recorrente a ideia falsa de “racismo inverso” e o reforço da ideologia do mérito e da competitividade, ignorando processos históricos e sociais brasileiros, principalmente de uma das instituições mais perversas de nosso país: a escravidão.



Figura 11 - Screen Print do Facebook

A amiga do jovem fala da educação como um direito e reflete sobre a discriminação secular sofrida pelos negros. Outro garoto fala de racismo inverso e do

“preconceito” sofrido pelas pessoas brancas, que passam a ter menos vagas nas universidades por culpa dos negros. Comento brevemente sobre meu posicionamento frente ao tema, mas Rodrigo não se posiciona. Ele parece concordar e discordar de todos ao mesmo tempo. Em algum momento, parece concordar com a ideia de racismo inverso, mas em outro parece reconhecer o absurdo disso. O assunto não prossegue e é difícil se aprofundar na questão em um simples *post*.

Quando o Exército da Salvação propõe atividades na semana da Consciência Negra, não há também um aprofundamento do tema, ficando sempre no nível de um discurso moral que diz “diga não ao racismo”, “não trate mal as pessoas negras”, e por aí vai. Não há uma reflexão crítica, algo que o *post*, dentro de certos limites, conseguiu propiciar.

Aliás, no contexto da ONG, e de uma maneira geral, tem-se disseminado a ideologia do mérito<sup>49</sup>, até como uma maneira perversa de culpar os pobres pelo seu próprio fracasso social, ignorando-se as condições sociais do dito “fracasso”.

A própria sociedade produz os desqualificados e depois deposita a culpa neles próprios. Nós da academia temos nos debruçado sobre o tema e um simples *meme* conseguiu tocar no assunto de maneira singela e com uma linguagem cômica.

Por meio da linguagem da internet e das imagens compartilhadas em *memes*, os jovens conseguem construir alguma compreensão sobre problemas sociais complexos, utilizando-se do aspecto lúdico, já comentado anteriormente.

Por mais pessimista que a imagem possa parecer, ela reflete o destino daqueles que não são reconhecidos afetivamente como iguais na nossa sociedade.

O *meme* (retirado da página Ovelhas Voadoras) desmistifica a ideia do esforço e do mérito. Existem coisas que estão além do esforço e do merecimento. No *meme* em questão, não há uma associação da inépcia do “pato filho” a questões estruturais e socialmente construídas, mas sim a características individuais. Ou seja, embora critique a meritocracia, volta-se para o indivíduo, como se tudo tivesse a gênese nele próprio. É um exercício de reflexão, pois Rodrigo circula em espaços que dizem o tempo todo que ele pode ser o que ele quiser, basta se esforçar e querer.

---

<sup>49</sup> Dardot e Laval (2016) sobre a lógica neoliberal e o homem empresário de si mesmo.



Figura 12 - Meme do pato e a meritocracia

Em vista dos resultados, é possível indicar que a internet pode favorecer a construção e o fortalecimento dos vínculos afetivos, de amizade e comunitários. Os riscos advindos do seu uso para os sujeitos estão associados às vivências na comunidade.

Embora as relações na internet não sejam predominantemente institucionalizadas, há que se refletir também na ausência do Estado no espaço virtual e a presença marcante de entes do mercado, ditando modos de ser na sociedade do consumo, muitas vezes reproduzidas pelos adolescentes e jovens.

É preciso salientar, ainda, que este tipo de pesquisa, *on-line* e *off-line*, impõe questões éticas importantes, que precisam ser melhor exploradas em estudos futuros.



## 7.1 A potência de ação e a potência de padecimento

A afetividade<sup>50</sup>, ou seja, o afetar e ser afetado por paixões tristes ou alegres, conforme Espinosa (1997), mostra-se como uma importante categoria para se compreender os processos de construção de vínculos entre os jovens assim como a construção do sentimento de comunidade.

Esta categoria mostrou-se importante, pois, por seu intermédio, foi possível identificar alguns afetos que balizam as ações dos jovens na comunidade, bem como as ações voltadas para estes. Estes afetos permeiam a construção do sentimento de comunidade e dos laços de amizade.

Desde as antigas lideranças, as trajetórias de vida e de luta na comunidade apontam as formas como os indivíduos se identificam e se sentem responsáveis por esta. As memórias dessas lutas por reivindicação para melhorias no bairro, junto ao poder público<sup>51</sup>, suscitam afetos que lhes fazem perseverar na existência<sup>52</sup> e agir coletivamente.

E o que os jovens têm a ver com essas lutas antigas? Atualmente, os jovens têm se mobilizado de outras formas, diferentes daquelas maneiras encontradas por lideranças comunitárias mais velhas, em períodos como aqueles compreendidos entre 1970 e 1980 na Vila dos Pescadores. Entretanto, observa-se um agir coletivo, que pode ser produto da compreensão por parte desses indivíduos de que a ação coletiva é potente<sup>53</sup>.

As ações e encontros na comunidade são impregnadas de afetividade que, podem produzir um aumento da potência, assim como sua diminuição.

---

<sup>50</sup> Para Espinosa não há dicotomias entre a corpo e alma, há, pois, imanência entre essas duas manifestações da Substância (BRANDÃO, 2012; CHAUI, 2011).

<sup>51</sup> Costa e Castro-Silva (2015) sobre o papel da memória nas lutas de lideranças comunitárias, por melhorias das condições de existência em suas comunidades.

<sup>52</sup> Segundo Chauí (2011), o *conatus*, palavra que significa esforço, consiste na essência e desejo de cada ente: perseverar na existência.

<sup>53</sup> É no encontro coletivo de seres desejosos de perseverar na existência que os bons encontros podem acontecer, ou seja, aqueles encontros capazes de produzir afecções que aumentam a potência de ação dos seres (BRANDÃO, 2012).



## 7.2 Medo e esperança

Eu acho que pra trazer esperanças pras crianças, sei lá, mostrar um mundo diferente desse que nós vivemos, mostrar mais cultura, artes pra eles. Acho que é mais por isso mesmo (Nícolas, *b-boy*, 18 anos).

Nos relatos e histórias dos jovens da comunidade, o medo e a esperança aparecem constantemente, como afetos que permeiam as suas relações. Acima, a frase do jovem do movimento *hip-hop* condensa essa afirmação, pois reitera o que considera ser a missão do grupo: trazer esperança. O afeto da esperança é também representado na comunidade pelo Exército de Salvação.

Para Espinosa (1997), medo e esperança constituem um sistema no qual um não existe sem o outro, são afetos que se complementam. Configuram-se como paixões instáveis, que se caracterizam pela dúvida, pela incerteza com relação ao futuro: “[...] *aonde há medo, existe também esperança de que aquele medo seja, em algum momento, suprimido; por outro lado, onde há esperança, sempre resta certo temor de que o bem esperado não se concretize.*” (BRANDÃO, 2012, p. 112).

O medo aparece no discurso dos jovens quando falam sobre o futuro, o trabalho, a violência sexual, a violência da polícia, o envolvimento com o mundo do crime, a fome, a sobrevivência, o desamparo provocado pelo Estado, a falta de moradia e de direitos. Este medo aparece também quando falam da internet, sobre o fato de muitas vezes não conhecer quem se conversa nas redes sociais e sobre o risco de se enviar *nudes*. O medo está presente quando abordam a reputação e a honra, principalmente das meninas.

Embora o sistema medo-esperança seja muito bem utilizado pelos grupos dominantes da sociedade, como forma de manter dispersos e desmobilizados os atores sociais (BRANDÃO, 2012), os jovens criam formas de articulação e através dos vínculos podem ser produzidas novas identificações, subjetividades. Por mais que a

realidade na qual vivem gere situações em que predominam processos de padecimento<sup>54</sup> o resultado nem sempre é a imobilização.

A esperança aparece, assim, como um afeto balizador dessas construções intersubjetivas, e tanto o movimento *hip-hop* como o Exército de Salvação são catalisadores desse afeto. Não à toa, tia Aparecida fala com orgulho de alguns jovens que conseguiram se “salvar” e seguir seus projetos de vida. Não à toa, os jovens contam com orgulho sobre o seu envolvimento na arte e o valor afetivo que essa participação tem.

A internet e as redes sociais são também espaços onde os jovens podem manter a esperança. Através das redes sociais, podem vislumbrar para si outras possibilidades, através de referências e conexões afetivas, que lhes colocam em contato com outras realidades sociais.

Apesar de nem sempre possuírem uma compreensão mais politizada e crítica sobre a realidade em que vivem, os jovens evidenciam, através de suas ações, como conseguem transformar medo e esperança em confiança, gratidão, reconhecimento, amizade, fé. Aliás, a fé aparece como um elemento importante da esperança, uma vez que muitos jovens deste estudo frequentam igrejas na comunidade.

Contudo, as condições sociais, históricas e estruturais continuam as mesmas, em um contexto neoliberal no qual as desigualdades se acirram e a vida das pessoas nas periferias tende a piorar. Cabe indagar como é possível politizar as ações desses jovens, de modo que possam ecoar e transformar dadas estruturas sociais.

Sawaia (2014) diz que subjetividade e afetividade são fenômenos imprescindíveis para a transformação dessas estruturas. Em contrapartida, esses fenômenos têm sido cooptados pelo capitalismo e convertidos em falácias, como as ideologias da meritocracia e do homem empresário de si mesmo.

Enquanto tais estruturas não se transformarem, o sistema medo-esperança continuará a existir e permanecerá sendo instrumentalizado pelos grupos dominantes,

---

<sup>54</sup> Sawaia (2011) chama de potência de padecimento a redução da capacidade de ação, quando o corpo e a alma são afetados principalmente por paixões tristes.

de modo a desmobilizar, despolitizar e dispersar indivíduos que, assim como os jovens, lutam para perseverar na existência e sobreviver.

### 7.3 Piedade e amizade

Gratidão, estima e benevolência mostram-se como afetos fundamentais para os laços e vínculos de amizade construídos entre os jovens.

Tia Aparecida é um exemplo dessa situação, quando afirmou que deseja retribuir o bem que a comunidade lhe proporcionou.

Leandro, o professor de *break dance*, também menciona a gratidão e a benevolência ao retribuir aos jovens o aprendizado obtido de pessoas que também balizavam suas ações por esses afetos.

O que os jovens parecem evidenciar é o que Espinosa já afirmava sobre as ações, pois estas nunca produziriam tristeza nem servidão. Munidos de esperança e pelo desejo de promover bons encontros, parecem indicar uma percepção de que “[...] *todo esforço puramente individual é vão*” (BRANDÃO, 2012, p. 117).

Espinosa (1997) aproxima a ideia de piedade de amizade, pois este afeto estaria relacionado com a alegria de ser útil para seu semelhante. Segundo Brandão (2012, p. 121): “[...] *a piedade constitui uma ação virtuosa e construtora de sociabilidade*”.

Estes processos de construção de vínculos de amizade trazem à tona a concepção de apoio social. O apoio social envolve processos de reciprocidade e comportamentos positivos entre indivíduos/grupos que se auxiliam material e emocionalmente, permitindo que se tenha maior controle e autonomia sobre a própria vida. Como diz Valla: “[...] o apoio social contribui para manter a saúde das pessoas, pois desempenha uma função mediadora.” (VALLA, 2000, p. 41).

Em meio às adversidades e atenuação das desigualdades em contextos cada vez mais competitivos, vulneráveis e violentos, os jovens parecem apontar para a construção de outro mundo possível, resgatando a dimensão da solidariedade. Apontam para a noção de bons encontros, encontros que aumentam sua capacidade

de ação a partir de afetos positivos, que mobilizam os indivíduos a continuarem se esforçando em prol de suas existências e da coletividade (BOVE, 2010; CHAUÍ, 2011).

Os bons encontros são capazes de potencializarem os sujeitos em suas experiências comunitárias e coletivas. Os trabalhos nos projetos sociais não parecem dar ênfase naquilo que supostamente falta aos jovens, o que requereria uma hierarquia moral, mas sim em, como dizem Strappazon e Maheirie (2016): “[...] sua potência, pautada no encontro como composição dependente de todos que ali estão envolvidos.” (p. 125).

A partir dos vínculos estabelecidos nos espaços do Exército de Salvação e do *hip-hop*, tem sido possível aos jovens a construção de outras referências para suas vidas.

#### **7.4 Potência de ação e de padecimento: possibilidades e desafios**

Algumas vivências relatadas pelos jovens aparecem relacionadas à potência de padecimento (ANHAS; CASTRO-SILVA, 2017; SAWAIA, 2011a), havendo preponderância dos afetos e paixões tristes que constroem a potência de ação dos indivíduos, sendo que muitas vezes estes se consideram os principais responsáveis por seus sofrimentos. Cabe ressaltar que, apesar disso, são projetos que possuem o potencial, seja pelo *rap*, seja na ONG, de produzir reflexões críticas acerca da desigualdade social. São modos encontrados de construção de autonomia e controle sobre a própria vida, projetos que conseguem, de uma maneira ou de outra, constituírem-se como espaços que viabilizam a participação, a troca de experiências, sentimentos, algo que a unidade de saúde ainda não conseguiu contemplar.

[...] muita molecada lá, os meus alunos do beat box, antes deles estarem lá, entendeu, eles muitas vezes estavam na rua, eu já cheguei a ver aluno meu, antes de ser aluno meu, na rua, tipo 23 horas, isso galera de 13, 12 anos, entendeu? E depois disso não (Arthur, Professor de *beat box*, 22 anos).

[...] dançar é algo que eu amo, quando eu fico sem dançar, tipo, é como se eu vivesse num espaço onde, sei lá, eu num consigo me

encontrar em lugar nenhum, é como se eu estivesse andando em uma linha reta sem saber onde quero chegar (César, *b-boy*, 18 anos).

Embora tenhamos ressaltado as potencialidades, estas convivem contraditoriamente com situações emblemáticas. Crianças e jovens são sempre sujeitos do outro, sujeitos do arbítrio dos adultos. A participação nos grupos citados traz outras possibilidades, mas estas continuam a conviver com tais contradições. Leis garantem direitos e protegem crianças e jovens. No caso da Vila dos Pescadores, crianças e jovens são sujeitos do arbítrio de adultos que, muitas vezes, também possuem direitos violados. É um cenário de desproteção e de vínculos que lutam constantemente para não se tornarem mais frágeis.

Considerar jovens como sujeitos de direitos os coloca em situação de igualdade com todos os demais cidadãos. Entretanto, permeando a ideia de proteção, está implícita a ideia de incompletude desses indivíduos, ou seja, de que não estão plenamente prontos para o exercício de sua cidadania. Se por um lado a proteção garante responsabilidades do Estado, família e sociedade, por outro ela retira direitos e oblitera a capacidade de crianças e jovens agirem por si próprios. São sempre mantidos em regime de tutela e controle.

Além disso, a ideia de incompletude parece se acentuar na Vila dos Pescadores. Segundo Castro (2011), esta ideia está associada ao desenvolvimento intelectual, físico, emocional. Dos jovens da comunidade estudada é exigido constantemente que encontrem canais para superarem a sua própria condição de incompletude o mais rápido possível. Precisam cedo entrar no mercado de trabalho para ajudar a família e não podem perder tempo com atividades como o *hip-hop*. Mesmo a ONG convive com essa situação, quando os pais retiram os filhos do projeto, para que estes possam ter tempo livre para trabalhar.

Superar a condição de incompletude é superar sua condição de ser descartável. Sempre existiram as preocupações que hoje permeiam o discurso sobre crianças e jovens, sobretudo no âmbito dos direitos. Crianças e jovens representavam uma ameaça social e não se vislumbrava a continuidade societária, eram descartáveis (CASTRO, 2011).

As políticas voltadas aos jovens parecem bastante interessadas em controlar o máximo possível o tempo livre desses sujeitos, de modo a socializá-los segundo a lógica produtivista do capitalismo. O ócio é perigoso (HORTA; SENA, 2010). Entretanto, na Vila dos Pescadores, o que grande parte dos meninos e das meninas mais possuem é tempo livre, pois suas famílias não dispõem de muitos recursos para que esse tempo seja ocupado. Gastam seu tempo com jogos *on-line*, brincadeiras na rua, futebol, dança, baile funk, até mesmo grupo de *hip-hop* e a ONG. Porém, não são todos que participam das atividades da ONG e dos grupos existentes, alguns acabam por se envolver no mundo do crime, o que reforça para a comunidade a ideia da necessidade de domesticação do tempo ocioso dos jovens.

Muitos acreditam que é preciso “tirar o jovem da rua”. Essa expressão traduz a ideia de que é preciso ocupar os jovens em atividades tidas como produtivas. Estas acabam por ser pensadas por adultos, no caso da ONG, o que muitas vezes desencadeia o desinteresse dos jovens pelas atividades, comparecendo à ONG, sobretudo ou porque os pais obrigam ou porque gostam do tempo ocioso na instituição para fazer o que não podem fazer em casa: ver TV, ouvir música, usar o computador, jogar pingue-pongue.

Parece haver um interesse em colonizar o tempo ocioso dos jovens, mas ninguém nunca lhes pergunta como e se querem fazer isso. Quase sempre essa colonização é feita através de atividades desinteressantes, sem conexão com suas realidades. A opção pelo “fazer nada” é uma afronta na comunidade, indício da preguiça e do demérito, que mais tarde pode culminar (ameaça), na visão de adultos e até de alguns jovens, no envolvimento com o crime e na gravidez precoce.

Embora leis como a do Estatuto da Criança e do Adolescente possam garantir direitos de maneira universal, na prática acaba por selecionar os mais vulneráveis em ações setoriais isoladas (CASTRO, 2011). Este resultado foi encontrado na pesquisa de mestrado, na qual se constatou pouco diálogo e articulação das instituições responsáveis pelo atendimento de jovens: escola, ONG, unidade de saúde e projeto de capoeira (ANHAS; CASTRO-SILVA, 2017).

O reconhecimento jurídico dos direitos faz-se necessário, uma vez que vivemos em uma democracia alicerçada nos princípios de liberdade e igualdade (SOUZA, 2004). Entretanto, existem dimensões que somente a garantia de direitos não tem

conseguido atingir. Fala-se, por exemplo, em direito à saúde, direito de ir e vir, direito à moradia. Todas são conquistas humanas, mas que expressos na letra de lei podem dar a impressão de que avançamos o suficiente e a luta se encerrou. Os jovens querem ser reconhecidos muito mais do que por seus direitos, já garantidos em leis. Desejam ser reconhecidos por serem gente, cidadãos, pessoas que possuem uma subjetividade, delineada em um contexto marcado pela desigualdade social.

Souza (2004), retomando os estudos de Charles Taylor sobre dignidade e reconhecimento, ressalta que este concerne “[...] à relação entre o compartilhamento de uma economia emocional e moral contingente à possibilidade de reconhecimento social para indivíduos e grupos: para que haja eficácia legal da regra de igualdade é necessário que a percepção da igualdade na dimensão da vida cotidiana esteja efetivamente internalizada” (p. 84). Em outras palavras, o reconhecimento do outro como gente antecede o reconhecimento jurídico de seus direitos.

Em seu cotidiano, os moradores da Vila dos Pescadores convivem com a violação de inúmeros direitos. Para a juventude, esta situação se acentua, devido à ideia de controle, tutela, descartabilidade. Souza (2004) nos traz elementos importantes para pensar a construção histórica da desigualdade social brasileira. Os jovens da comunidade trazem as marcas perversas dessa desigualdade, sendo vistos pelo conjunto da sociedade como menos gente. Situações constrangedoras de enquadramento pela polícia são comuns e bastante vividas por esses indivíduos, das quais sempre esperam o pior.

A associação entre juventude e violência é ideológica e histórica, conforme apontam Trassi e Malvasi (2010). Devido ao conhecimento desse fato, os jovens ficaram apreensivos quando da abordagem do policial, que sempre é feita de modo abusivo, causando constrangimentos. A comunidade, sobretudo os jovens, vive concomitantemente com a violência praticada pelo Estado e o poder coercitivo do tráfico, que se constitui como a exacerbação do capitalismo e do neoliberalismo (FEFFERMANN, 2006) e ocupa lacunas deixadas pelo próprio Estado.

A ONG e o grupo de *hip-hop* buscam lutar contra a inserção dos jovens no tráfico: “[...] a gente tá aqui pra combater o lado negativo. Eles vem pesado, a gente vem mais ainda, essa é a arte. (Entrevista de A, 22 anos, professor do *Hip-hop*)”. O

envolvimento de jovens no tráfico pode desencadear o sentimento de impotência, de paralisia. Contudo, estes constroem estratégias contra o fenômeno.

A resposta da monitora do Exército de Salvação foi enfática: “Está na biqueira”. Eu paralisei. Fiquei extremamente chateado. Na hora de ir embora, já sozinho no carro, chorei. Tal como faço hoje com os jovens, joguei muito pingue pongue com esse garoto, que hoje está com 17 anos, na época do mestrado. O radinho, a mochila e a vergonha ao ver os funcionários da ONG, abaixando a cabeça, indicam que está mesmo no tráfico. Fiquei me perguntando o que aconteceram aos sonhos desse garoto de se tornar um jogador de futebol e de ir morar em um bairro ou cidade melhores (Diário de Campo, 23.06.2017).

As contradições constituem os processos sociais. Aprender e compreender as contradições é uma maneira de romper com a mera reprodução de ideias e comportamentos tidos como naturais (LANE, 2004; THOMPSON, 2011). Os grupos (Exército de Salvação e *hip-hop*) atuam em meio às contradições, possibilitando algumas apreensões e compreensões, pois, em certa medida, eles são a própria contradição em um mundo cada vez mais individualizado, onde as relações sociais são construídas em detrimento do coletivo. Nos grupos, como vimos, está presente a noção de amizade e possibilidades de construção de outras referências para suas vidas, a partir do encontro com outros jovens que vivem realidade semelhante.

Os resultados mostram a potência das formas de participação social criadas pelos jovens. Estas concernem, principalmente, ao enfrentamento das consequências da desigualdade em espaços comunitários, possibilitados pelo Exército de Salvação e movimento *hip-hop*. Apontamos a importância de se realizarem estudos com jovens, levando em consideração seus modos de sociabilidade, subjetividade e participação social, no sentido de dar visibilidade a tais questões, buscando-se formas de construção do conhecimento conjunto em espaços formais e informais, muitas vezes criados pelos próprios jovens. Constitui-se ainda um desafio e afirmamos a relevância de, além de se elaborar políticas públicas com os jovens, é também relevante produzir ciência e conhecimento com eles.



## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Uma cidade como Cubatão, e aqui falo também como nativo, com vocação industrial e pouco incentivo de políticas para o lazer e a cultura, parece fazer com que as pessoas criem estratégias para viver a/na cidade. Algumas dessas estratégias estão relacionadas justamente a iniciativas individuais e grupais de criação de espaços alternativos de difusão da arte e cultura na cidade.

A tal vocação industrial atraiu muitos trabalhadores de outras regiões do país, que passaram a viver na cidade, principalmente nas regiões periféricas. Um dos maiores polos industriais da América Latina já não contrata como antes. As recentes demissões da antiga Companhia Siderúrgica Paulista, a Usiminas, em 2017, de aproximadamente 4000 trabalhadores, evidencia esse fato. As perspectivas entre os jovens de ascensão social pelo trabalho se reconfiguram e aqueles residentes nas áreas mais marginalizadas da cidade são intensamente afetados.

A tal vocação industrial fez com que os governantes ignorassem completamente questões relacionadas ao lazer, à cultura e à educação, sendo esta última sempre voltada ao mercado de trabalho. A vocação industrial, conforme demonstrado na análise sócio-histórica deste trabalho, girava em torno do mito desenvolvimentista, que contribuiu imensamente com a degradação do meio ambiente na cidade de Cubatão.

Um exemplo recente de como o mito desenvolvimentista continua presente até os dias de hoje foi o corte orçamentário no município para a banda sinfônica, uma das mais reconhecidas na cidade e no país. O que fica evidente é que o desenvolvimento contribuiu para a ascensão de determinados grupos sociais, em detrimento de uma maioria, que continua vivendo em situações de vida bastante precárias, como na Vila dos Pescadores.

A desvalorização da arte e da cultura foi comentada e sentida pelos jovens da comunidade e traduz um processo histórico na cidade. Os jovens relatam que os pais não incentivam a participação no movimento *hip-hop* e a isso subjaz a ideia de que essa participação não traz ganhos concretos. Os jovens, contudo, deixaram evidente que participar do movimento *hip-hop* é uma estratégia para perseverar na existência.

O Exército de Salvação também se mostrou como um importante espaço de afetividade e aprendizagens. É também desvalorizado pelo poder público e, ao longo dessa pesquisa, viveu graves dificuldades financeiras, devido ao não repasse das verbas da assistência. Não fossem as doações oriundas de membros da igreja do Exército de Salvação, as atividades ficariam impossibilitadas.

Os dois espaços, movimento *hip-hop* e Exército de Salvação, são potentes e tiram os indivíduos do isolamento, propiciando a criação e o fortalecimento de vínculos. Ademais, mostram-se como espaços de construção de sociabilidades, tirando os jovens da sensação de isolamento presentes na cidade e também na comunidade.

Em meio a tantas contradições e a um sentimento de isolamento em uma cidade constituída historicamente como mero lugar de passagem, as redes sociais virtuais apareceram como um elemento que apoia a construção de vínculos e sociabilidade. Entretanto, a ideia inicial dessa pesquisa de fazer um estudo inteiramente *on-line* tornou-se inviável. As redes e a internet parecem ter um papel importante na vida dos jovens, mas não essencial.

As redes sociais virtuais expressam alguns modos de sociabilidade presentes no bairro, já observados em outras pesquisas no território. A questão da fofoca, por exemplo, é uma delas. As redes elevam, na visão dos participantes, a disseminação da fofoca, sobretudo aquelas com forte cunho moralizante, como foi o caso dos *nudes* enviados por uma jovem.

Como afirmei, baseando-me em Feltran (2011; 2014), a internet e as redes sociais podem ajudar a flexibilizar certos conteúdos morais, principalmente aqueles concernentes aos regimes normativos da religião. Entretanto, esse processo não ocorre sem resistência e contradições, como ficou evidente pela atitude da mãe frente ao envio dos *nudes*.

O que desejo afirmar é que a internet e as redes sociais parecem ter tirado alguns jovens do “isolamento”, apresentando a estes outras referências e possibilidades para suas vidas.

As aprendizagens construídas no *on-line* se estenderam para o mundo *off-line*, favorecendo a construção de vínculos de amizade. Isso significa que a internet parece fortalecer os indivíduos através, por exemplo, das aprendizagens construídas no ambiente virtual. O indivíduo fortalecido volta-se a atividades coletivas, através das quais podem ser reconhecidos de outra forma, desconstruindo estereótipos, geralmente atribuídos a quem reside em periferias como a Vila dos Pescadores.

## REFERÊNCIAS

---

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 1. ed. Tradução: Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADERALDO, Guilherme André. **Reinventando a “cidade”**: disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de “coletivos culturais” em São Paulo. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALONSO-RUIDO, Patrícia. *et al.* El Sexting a través del discurso de adolescentes españoles. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 398-409, 2018.

AMARO, J. P. Sentimento psicológico de comunidade: uma revisão. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 25, n. 1, p. 25-33, 2007.

ANHAS, Danilo de Miranda. **Participação social e subjetividade**: as vivências de jovens moradores da Vila dos Pescadores em Cubatão/SP. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2015.

ANHAS, Danilo de Miranda; CASTRO-SILVA, Carlos Roberto de. Sentidos atribuídos por adolescentes e jovens à saúde: desafios da Saúde da Família em uma comunidade vulnerável de Cubatão, São Paulo, Brasil. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 484-495, 2017.

ASSUNÇÃO, Raquel Sofia; MATOS, Paula Mena. Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 19, n. 3, p. 539-547, jul/set., 2014.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras**: Baixada Santista, Campinas, Maceió e Vale do Paraíba. Brasília, DF: PNUD, 2015. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/atlasdodesenvolvimentohumanor.ms.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2018.

AZEVEDO, L. G. N. G. **Implicações políticas das relações de amizades mediadas pela Internet**. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

AZEVEDO, L. G. N. G. *et al.* Experimentação política da amizade em comunidades da internet a partir da teoria dos afetos de Espinosa. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 208-220, 2016.

BASILE, D.; LINNE, J. Usos escolares de Internet en adolescentes de sectores populares. **Espacio Abierto**, Caracas, v. 22, n. 3, p. 477-487, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2011.

BOCK, A. M. B. A. Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. *In*: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2011. p. 15-36.

BOGHOSSIAN, C. O.; MINAYO, M. C. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. **Saúde e Sociedade**. v. 18, n. 3, p. 411-423, 2009.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOVE, L. Sobre o princípio do conhecimento dos afetos em Espinosa: causalidade e esforço sem objeto na Ética III. *In*: \_\_\_\_\_. (org.). **Espinosa e a Psicologia Social**: ensaios de ontologia política e antropogênese. Belo Horizonte: Autêntica/NUPSI-USP, 2010. p. 25-40.

BOYD, D. Entendendo a vida adolescente: estratégias para coleta de dados etnográficos em uma era conectada. *In*: Lima, N. L. *et al.* **Juventude e cultura digital**: diálogos interdisciplinares. Belo Horizonte: Artesã, 2017. p. 107-134.

BRANDÃO, I. R. **Afetividade e transformação social**: sentido e potência dos afetos na construção do processo emancipatório. Sobral: Edições Universitárias, 2012.

BRUNO, F. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BUCCI, Eugênio. Comunicação digital. *In*: SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sérgio (org.). **Cultura digital**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. p. 202-213.

BUELGA, S.; CAVA, M. J.; MUSITU, G. Validación de la escala de victimización entre adolescentes a través del teléfono móvil y de internet. **Revista Panamericana de Salud Pública**, Washington, D.C., v. 32, n. 1, p. 36-41, 2012.

CAIROLI, Priscilla; GAUER, Gabriel Chittó. A adolescência escrita em blogs. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 205-213, abril/junho, 2009.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. 12. ed. Petrópolis, RJ: Cortez, 2015.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTRO, Lúcia Rabelo de. Ir além dos direitos? Emancipação e política no campo da infância e juventude. **Saúde e Direitos Humanos**, Brasília, v. 7, n. 7, p. 147-158, 2011.

CASTRO-SILVA, C. R.; ANHAS, D. M. Potência de ação do agente comunitário de saúde: contribuições da pesquisa participante e da hermenêutica de profundidade. *In*: Atas - Investigação Qualitativa em Saúde, São Paulo, v. 2, p. 1246-1255, 2017. Trabalho apresentado no 6º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa, 2017, Salamanca, ES. Disponível em: <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/viewFile/1461/1418>. Acesso em: 28 jan. 2018.

CASTRO-SILVA, C. R. *et al.* Participação social e a potência do agente comunitário de saúde. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 113-123, 2014.

CETIC (Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação). TIC Domicílios e usuários 2014: pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil São Paulo: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR; 2014. Disponível em: <http://www.cetic.br>  
<https://www.cetic.br/pesquisa/domicilios/>. Acesso em: 12 jan. 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CIAMPA, A. C. Identidade. *In*: CORDO, W.; LANE, S. T. M. (org.). **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 58-77.

CIESP. Centro das Indústrias do Estado de São Paulo. **Polo industrial de Cubatão: Relatório Anual de nossas matérias-primas**. 2016. Disponível em: [http://www.ciesp.com.br/cubatao/files/2017/11/Relat%C3%B3rio-Anual-2016\\_Site.pdf](http://www.ciesp.com.br/cubatao/files/2017/11/Relat%C3%B3rio-Anual-2016_Site.pdf). Acesso em: 1 maio 2018.

COSTA, S. L. da; CASTRO-SILVA, C. R. Afeto, memória, luta, participação e sentidos de comunidade. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 10, n. 2, p. 283-291, 2015.



DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, V. C. **Morando na rede**: novos modos de constituição de subjetividades de adolescentes nas redes sociais. Curitiba: CRV, 2016.

ESPINOSA, Baruch. Ética. *In*: \_\_\_\_\_. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. p. 140-436.

FALS BORDA, Orlando. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 42-62.

FEFFERMANN, M. Vidas arriscadas: o cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico. Petrópolis, RJ: Vozes; 2006.

FELTRAN, G. **Fronteiras de tensão**: política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: Editora UNESP/CEBRAP, 2011.

\_\_\_\_\_. **Irmãos**: uma história do PCC. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FERIGATO, S. H.; SILVA, C. R.; GOZZI, A. P. N. F. O advento da cibercultura e das cibercidades: a produção de novas estéticas e a reconfiguração dos processos de inclusão e exclusão social. *In*: BERTELLI G. & FELTRAN G. **Vozes à margem**: periferias, estética e política. São Carlos: EdUFSCAR, 2017. p. 215-232.

FERNANDES, Fernando Manuel Bessa; MOREIRA, Marcelo Rasga. Considerações metodológicas sobre as possibilidades de aplicação da técnica de observação participante na Saúde Coletiva. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 511-529, 2013.

FERREIRA-FILHO, Clayton Barbosa. **A (toxi)cidade de Cubatão**: história ambiental, desastres tecnológicos e a construção do imaginário ambiental da cidade tóxica na década de 1980. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná Irati, 2015.

FIGUTI, L. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaqueiros. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, S. Paulo, v. 3, p. 67-80, 1993.

FONSECA, C. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FREITAS, Elisa Aires Rodrigues de; AVELINO DA SILVA, Luiz Carlos. Escritas de si mesmo: os adolescentes e seus blogs. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 139-157, 2014.

FRUTUOSO, Maria Fernanda Petrolí *et al.* Gestão local de saúde em território de vulnerabilidade: motivações e racionalidades. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 105, p. 337-349, jun. 2015.

GARCÍA, B. C.; LÓPEZ, M. C. L. A.; JIMÉNEZ, A. G. Los riesgos de los adolescentes en Internet: los menores como actores y víctimas de los peligros de Internet. **Revista Latina de Comunicación Social**, Tenerife, v. 69, p. 462-485, 2014.

GERMANO, I. M. P. *et al.* Eu no Facebook: percepções de usuários sobre imagens pessoais compartilhadas na rede. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 482-505, 2018.

GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil**: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. Sociologia dos Movimentos Sociais. São Paulo: Cortez, 2014.

GOMES, H. S. **Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE**. Portal G1. 21 de fevereiro 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 4 fev. 2019.

GOMES, Lívia Godinho Nery. **Implicações políticas das relações de amizades mediadas pela internet**. São Paulo. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GONÇALVES-FILHO, J. M. Humilhação social - um problema político em psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 11-67, 1998.

GONZÁLEZ-REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: CENGAGE Learning, 2012.

GUADIX, Manuel Gámez; GEORGE, Fabiola Itzel Villa. El modelo cognitivo-conductual de la adicción a Internet: el papel de la depresión y la impulsividad en adolescentes mexicanos. **Psicología y Salud**, Veracruz, v. 25, n. 1, p. 111-122, 2015.

GUARESCHI, P. A. Relações comunitárias: relações de dominação. *In*: CAMPOS, R. H. de F. (org.). **Psicologia Social Comunitária**: da solidariedade à autonomia. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 81-99.

GUARESCHI, P. Mídia e Democracia: o quarto versus o quinto poder. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 06-25, 2007.

GUITIÉRREZ, A. E. *et al.* El papel mediador de la regulación emocional entre el juego patológico, uso abusivo de Internet y videojuegos y la sintomatología disfuncional en jóvenes y adolescentes. **Adicciones**, Barcelona, v. 26, n. 4, p. 282-290, 2014.

HORTA, N. C.; SENA, R. R. Abordagem ao adolescente e ao jovem nas políticas de saúde no Brasil: um estudo de revisão. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 475-495, 2010.

IBGE. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em: 12 out. 2018.

IBGE Cidades. **Cubatão, 2018**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/cubatao/panorama>. Acesso em: 1 maio 2018.

IPVS, Índice de Vulnerabilidade Social em Cubatão. Disponível em: <http://www.indices-illp.al.sp.gov.br/view/pdf/ipvs/mun3513504.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

JIMÉNEZ, A. G. Una perspectiva sobre los riesgos y usos de Internet en la adolescencia. **Revista Icono 14**, Madrid, v. 9, p. 396-411, 2011.

KELLNER, Douglas. **Cultura Mediática**: estudios culturales, identidad y política entre lo moderno y lo posmoderno. Madrid: Akal/Estudios Visuales, 2011.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

\_\_\_\_\_. The field behind the screen: using netnography for marketing research in online communities. **Journal of Marketing Research**, Chicago, v. 39, p. 61-72, fev, 2002.

LAM-FIGUEROA *et al.* Adicción a internet: desarrollo y validación de un instrumento en escolares adolescentes de Lima, Perú. **Revista Peruana de Medicina Experimental y Salud Pública**, Lima, v. 28, n. 3, p. 462-469, 2011.

LANDIN, B. O. **Cubatão**: Vale da Morte. 1987. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s6zzwvK0R5E>. Acesso em: 15 jul. 2018.

LANE, S. T. M. A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. *In*: \_\_\_\_\_. (org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 10-19.

LANE, S. T. M. Histórico e fundamentos da Psicologia Comunitária no Brasil. *In*: CAMPOS, R. H. de F. (org.). **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 17-34.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LINNE, Joaquín. Después de la ampliación de la internet hogareña: los adolescentes de sectores populares y los cibernautas en la Ciudad de Buenos Aires. **Signo y Pensamiento**, Bogotá, v. 33, n. 65, p. 70-83, Dec. 2014.

LITORAL SUSTENTÁVEL. **Resumo Executivo de Cubatão, 2012**. Disponível em: <http://litoralsustentavel.org.br/wp-content/uploads/2013/11/Resumo-Executivo-de-Cubatao-Litoral-Sustentavel.pdf>. Acesso em: 1 maio 2018.

LOZANO, A. C. Usos sociales de internet entre los adolescentes españoles. **Revista sobre la infancia y la adolescencia**, Valência, v. 8, p. 01-14, 2015.

MAGRO, V. M. M. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 22, n. 57, p. 63-75, 2002.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Crítica e libertação na Psicologia: estudos psicossociais**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MATÍAS, M. L.; GUERRERO, A. L.; LABAY-GUERRERO, M. Internet, sexo y adolescentes: una nueva realidad. Encuesta a jóvenes universitarios españoles. **Revista Pediatría de Atención Primaria**, Madrid, v. 13, n. 50, p. 225-233, 2011.

MATOS, P. A dor e o estigma da puta pobre. *In*: SOUZA, J. **A ralé brasileira: quem é e como vive São Paulo**: Editora Contracorrente, 2018. p. 191-224

MELO, R. Da teoria à práxis? Axel Honneth e as lutas por reconhecimento na teoria política contemporânea. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, DF, n. 15, p. 17-36, 2014.

MENSLIN, M. S. Rádio e internet como instrumentos para apoiar o desenvolvimento de adolescentes com dificuldades de expressão. **Educação, Formação e Tecnologias**, Braga, v. 4, n. 1, p. 102-114, 2011.

MONTELEONE-NETO, R. *et al.* Birth defects and environmental pollution: the Cubatão example. **Progress in Clinical and Biological Research**, New York, v. 163B: p. 65-68, 1985.

MONTERO, M. **Teoría y práctica de la psicología comunitaria**: la tensión entre comunidad y sociedad. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MORAES, *et al.* Pesquisa participante na estratégia saúde da família em territórios vulneráveis: a formação coletiva no diálogo pesquisador e colaborador. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 205-222, 2017.

MOURA, Diego. **Documentário – Uma Tragédia Anunciada**. 2014. 1 vídeo (15 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U-qcw9x293U>. Acesso em: 15 jul. 2018.

MOURA, L.; CASTRO-SILVA, C. R. A violência de gênero contra a mulher na percepção de Agentes Comunitários de Saúde. **Revista Sociais & Humanas**, Santa Maria, v. 30, n. 3, p. 31-54, 2017.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Sociabilidade Virtual: separando o joio do trigo. **Psicologia & Sociedade**. Minas Gerais, v. 17, n. 2, p. 50-57, maio/ago, 2005.

PEREIRA, A. B. **“A maior zoeira” na escola**: experiências juvenis na periferia de São Paulo. São Paulo: Editora Unifesp, 2016.

PEREIRA, Cláudia da Silva. Os wannabees e suas tribos: adolescência e distinção na Internet. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 357-382, maio/agosto, 2007.

PINHO, José Antônio Gomes de. Sociedade da informação, capitalismo e sociedade civil: reflexões sobre política, Internet e democracia na realidade brasileira. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 98-106, jan-fev, 2001.

PINTO, C. S. **Cubatão**: história de uma cidade industrial. São Paulo: Editora do Autor, 2005.

ROJAS, F. H. Influencia de los juegos de internet en el comportamiento de los adolescentes de la ciudad de Puno – 2010. **Revista de Investigación en Comunicación y Desarrollo**, Una, v. 2, n. 2, p. 37-44, 2011.

SAWAIA, Bader Burihan. Teoria laneana: a univocidade radical aliada à dialética-materialista na criação da psicologia social histórico-humana. **Psicologia & Sociedade**, Minas Gerais, v. 19, n. spe2, p. 81-89, 2007.

\_\_\_\_\_. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, R. H. de F. (org.). **Psicologia Social Comunitária**: da solidariedade à autonomia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 35-53.

SAWAIA, Bader Burihan. Transformação social: um objeto pertinente à Psicologia Social? **Psicologia & Sociedade**, Minas Gerais, v. 26, n. spe. 2, p. 4-17, 2014.

\_\_\_\_\_. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. *In*: \_\_\_\_\_. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Rio de Janeiro: Vozes, 2011a. p. 99-120.

\_\_\_\_\_. Identidade: uma ideologia separatista? *In*: \_\_\_\_\_. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Rio de Janeiro: Vozes, 2011b. p. 121-129.

\_\_\_\_\_. Participação social e subjetividade. *In*: SORRENTINO, Marcos (org.). **Ambientalismo e participação na contemporaneidade**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2001. p. 115-134.

SCHMIDT, M. L. S. Pesquisa participante e formação ética da pesquisa na área da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 391-398, 2008.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SILVEIRA, M. D. P. da. Efeitos da Globalização e da Sociedade em Rede via Internet na formação de identidades contemporâneas. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 24, n. 4, p. 42-51, 2004.

SIMÕES, J. A. Investigando a rua através da internet (e vice-versa): considerações teórico-metodológicas sobre um itinerário etnográfico. **Análise Social**, v. 205, n. 47, p. 792-817. 2012

\_\_\_\_\_. Explorando terrenos digitais: metodologias de investigação qualitativa online e offline em práticas culturais e de participação juvenis. *In*: FERREIRA V. S. **Pesquisas jovens**: caminhos e desafios metodológicos. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, p. 111-134. 2017

SOUSA-ALVES, M. A. A cibercultura e as transformações em nossas maneiras de ser, pensar e agir. *In*: LIMA, N. L. *et al.* (org.). **Juventude e cultura digital**: diálogos interdisciplinares. Belo Horizonte: Artesã, 2017. p. 169-180.

SOUZA, Jessé. A gramática social da desigualdade brasileira. **Revista Brasileira Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 54, p. 79-96, 2004.

SPINK, M. J.; MENEGON, V. M.; MEDRADO, B. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 32-43, 2014.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 16-39, 2003.

STRAPPAZZON, A. L.; MAHEIRIE, K. “Bons encontros” como composições: experiências em um contexto comunitário. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, p. 114-127, 2016.

STRECK, Danilo Romão. Metodologias participativas de pesquisa e educação popular: reflexões sobre critérios de qualidade. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 20, n. 58, p. 537-547, 2016.

\_\_\_\_\_. Pesquisa é pronunciar o mundo: notas sobre método e metodologia. *In*: BRANDÃO, Carlos Roberto; STRECK, Danilo Romão. **Pesquisa participante: o saber da partilha**. São Paulo: Ideias e Letras, 2006. p. 259-276.

SUÁREZ-BALCÁZAR, Y.; GARCÍA-RAMÍREZ, M. Internet y cambio comunitario en unbarrio empobrecido de Chicago. Implicaciones para Andalucía. **Apuntes de Psicología**, Sevilla, v. 21, n. 3, p. 533-548, 2003.

SUNSTEIN, Cass. **Is the Internet really a blessing for democracy?** Disponível em: <http://bostonreview.net/cass-sunstein-internet-democracy-daily-we>. Acesso em: 21 jan. 2015.

TEIXEIRA, L. C. Sentido subjetivo da exploração sexual para uma adolescente prostituída. *In*: OZELLA, S. (org.). **Adolescências construídas: a visão da Psicologia Sócio-Histórica**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 105-136.

THIBES, Mariana Zanata. As formas de manifestação da privacidade nos três espíritos do capitalismo: da intimidade burguesa ao exibicionismo de si nas redes sociais. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 316-343, 2017.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TORRENTE, Estefanía *et al.* Association of Internet addiction with social anxiety and lack of social skills in spanish adolescents. **Terapia Psicológica**, Santiago, v. 32, n. 3, p. 175-184, dic. 2014.

TRASSI, M. L.; MALVASI, P. A. **Violentamente pacíficos: desconstruindo a associação juventude e violência**. São Paulo: Cortez; 2010.

VALLA, V. V. Redes sociais, poder e saúde à luz das classes populares numa conjuntura de crise. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 4, n. 7, p. 37-56, 2000.

VENTURA, T. Hip-hop e graffiti: uma abordagem comparativa entre o Rio de Janeiro e São Paulo. **Análise Social**, Lisboa, n. 192, p. 605-634, 2009.

VERONESE, M. V.; GUARESCHI, P. Hermenêutica de profundidade na pesquisa social. **Ciências Sociais-UNISINOS**, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 85-93, maio/ago, 2006.



APÊNDICES

---

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Participante

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO – CAMPUS BAIXADA SANTISTA

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**Pesquisa:** Subjetividade e Construção da Participação Social através da internet entre jovens moradores de um bairro de alta vulnerabilidade em Cubatão/SP.

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de doutorado Subjetividade e Construção da Participação Social através da internet entre jovens moradores de um bairro de alta vulnerabilidade em Cubatão/SP. Seu/sua responsável legal está ciente de sua participação no estudo.

A pesquisa tem como objetivo entender como se dá a participação social de adolescentes e jovens na sua comunidade, a Vila dos Pescadores, pela Internet. O estudo vai nos auxiliar a entender como a participação social na Internet pode ajudar a melhorar a área da saúde do bairro.

O procedimento utilizado para esta coleta de dados é uma entrevista e observações em campo. Serão feitas quinze perguntas, podendo ser acrescentadas mais perguntas conforme a entrevista, com aproximadamente 45 minutos de duração previstos. Isto vai ajudar o pesquisador saber a sua opinião. Você tem liberdade para falar como quiser sobre o assunto questionado.

Você pode sentir algum desconforto em responder a alguma das perguntas. Neste caso, tem total liberdade para não responder ou dizer aquilo que acha possível, levando em conta suas restrições individuais. Não haverá benefício direto aos participantes da pesquisa, nem remuneração ou prejuízo financeiro.

É garantida a liberdade da sua retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal investigador é Danilo de Miranda Anhas, que pode ser encontrado no endereço: Av. Ana Costa, 95, Vila Mathias, Santos, SP e pelo telefone (13) 99731-4656. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572 – 1º andar – cj 14, (11) 5571-1062, E-mail: cepunifesp@epm.br .

Os resultados da pesquisa serão publicados, mas a sua identidade, assim como a de todos os participantes, será mantida em sigilo. Você tem direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa ou de resultados que sejam do conhecimento do pesquisador. O pesquisador se compromete a utilizar o material coletado somente para esta pesquisa.

Em caso de dano pessoal diretamente causado pelos procedimentos, você tem direito a ser encaminhado à unidade de saúde mais próxima (acompanhado de integrante da pesquisa), bem como às indenizações legalmente estabelecidas.

Cabe informar que este termo está sendo disponibilizado em duas vias originais, devidamente assinadas. Uma das vias permanecerá com você e a outra com o pesquisador.

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO – CAMPUS BAIXADA SANTISTA

**Declaração do(a) Participante da Pesquisa**

Acredito ter sido suficientemente informado(a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo a pesquisa “Subjetividade e Construção da Participação Social através da internet entre jovens moradores de um bairro de alta vulnerabilidade em Cubatão/SP.” Ficaram claros para mim quais são os objetivos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de sigilo e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também minha participação não terá nenhum gasto financeiro para mim. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que a qualquer momento posso dizer “não” e desistir. Concordo, portanto, participar deste estudo e declaro que li e recebi uma via deste termo de assentimento.

Nome completo do(a) participante do estudo: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

**Declaração do Pesquisador**

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa para a participação neste estudo, explicando os objetivos da pesquisa e todas as dúvidas pertinentes a ela.

Nome completo do pesquisador: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Responsável

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO – CAMPUS BAIXADA SANTISTA

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**Título da Pesquisa:** Subjetividade e Construção da Participação Social através da internet entre jovens moradores de um bairro de alta vulnerabilidade em Cubatão/SP.

Estamos convidando o(a) adolescente, sob sua responsabilidade legal, a participar de uma pesquisa de doutorado, que tem como objetivo investigar formas de fortalecimento e construção de estratégias de participação social apoiadas no uso da Internet por jovens da Vila dos Pescadores em Cubatão/SP, no âmbito da saúde.

O procedimento utilizado para esta coleta de dados é uma entrevista e observações em campo, consistindo em quinze perguntas, podendo ser acrescentadas mais perguntas conforme a entrevista, com aproximadamente 45 minutos de duração previstos. Isto permitirá ao pesquisador saber a sua opinião sobre o tema pesquisado. A entrevista semi-estruturada conta com perguntas abertas e fechadas, dando ao/à adolescente a liberdade de falar como quiser sobre o assunto questionado. Ele/a pode sentir algum desconforto em responder a alguma das perguntas. Neste caso, o/a adolescente tem total liberdade para não responder ou dizer aquilo que acha possível, levando em conta suas restrições individuais. Não haverá benefício direto a nenhum participante da pesquisa, nem remuneração ou prejuízo financeiro.

Em qualquer etapa do estudo, o/a adolescente terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal pesquisador é Danilo de Miranda Anhas, que pode ser encontrado no endereço: Av. Ana Costa, 95, Vila Mathias, Santos, SP e pelo telefone (13) 99731-4656. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572 – 1º andar – cj 14, (11) 5571-1062, E-mail: cepunifesp@epm.br .

É garantida a liberdade para retirada deste consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com as de outros voluntários, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante da pesquisa. Os resultados da pesquisa serão publicados, mas a identidade de todos os participantes será mantida em sigilo.

O/adolescente e você têm o direito de ser mantidos(as) atualizado(as) sobre os resultados parciais da pesquisa ou de resultados que sejam do conhecimento do pesquisador. O pesquisador se compromete a utilizar o material coletado somente para esta pesquisa. Em caso de dano pessoal diretamente causado pelos procedimentos, o/adolescente tem direito a ser encaminhado(a) à unidade de saúde mais próxima (acompanhado/a de integrante da pesquisa), bem como às indenizações legalmente estabelecidas.

Cabe informar que este termo está sendo disponibilizado em duas vias originais, devidamente assinadas. Uma das vias permanecerá com você e a outra com o pesquisador.

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO – CAMPUS BAIXADA SANTISTA

**Declaração do(a) Responsável**

Acredito ter sido suficientemente informado(a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo a pesquisa “Subjetividade e Construção da Participação Social através da internet entre jovens moradores de um bairro de alta vulnerabilidade em Cubatão/SP.” Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a participação é isenta de despesas. Autorizo, portanto, \_\_\_\_\_ (preencher com nome completo do/a adolescente) a participar deste estudo e, tanto ele/a como eu poderemos retirar esse consentimento a qualquer momento, antes ou durante o estudo, sem penalidades ou prejuízos. Declaro que li e recebi uma via deste termo de consentimento.

Nome completo do(a) responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

**Declaração do Pesquisador**

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa para a participação neste estudo, explicando os objetivos da pesquisa e todas as dúvidas pertinentes a ela.

Nome completo do pesquisador: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C – Termo de Assentimento

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO – CAMPUS BAIXADA SANTISTA

### Termo de Assentimento

**Título da Pesquisa:** Subjetividade e Construção da Participação Social através da internet entre jovens moradores de um bairro de alta vulnerabilidade em Cubatão/SP.

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de doutorado Subjetividade e Construção da Participação Social através da internet entre jovens moradores de um bairro de alta vulnerabilidade em Cubatão/SP. Seu/sua responsável legal está ciente de sua participação no estudo.

A pesquisa tem como objetivo entender como se dá a participação social de adolescentes e jovens na sua comunidade, a Vila dos Pescadores, pela Internet. O estudo vai nos auxiliar a entender como a participação social na Internet pode ajudar a melhorar a área da saúde do bairro.

O procedimento utilizado para esta coleta de dados é uma entrevista e observações em campo. Serão feitas quinze perguntas, podendo ser acrescentadas mais perguntas conforme a entrevista, com aproximadamente 45 minutos de duração previstos. Isto vai ajudar o pesquisador saber a sua opinião. Você tem liberdade para falar como quiser sobre o assunto questionado.

Você pode sentir algum desconforto em responder a alguma das perguntas. Neste caso, tem total liberdade para não responder ou dizer aquilo que acha possível, levando em conta suas restrições individuais. Não haverá benefício direto aos participantes da pesquisa, nem remuneração ou prejuízo financeiro.

É garantida a liberdade da sua retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal investigador é Danilo de Miranda Anhas, que pode ser encontrado no endereço: Av. Ana Costa, 95, Vila Mathias, Santos, SP e pelo telefone (13) 99731-4656. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572 – 1º andar – cj 14, (11) 5571-1062, E-mail: cepunifesp@epm.br .

Os resultados da pesquisa serão publicados, mas a sua identidade, assim como a de todos os participantes, será mantida em sigilo. Você tem direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa ou de resultados que sejam do conhecimento do pesquisador. O pesquisador se compromete a utilizar o material coletado somente para esta pesquisa.

Em caso de dano pessoal diretamente causado pelos procedimentos, você tem direito a ser encaminhado à unidade de saúde mais próxima (acompanhado de integrante da pesquisa), bem como às indenizações legalmente estabelecidas.

Cabe informar que este termo está sendo disponibilizado em duas vias originais, devidamente assinadas. Uma das vias permanecerá com você e a outra com o pesquisador.

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO – CAMPUS BAIXADA SANTISTA

**Declaração do(a) Participante da Pesquisa**

Acredito ter sido suficientemente informado(a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo a pesquisa “Subjetividade e Construção da Participação Social através da internet entre jovens moradores de um bairro de alta vulnerabilidade em Cubatão/SP.” Ficaram claros para mim quais são os objetivos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de sigilo e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também minha participação não terá nenhum gasto financeiro para mim. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que a qualquer momento posso dizer “não” e desistir. Concordo, portanto, participar deste estudo e declaro que li e recebi uma via deste termo de assentimento.

Nome completo do(a) participante do estudo: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

**Declaração do Pesquisador**

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa para a participação neste estudo, explicando os objetivos da pesquisa e todas as dúvidas pertinentes a ela.

Nome completo do pesquisador: \_\_\_\_\_

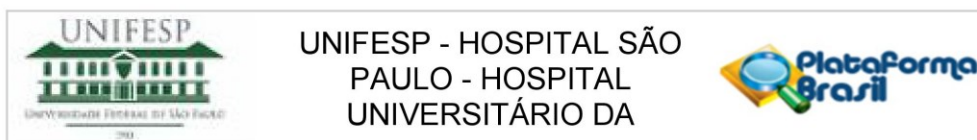
Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

**ANEXOS**

---



## ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP – UNIFESP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DA EMENDA

**Título da Pesquisa:** Subjetividade e construção da participação social através da internet entre jovens moradores de um bairro de alta vulnerabilidade em Cubatão/SP

**Pesquisador:** Danilo de Miranda Anhas

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 58914316.4.0000.5505

**Instituição Proponente:** Instituto de Saúde e Sociedade

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.221.572

#### Apresentação do Projeto:

CEP/UNIFESP: 1149/2016 - emenda ao protocolo

O aumento do uso da internet tem novas formas de sociabilidade. Enquanto alguns autores, como Bauman (2008), consideram que a internet tem dilacerado os vínculos, há estudos que apontam que as relações estabelecidas na internet podem ser fortalecedoras de vínculos, alteridade, aprendizagens e trocas de vivências e experiências (NICOLACI-DA-COSTA, 2005; GOMES, 2014). Este estudo, financiado pela FAPESP, possui base em abordagem qualitativa e inspiração na pesquisa participante (FALS BORDA, 2006; STRECK, 2006) e netnográfica (KOZINETS, 2014) visa a investigar formas de fortalecimento e construção de estratégias de participação social apoiadas no uso da Internet por jovens da Vila dos Pescadores em Cubatão/SP no âmbito da saúde. Os sujeitos do estudo serão jovens de 15 a 24 anos de idade

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Investigar formas de fortalecimento e construção de estratégias de participação social apoiadas no uso da Internet por jovens da Vila dos Pescadores em Cubatão/SP no âmbito da saúde.

**Endereço:** Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14  
**Bairro:** VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.023-061  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)5571-1062 **Fax:** (11)5539-7162 **E-mail:** secretaria.cepunifesp@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.221.572

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

conforme parecer inicial do projeto.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

solicitação de autorização para uso de imagem.

TCLE apresentado de forma adequada conforme recomendação do CEP.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

documentos apresentados de forma adequada

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

emenda aprovada

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Parecer acatado pelo colegiado

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_971190E1.pdf	11/08/2017 12:01:04		Aceito
Outros	CartaRespostaagosto.docx	11/08/2017 11:58:52	Danilo de Miranda Anhas	Aceito
Outros	declaracaoimagemadultos.pdf	11/08/2017 11:58:21	Danilo de Miranda Anhas	Aceito
Outros	declaracaoimagemjovens.pdf	11/08/2017 11:57:59	Danilo de Miranda Anhas	Aceito
Outros	emendadireitosimagem.pdf	01/08/2017 23:29:57	Danilo de Miranda Anhas	Aceito
Outros	CartaResposta.docx	25/11/2016 15:31:36	Danilo de Miranda Anhas	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	25/11/2016 15:31:02	Danilo de Miranda Anhas	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEprofissionaisdasaude.pdf	25/11/2016 15:30:32	Danilo de Miranda Anhas	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAassentimento.pdf	25/11/2016 15:30:00	Danilo de Miranda Anhas	Aceito
TCLE / Termos de	TCLEresponsaveis.pdf	25/11/2016	Danilo de Miranda	Aceito

**Endereço:** Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14

**Bairro:** VILA CLEMENTINO

**CEP:** 04.023-061

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)5571-1062

**Fax:** (11)5539-7162

**E-mail:** secretaria.cepunifesp@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.221.572

Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEresponsaveis.pdf	15:29:31	Anhas	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEjovens.pdf	25/11/2016 15:28:36	Danilo de Miranda Anhas	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	18/08/2016 12:35:24	Danilo de Miranda Anhas	Aceito
Outros	CEPpag3.pdf	18/08/2016 12:35:11	Danilo de Miranda Anhas	Aceito
Outros	CEPpag2.pdf	18/08/2016 12:34:57	Danilo de Miranda Anhas	Aceito
Outros	CEPpag1.pdf	18/08/2016 12:34:42	Danilo de Miranda Anhas	Aceito
Outros	roteiro.pdf	29/07/2016 13:05:47	Danilo de Miranda Anhas	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO PAULO, 16 de Agosto de 2017

Assinado por:  
Miguel Roberto Jorge  
(Coordenador)

**Endereço:** Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14  
**Bairro:** VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.023-061  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)5571-1062 **Fax:** (11)5539-7162 **E-mail:** secretaria.cepunifesp@gmail.com

## Bibliografia consultada

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Volp. Busca no vocabulário. 2016 Set. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 25 abr. 2019.

ALVES, Humberto Prates da Fonseca. Análise da vulnerabilidade socioambiental em Cubatão-SP por meio da integração de dados sociodemográficos e ambientais em escala intraurbana. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 349-366, dez. 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2018.

\_\_\_\_\_. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **NBR 6028**: resumos: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ALVES, Humberto Prates da Fonseca. Análise da vulnerabilidade socioambiental em Cubatão-SP por meio da integração de dados sociodemográficos e ambientais em escala intraurbana. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 349-366, dez. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF. 06 ago. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: <https://goo.gl/luSfN>. Acesso em: 25 jun. 2016.

BRASIL. Ministério das Cidades. **Implementação de ações em áreas urbanas centrais e cidades históricas**: Manual de orientação. Brasília, DF: SNAPU/Iphan, 2011.

CASTRO, Lúcia Rabelo de. Juventude e socialização política: atualizando o debate. **Psicologia Teoria e Prática**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 479-487, 2009.

\_\_\_\_\_. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v. 16, n. 30, 2008.

CUBATÃO (Município). **Ligações factíveis de esgoto**. Cubatão: Prefeitura Municipal de Cubatão, 2012.

DAEE. **Relatório 2** – Plano Integrado de Saneamento Básico da URGHI 7, Tomo II – Abastecimento de Água do Município de Cubatão, Revisão 5. São Paulo: DAEE, CONCREMAT, 2009.

FARIA, A. A. C.; BARROS, V. A. Tráfico de drogas: uma opção entre escolhas escassas. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 536-544, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FUNEP. **Elaboração de plano de redução de riscos do município de Cubatão**. Cubatão: FUNEP, 2006. v. 1.

HERNÁNDEZ, O. A. **Participación y construcción de la subjetividad social para una proyección emancipatória**. La Habana: CIPS, 2004.

MINAYO, M. C. S. (org.); DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

NOVO MILÊNIO. **Vila dos Pescadores**. Disponível em:  
<http://www.novomilenio.inf.br/cubatao/bvpescad.htm>. Acesso em: 3 mar. 2014.

ONOCKO-CAMPOS, R. Fale com eles! O trabalho interpretativo e a produção de consenso na pesquisa qualitativa em saúde: inovações a partir de desenhos participativos. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1269-1286, 2011.

OZELLA, Sérgio. A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. In: \_\_\_\_\_. **Adolescências construídas**: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003. p. 17-40.

PEREIRA, T. A.; MONTERO, E. F. S. Terminologia DeCS e as novas regras ortográficas da língua portuguesa: orientações para uma atualização. **Acta Cirúrgica Brasileira**, São Paulo, v. 27, n. 7, p. 509-514, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/acb/v27n7/a14v27n7.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

SILVA, A. A.; SOUZA, K. R. Educação, pesquisa participante e saúde: as ideias de Carlos Rodrigues Brandão. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v.1 2, n. 3, p. 519–539, 2014.